

JOÃO LUIZ LACERDA

•

HISTÓRIAS
QUE EU
CONTO

KROART
EDITORES

Rio de Janeiro, 2004

Capa
Teresa Akil

Revisão
Natália Lopes Ramos Maia

Editoração
KroArt Editores

As imagens utilizadas são uma copyright do Master Photos Studio.
Master Photos Studio é uma copyright e com trademark registrado pelo IMSI - 75
Rowland Way, Novato CA 94945 USA.

CIP - Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L137h

Lacerda, João Luiz
Histórias que eu conto
/ João Luiz Lacerda. - Rio de Janeiro : Litteris Ed. : KroArt, 2004
176p. :

ISBN 85-7640-020-0

1. Conto brasileiro.
I. Título.

04-0977.

CDD - 869.93

CDU - 821.134.3(81)-3

KROART® EDITORES

CNPJ 32.067.910/0001-88 - Insc. Estadual 83.581.948
Av. Presidente Vargas, 962 sala 1411- Centro
20071-002 - Rio de Janeiro - RJ
Caixa Postal 150 - 20001-970 - Rio de Janeiro - RJ
Telefax: 2223-0030/ 2263-3141
E-mail: kroart@litteris.com.br
site: www.litteris.com.br

ÍNDICE

Prefácio

Como salvar dona Santinha

Segredo é segredo

A mala

Ao casamento

O pega

Ciúmes

A salvação do casal

Uuummm... doooiiss

Gincana

O melhor do mundo

Noite de candidato

Chico Bitola – um eleitor

A consulta

Receio e medo

Presente complicado

O congresso

Na fila

Questionário incompleto

Cadê o carro?

Profissão: facínora

O julgamento

Gêmeos

Um caso de vaca

A capa
Apaixonado
No baile
O bilhete
A barba
Um grande caçador
Chapeuzinho Quase Vermelho
De pai e filho
Vamos à praia
Caçada noturna
Aniversariante
De madrugada
Fecha a porta, Sininha
Desobediência
Eu sou eu (1)
Eu vi...
Santina
Tinana
Menina
O pedido
O presente
O chicote
Metamorfose
Separação
O plano

Procura-se

Notícia de jornal

Carro novo

Diz que...

Lenço antigo

Duas mulheres

Os filhos do papai noel

Noites de Santo Antônio

Zizinha do Papo

A santa salva

Sabiá no ninho

Alergia

Atendimento em domicílio

Sonhos d'água

Pedro, o Pedro Martelo

PREFÁCIO

João Luiz Lacerda é um singular contador de histórias; o menor episódio por ele vivido, anotado ou captado de oitiva, se amolda à sua pena, ao seu talento; seja numa crônica ou num conto. Vale aqui lembrar “*Meditações críticas sobre a língua portuguesa*”, pág. 19, de Vasco Botelho do Amaral: “Falar ou escrever bem não é falar ou escrever difícil, com termos rebuscados e arrevesados”. É justamente o que não faz o autor de “**Histórias que eu conto**”. Já foi dito, centenas de vezes, que o melhor estilo é não ter estilo. Mas o fato é que todos nós temos estilos, queiramos ou não, e segundo Ortega y Gasset, escrever bem consiste até em fazer pequenas erosões na gramática porque é sempre uma rebeldia contra o ambiente em que vivemos, mas isso não significa buscar palavras diferentes ou chocantes. João Luiz não quer assustar ou chocar o leitor ou como diria Papini, “*titillare la orecchia dei lettori com la bizzaria della novità*”, que é moda hoje. Suas histórias chegam ao que Montaigne imaginava ser o ideal para qualquer escritor, ou seja, assemelhar-se à língua falada. A boa história, ou o bom conto, deve narrar “o mais depressa e com a maior simplicidade possível”, dizia Faulkner, com seu vibrante e rápido estilo; o que não quer dizer que João Luiz siga suas pegadas, mas ele nos faz lembrar do autor de “O Som e a Fúria”, sem, entretanto, tratar, como o autor americano, de situações violentas como pode parecer o último conto, “*Pedro, o Pedro Martelo*”.

São 54 *crônicas-contos* com humor e amor que o autor foi juntando, dia a dia, mês a mês, ano a ano, engavetando, escondendo, sem nenhum outro propósito a não ser o de se satisfazer a si mesmo e aos incontáveis amigos que já o admiravam como ator, diretor de teatro e cronista. Saiu do jornalismo, foi ao palco, escreveu dois interessantes livros sobre teatro, e um lúcido e hábil volume de crônicas, “*Noticioso Ofidioso*”, que não alardeia e o deixa escondido, não sabemos bem porque... Mas este “**Histórias que eu conto**” não era para ficar escondido.

Waldir de Luna Carneiro

COMO SALVAR DONA SANTINHA

Vidinha porreta levava dona Santinha! Cruz credo!

De manhãzinha, já nos afazeres da casa, despachando filho para a escola, gritando com o restante dos cinco filhos que ficavam em casa, catarrentos, arteiros, arrastando bundinhas e pipis pelo terreiro, almoço para fazer, a panelada para arear, jantar à noitinha, cozinha de novo, filharada brigando, chorando noite adentro - e onde o senhor seu marido? O sem-vergonha do Zé Bento?

Ah! o Zé Bento: homão forte, cabeludo no cocuruto e no peito, bigode de amante fogofo, perfumado, apaixonado pelas rodadas de cerveja e palitinho. Zé Bento sempre longe de casa, isto é, da Santinha e dos diabinhos. Sempre afazeres distantes, compromissos inadiáveis, sempre tudo arrumado e prontinho para a sua elegância e conforto. Vidão, hein! Zé Bento?

Mas dona Santinha era boa rezadeira, devota do Espírito Santo que um dia iria iluminá-la e sua vida transformar. E o Espírito Santo não poderia permitir por muito tempo aquele calvário da Santinha. Amém.

Um dia, a bênção chegou.

Numa tarde de sábado, depois que o Zé Bento saiu para cuidar não sei de quê, filharada brigando para pegar rolinha na arapuca, dona Santinha passou a mão no telefone e ligou para o bar do Sidney:

- Zé Bento está?

- Não, minha senhora.

- Pois então, se ele aparecer aí diz que é pra voltar pra casa correndo que dona Santinha teve um enfarto e tá muito mal...

Daí, o bar do Sidney começou a esparramar amigos do Zé Bento a procura dele, e a notícia se espalhou e foi tão longe que o alcançou fazendo carinhos no queixinho macio de uma putinha recém-chegada. Zé Bento esfriou ao ouvir a desdita, coração disparou, e, diante dos seus olhos, surgiram cenas futuras de dias difíceis sem a querida Santinha e a herança dos molequinhos catarrentos. Abandonou os carinhos em longas e desesperadas passadas rumo ao lar, acompanhado de olhares aflitos dos amigos e mexeriqueiros.

A porta da casa já estava entupida de prestativos inúteis, e Zé Bento, atirando gritos de: - deixa passar que sou o marido - atingiu o alpendre,

rompeu a sala e adentrou o quarto conjugal às escuras, com a querida Santinha deitada, enrolada em cobertores, gemendo, gemosa, chorosa, cheia de ais. Zé Bento, pela primeira vez, chorou.

- E o médico? cadê o médico? quem chamou?

Ninguém tinha chamado o senhor doutor...

Novamente Zé Bento rebentou a multidão feito boi bravo, jogou fora a elegância medida, e tirou o doutor Albertinho do consultório pela gravata.

- Que minha mulher tá morrendo - esbravejou.

No quarto escuro, o doutor se aproximou da dona Santinha que pegou na mão do médico, puxou seu rosto para perto do seu e sussurrou:

- Se tenho que morrer, quero chorar minha dor com o médico... manda todo mundo sair, pelo amor de Deus!

Doutor Albertinho rapidamente expulsou todos do quarto, fechou a porta e, num repente, lá estava Santinha sentada na cama, toda lépida. E antes que o doutor tivesse um troço qualquer, dona Santinha foi falando os acontecidos, pedindo-lhe em súplicas para ajudá-la, e falou tão comovente que o doutor, lembrando-se das suas safadezas do antigamente, compreendeu tudo, aceitou tudo e, quem sabe, assim também poderia remir seus pecados.

- Olha aqui, Zé Bento. Por enquanto foi só um susto, um aviso. Se você não cuidar da sua mulher, você fica sem comida caseira boa e barata. A medicina dá o remédio, mas o tratamento é com você...

E que tratamento, gente! Zé Bento se revelou um bendito na cozinha, na pia, na própria cama, e as bundinhas e pipis nunca tiveram tanta atenção!

SEGREDO... É SEGREDO

Dona Tança levantou da cama feliz. Felicíssima. Tomou um delicioso banho, fez um café divino, rodopiou pela casa, e de rodopio em rodopio, abraçada à vassoura, surgiu no alpendre, varrendo aqui, acolá, em todos os cantinhos, o passeio e até a sarjeta. Tanta alegria assim e disposição dava até jeito de também varrer a rua, paralelepípedo um por um. Cantarolava baixinho, mas expandia o som da música incompreensível, um lari-lá-lá que chegou do outro lado da rua e bateu na porta da casa da Mariquinha.

Mariquinha curiosa, fuxiqueira e espadaúda, sentiu suas mãos serem puxadas rumo à fechadura, virarem a chave, e os ouvidos serem chupados em direção à estranha cantoria. Saiu também no alpendre, e para não dizerem que seu nariz era de se meter em via alheia, voltou lá dentro e retornou com a vassoura dependurada no braço. Um olho no chão, outro olho bisbilhotando a dona Tança, os ouvidos pidonchos de curiosidade. E Mariquinha tanto varreu o alpendre, inquieta, que acabou pisando no passeio e suas pernas, que pernas teimosas e insolentes! também a levaram para perto da Dona Tança, misteriosamente cantarolante.

E assim então, juntando cisco daqui e dali, acabou-se juntando cabos de vassoura. Paradas defronte a casa da dona Tança, esfregando e alisando o cabo de vassoura, Mariquinha tentava se embrenhar nos mistérios da felicidade alheia. Mariquinha, mestra no mister de arrancar segredos com exclamações: “invejo você”, “quem me dera”, e “felicidade não encontra o meu endereço”, foi minando as resistências da Dona Tança que, também, já não conseguia segurar mais a explosão de alegria no coração.

- Gostou do meu lenço na cabeça?
- Ah! muito lindo...
- Pois é... por isso que estou assim...
- Ah!... assim... é?

De olhos furtivos para os outros alpendres solitários e som de voz roçando as orelhas, Mariquinha, jurando com o sinal da cruz que segredo ali é mais profundo que em cova de defunto, ouviu da dona Tança que ela estava usando o lenço na cabeça porque...

- Chega mais pra cá, e não vá rir da gente..., mas acontece que esta noite o Zé Toco... sabe, né... entendeu? É isso, me amou profundo, e que gozo divinal! Mas também... depois de tantos dias...

- Ah!... é?

Mariquinha, boa de ouvido, prosa alongada e despretensiosa, continuou longe a conversa em detalhes que acabou detalhando assuntos outros até que a hora do almoço interrompeu confidências e varrições. E se separaram, então, dona Tança e Mariquinha, para os afazeres dos santos lares.

Semana seguinte, dona Tança levantou felicíssima. Tomou um delicioso banho, fez um café divino, rodopiou pela casa e, dançando com a vassoura, pulou no alpendre e vislumbrou do outro lado da rua a Mariquinha felicíssima, cantarolante, com um lenço na cabeça e, mais além, ali e acolá no quarteirão, mais felicíssimas e cantarolantes com lenços na cabeça...

Ah! Nesta noite os amores foram mesmo profundos e profusos!

A MALA

Tancinha estava aflitíssima. Há mais de dois meses sonhava com aquela data. Fizera planos e, também, muitas compras. Afinal, queria sobressair-se na festa de casamento do Toinzinho, rapaz fino, educado e muito querido. Quanto à noiva, sei lá, não a conhecia direito, dizia sempre. A todo instante, os olhos da Tancinha empurravam os ponteiros do relógio, ansiosa para entrar no ônibus que a levaria ao sonho, à fantasia, aos reencontros falantes e discretos. Pouco importa.

Zé Pança, estirado no sofá, assistia à televisão, quando a mulher, histérica, cobrou dele as últimas providências. Zé Pança bocejou, disse que a noite ainda engatinhava e quando começasse a madrugada é que o ônibus criaria pernas e que... achou melhor sair dali e acudir a ansiedade da mulher. Tomou um café, queimou um cigarro, foi ao quarto e deparou com aquele trambolho em cima da cama. Lá estava, aquela mala da lua de mel, visita à sogra e à Aparecida do Norte. Ao lado, o monte Everest de roupas, sapatos e bugigangas da mulher. Resignado, Zé Pança foi colocando roupa, enfiando peça e panos. Conseguiu chegar ao fim e aí então a tragédia, o sofrimento, a desavença. Por mais que se esforçasse, não conseguia fechar a maldita. Praguejou, resmungou, suou e a mala a sua frente, gordona, com a boca aberta, vomitando panos pelos lados. Zé Pança gritou. Tancinha veio correndo. Zé Pança esperneou, reclamou de muita roupa, coisas inúteis, que diminuísse a quantidade e o volume. Tancinha alteou a voz, estufou os peitos agora mais crescidos e redondos, ameaçou choro de mulher incompreendida, sofrida. Gemeu que a escravidão e a morte seriam retratos de esposa e mãe. E fungando, foi para a cozinha.

Zé Pança, espremido naquela situação, lançou-se com ódio e desespero sobre a desdita. Em cima dela pulou. De lado puxou. E tanto fez e forçou

que o zíper estourou. Pronto! Tancinha viu o estrago e misturou choro e lamentação. Zé Pança pensou, matutou, refletiu e, pouco depois, chamou a desolada esposa. A mala espirrava pequenos pontos de roupa, amarrada e apertada com cintos e cordas. Tancinha gritou desesperada:

- Esta feiúra? Nunca! Nunca!

Agora, o tempo corria apressado e Zé Pança tentava convencer a desesperada esposa que viajasse sozinha de madrugada e que ele, de manhãzinha, iria lá na Casa Ribeiro comprar outra mala “mais maior”, mais bonita, mais resistente. Era a única solução. Falou e falou, e, de madrugada, o ônibus partia com a Tancinha sozinha, acompanhada de uma sacola emergencial. De acordo com o falado, combinado e prometido, cumpriu Zé Pança sua estafante tarefa e, à tarde, se juntava à mulher radiante e feliz nos rodeios femininos de abraços, suspiros e olhares curiosos.

Toinzinho casou. Linda festa. Tancinha adorou tudo, inesquecível. Assunto para sobrar até para os netos. Zé Pança satisfeito, dever cumprido. Tancinha mansinha.

De volta ao doce lar, Zé Pança assistia à TV quando um berro explodiu. Pulou da poltrona, correu até o quarto e, da porta, viu, atônito, a baforda de roupas espalhadas pela cama e, a sua frente, uma leonina Tancinha, com olhar raivoso e interrogativo, perguntando-lhe de quem era aquela calcinha estranha e desconhecida que se escondera na mala!

- De quem?... De quem?...

AO CASAMENTO

Sábado chegou. Ele retornou para casa mais cedo, depois de ter volteado pela praça, proseando aqui e ali, deixando o almoço sumir no estômago. Ela, que passara os últimos dias rodeando a costureira, recebe-o aborrecida. O vestido estava com um pequeno defeito e o modelo não era o do seu gosto. E agora? perguntou ela. E agora? perguntou ele, sem ambos saber a resposta. Ela mexeu no guarda-roupa, empurrou cabide para lá, subiu na banqueta e, aflita, despejou roupa das prateleiras, mexeu, remexeu, resmungou, e tanto procurou e revirou que, por fim, passou a mão no vestido que a costureira fizera, debruçou-se sobre a máquina de costura e corta aqui, costura ali, achou que aquele vestido, na falta de outro, era a única alternativa.

- Que droga! exclamou baixinho. Vou com este mesmo...

Ele deitado e ela enfurnou no banheiro. Lava, ensaboa, depila, seca cabelo. O tempo passando. Ela grita lá de dentro:

- Já tá pronto?

Ele levanta da cama. Banheiro ocupado, sai para o outro, junta toalha, tem barba por fazer. Ele começa a rotina da elegância, as horas passando, e os minutos forçam os dois a aligeirar os tratos do corpo, mas os minutos não esperam que eles se aprontem e vão em frente. E, por isso, os dois correndo pelo quarto, arrumam-se, trombam-se no espelho, transpiram apressados e, finalmente, fecham a porta da casa.

- Mas... você não mandou lavar o carro? Veja só que sujeira... e todos lá estarão limpinhos...

- Também você usa o carro a semana toda, não dá tempo para nada, parece que mora dentro dele!

Sai o carro pelas ruas. Vira daqui, dobra acolá e aponta a torre da igreja, e a igreja para o carro.

- Mas não estou conhecendo ninguém...

- Nem eu...

- Despista... acho que o casamento já acabou!

De volta para casa, silenciosos. E agora? Discutem, opinam.

- Vamos à festa?

- Mas como? Se não estivermos na cerimônia religiosa?

Desmancham a elegância, aborrecidos. Andam pela casa, inconformados. Tão amigos do noivo, da noiva, do pai da noiva, da mãe do noivo. Ela pega o convite para jogar no lixo, lê e grita para ele:

- Querido! o casamento não é hoje, é a semana que vem!

E aproveitam o fim de noite cultuando a televisão.

Outro sábado, o ritual se repete. Corre-corre, arruma-arruma, perfume no pescoço e talco no sapato. Hora marcada, tudo pronto, carro limpo. Enfim, vamos para o casamento.

Zóc...zóc...zóc...

Ronrona o carro que não se movimenta. Gira a chave diversas vezes... que bobagem!

- Mas você não pôs gasolina?

- E você... que não sai deste carro... por que não cuida disso?

Chamar o táxi a essa hora... não vai dar tempo e, além do mais, que vexame! as perguntas sobre o carro... que coisa mais chata!

De volta para dentro da casa, aborrecidos. E agora? Um pergunta, o outro dá de costas. Um vai até à geladeira, mexe, remexe, abre uma cerveja e bebe em silêncio. Outro, vai lá na geladeira, enfia a mão, abre a outra cerveja e também bebe em silêncio. Algumas horas depois, na zonzeira do silêncio, apoiam-se no sofá, deslizam para o tapete e, em sussurros, comentam o casamento, o dia em que se juntaram. E o ritual do amor expulsa o fantasma dos desacertos.

O PEGA

Quando Firmina voltou da rua, encontrou o Zé Rolha lá no quintal, cigarro na boca, ensimesmado debaixo do mamoeiro. Voltou para dentro da casa, revirou as coisas, retornou ao quintal e falou para o Zé Rolha:

- Estou com desejo de comer frango ensopado. Vai lá no galinheiro e pega um para mim.

Zé Rolha relanceou a cabeça, pensou um pouco e, por mais um pouquinho, tentou erguer-se, apoiando-se no mamoeiro. Tropeçando, não chegou no galinheiro, entrou foi dentro da casa, pegou a garrafa em cima da mesa junto aos pratos e talheres e copos, tomou um trago de meio copo, rodou nas pernas, apontou rumo da porta e marchou para o galinheiro.

- É aquele ali que vou torcer o pescoço.

Falou baixinho, olhando para o frango de penas marrom, grande, desengonçado. Adentrou o toско galinheiro, abriu os braços, escancarou as pernas bambas, cercando a vítima que desconfiou galinaceamente daquele tipo, correu para um lado, pulou para o outro na desordem e na algazarra das companhias penantes. Corre daqui, corre de cá, tropeça nos paus, nas pedras, espalha ave, voa pena, cacarejos ruidosos. Zé Rolha gira e se espatifa sobre a bacia de água e titica. Resmunga raivoso, revoltoso, chuta uma pedra, avança cambaleante, balanceia o corpo diante do frango que corre para um lado e vira rápido para o outro, e o caçador despenca sobre a cerca de tela do galinheiro que também arreia ao chão e abre a liberdade do terreiro para a avezada.

Firmina desconsolada, acostumada às ações inúteis do bêbado, retorna a casa com desejos distantes de frango ensopado para o almoço.

Mas Zé Rolha é persistente. A zonzeira assanha a vontade. Levanta aos trambolhões, dá uma pausa à luta. Vai à cozinha, bate a mão na garrafa, acode desesperado. Desesperadamente, pratos e talheres e os copos fogem para o chão em sonora fanfarra. Mas parte da garrafa se salva. Zé Rolha vitorioso, contorce o corpo e joga o braço na panela de feijão em cima do fogão. Acode agora a panela de arroz, e morrem cacos da garrafa semi-salva. Firmina socorre desesperada e não percebe o empurrão embriagado do marido, e culpadamente empurra também o filtro de água que agora lava o chão do óleo, do arroz, dos copos, da pinga, do feijão e do não sei o quê mais, ah! sim, do orégano, da salsinha, do cravo da índia, ah! também das sementes dos infelizes tomates.

No galinheiro, em silêncio medroso, chega o escarcéu da barafunda caseira. E como ave desesperada voando em fuga, Zé Rolha atravessa a porta, pisa no quintal, balança a cabeça, zozzo, perdido, olha para o frango marrom...

- Você me paga, desgraçado...

Firmina se contentou com um prato de sopa de fubá no almoço.

CIÚMES

Dona Tança viu o marido atravessar a sala, abrir a porta e tomar a rua com os dedos estalando. Fez cara de quem não estava gostando, largou tudo na pia da cozinha e saiu correndo para o alpendre, enxugando as mãos no avental.

- Lá vai ele de novo mexer com aquela cadelinha!

E não deu outra. Zé Toco, agachado no meio do passeio, alisava docemente a “Marta Rocha”, uma cadelinha vira-lata, peluda, de olhar submisso e indefeso.

- Vai trabalhar, homem de Deus! Larga essa porcaria imunda!

- Ara, mulher, a “Marta Rocha” é uma coitadinha!

Dona Tança já não aguentava mais aquele apego do marido ao animal sem raça. Saía de casa para o serviço e lá estava a desgraçada abanando o rabinho, toda dengosa, esperando pelo Zé Toco. Dali, seguiam juntos para o trabalho. E quando voltava, voltava a “Marta Rocha” grudada nos seus passos. Não entrava dentro de casa porque, nos primeiros dias, dona Tança aplicou-lhe uma vassourada que arrancou brados e xingatórios do Zé Toco. Agora, ficava do lado de fora, no cantinho do alpendre, onde o marido levava água, comida e carinho. Carinho que ela, Dona Tança, esposa dedicada, extremada, não recebia mais assim tão facilmente. A vontade era de dar sumiço no animalzinho aproveitador dos dengos e afagos do homem. E nem adiantava lamuriar ou xingar porque Zé Toco defendia a “Marta Rocha”. Estava apaixonado pela cadela.

Dona Tança pensava em sair correndo atrás da bichinha com pedaço de pau na mão, e não o fazia porque seria ridícula a cena. Porém, não parava de matutar, de engendrar maneiras mil de acabar com aquele namoro. Assim, aproveitou certa tarde quando o marido tomava banho, foi lá na cozinha e preparou um suculento pedaço de carne, misturou um pouco de veneno de rato e, com sorrisos e mais sorrisos, os dentes brilhando de falsa bondade, jogou para a “Marta Rocha”. Voltou para dentro de casa e ficou espiando pela fresta da porta semiaberta. A cadelinha se aproximou, cheirou a carne, levantou o focinho, olhou para a porta, baixou o focinho novamente, novamente roçou a carne, deu meia-volta e foi deitar-se do outro lado do alpendre de onde ficou olhando tristemente a oferta.

- Desgraçada de cadela sem-vergonha!

Grunhiu dona Tança, vermelha de raiva, quase chorando. E daí em diante resolveu apelar para velas na sexta-feira e orações fervorosamente rezadas. Quando Zé Toco saía para a porta da rua, ela corria para o interior da casa, expelindo maldições, imaginando os carinhos trocados, invejando as atenções que a maldita vira-lata recebia do seu homem. E Zé Toco nem comentava o seu apego com o animal. Sabia que isso irritava a mulher. Sentia isso no dia a dia, mas que mal há?

Finalmente, a alegria voltou a brilhar nas bochechas carnudas da dona Tança. “Marta Rocha” sumira e já era por muitos e muitos dias. E de satisfação lavou o alpendre com muito mais capricho e mais cuidadosamente passou a usar um vestido de seda que denunciava curvas de há muito abandonadas.

Não durou muito o sumiço. Um dia, dona Tança foi pedir pimentão na vizinha da frente e, para sua surpresa, lá estava a “Marta Rocha” toda empetecada, limpinha, guardando resguardo, com quatro lindos vira-latinhas. Dona Tança se emocionou, que gracinha! fazia tanto tempo que não acariciava recém-nascido! Podia odiar “Marta Rocha”, mas a maternidade unia a duas criaturas e, juntas, se perdoavam. Ficaram amigas, e dona Tança ganhou um casal de filhos, isto é, filhotes. E sua vida, agora, passou a girar em redor dos dois engraçadinhos rebentos. Zé Toco começou a aborrecer-se com tanta dedicação e amor da mulher: comidinha, papinha, caminha gostosa, cachorrinho na cama, na sala de televisão, comendo no prato, lambendo a mão de Dona Tança e... era demais!

A mulher não estava nem aí com os incômodos do marido.

Certa tarde, enquanto dona Tança tomava banho, Zé Toco foi lá na cozinha e começou a preparar uma apetitosa carne onde misturou veneno de rato...

A SALVAÇÃO DO CASAL

- Você vai sair?

Pergunta dona Tança, aborrecida, cansada de ver o Zé Toco, todos os dias, saindo de casa àquela hora.

Zé Toco, como excelente marido na sua convicta filosofia, dá de costas e não responde. Calça o sapato, depois de ter tomado banho, feito a barba, vestido roupa limpa e passada pela dona Tança, faltando agora só umas pinceladas no cabelo.

Dona Tança, mordendo os lábios de ódio, ciúmes, desespero e loucos desejos de desabafo, anda para a cozinha, vai ao quarto, volta à cozinha, levando nos pés a chinela de bater na bundinha dos *toquinhos*.

Não é de hoje que o Zé Toco vive dando suas saídas furtivas e não é de hoje que dona Tança ensaia um arranca-rabo pra valer. E tudo sempre fica nos planos, nos pensamentos ensaiados e repetidos em silêncio. Mas parece que hoje, neste momento, algo deverá acontecer. Aguardemos atentos.

- E jantar... você vai? A comida tá pronta!

- Não enche o saco, mulher! Quando tiver fome eu vou lá e como o que quiser!

Começando com uma fungada no nariz e uma entortada nos lábios, sinal de choro, dona Tança percebe que o coração pula na boca e as palavras saem em vômitos:

- É... eu sei... você não quer mais saber de mim. Já tem outra em sua vida... e eu... e eu...

- Ara, mulher, não enche! Não tem outra mulher, não!

- Tem sim.

- Não tem, pô! E se tivesse? Acha que você é a única no mundo?

- Mulher só vive pra sofrer... e os filhos, que será dos nossos filhos?

- Escuta aqui: não aporrinha que quero tomar minha espumante numa boa, tá legal? E tem mais: se você abrir a boca mais uma vez, eu saio por aquela porta e não volto mais. Tá escutando? Que não tolero mulher mandar em mim! E vai chorar lá no quintal com as galinhas!

Dito isto com firmeza, decisão, convicção, com som másculo para nenhuma academia de musculação achar defeito, Zé Toco dançou suave a palma da

mão sobre os cabelos, levantou a cabeça e caminhou firme para sair. Abriu a porta do lar em crise e, neste justo momento, chegava a dona Hermengarda.

- Que diabo! Logo neste justo momento! Ó meu Deus!

Dona Hermengarda - para quem não a conhece ainda - vamos dar algumas informações rápidas que o Zé Toco está a fim de uma espumante. Pois bem. Dona Hermengarda, também socialmente conhecida como dona Garda, é uma viúva que, dizem, o marido se suicidou para não perturbar-lhe a vida. Dona Garda, vamos tratá-la assim com todo respeito, tem lá seus sessenta anos, rosto redondo, vermelho, não se sabe de saúde ou de raiva. Seu corpo, logicamente, não é aconselhável para o uso de maiô e ocupa com resmungos as portas das casas. Destaque-se seus braços varonis, talhados na luta da vida, lavando roupa, carregando malas de roupa, e tempo houve que rachavam lenha. Mas não alonguemos as informações porque o Zé Toco, não podemos esquecer-nos, já ia saindo firme para a costumeira tarefa da espumante no copo.

Mas... só um recatado detalhe: ela é a distinta sogra do Zé Toco.

- A Tança *tai*?

- Oh! sim, está sim, lá no quarto... sei não, acho que na cozinha... cortando cebola para o jantar...

- Ainda bem, que quero que ela faça um chá de hortelã pra mim que estou com os nervos na ponta dos cabelos...

- Sim... sim...

Dona Garda vai entrando e, de costas, fala sem pudor e sem reboleio:

- Enquanto a Tança esquentar a água, vai lá no quintal e apanha a hortelã pro meu chá...

Espumando raiva e obediência submissa, Zé Toco não só apanhou a hortelã como fez o chá que, de acordo com as sábias e irretocáveis palavras da sogra dona Garda, só ele sabe fazer, e ainda descascou as cebolas porque dona Tança tinha que providenciar o resto do jantar requentado.

Só para atender à curiosidade de um ou outro leitor, eu posso afirmar que o papo entre os três varou altas horas da noite e com muito chá de hortelã nas canecas.

UUUMMM... DOOOIISSS...

Pedrão tomou coragem e chegou pro seo Anastácio e foi dizendo:

- Tô querendo *casá ca* Gertrudes sua filha!

Seo Anastácio, homem vivido e honesto, coçou o queixo pra lá e pra cá, olhou bem para o Pedrão e, como se falasse a um filho, aconselhou:

- Olha aqui, Pedrão! Pensa bem, matuteia bastante, porque a Gertrudes não é a moça que você tá pensando. Aquilo tem um gênio desgraçado de ruim... pensa bem!

- Não tem importância, a gente vai se dar bem. Se você me der a honra, eu cuido dela dentro dos conformes.

Não havia jeito mesmo, e seo Anastácio compreendeu que o coração do Pedrão já estava imbicado no coração da Gertrudes. No entanto, a missão dele fora cumprida. Pedrão estava avisado sobre as *genieices* da Gertrudes. E ali mesmo acertaram noivado, casamento e festança para tempo não muito longe.

Até que o noivado deslanchou em calmaria, sorrisinhos, enxovais e muitos planos. Mas, mesmo assim, na véspera do mão pra lá e mão pra cá, seo Anastácio puxou o Pedrão *prum* canto e mais uma vez falou solene, mão pousada no ombro do futuro genro:

- Olha aqui, Pedrão! Ainda tem tempo. Se quiser desistir do casamento... lembra bem, a Gertrudes é geniosa, pensa bem...

Imbicou, imbicado está, e Pedrão dia seguinte estava no altar com a Gertrudes. E depois festa com novinho, foguete, biscoito de polvilho, broa de fubá e muito doce. E mais depois, lá pelas tantas do dia, com abraços e beijinhos, Pedrão juntou a Gertrudes em cima da égua de estimação e trotaram em silêncio para o sítio - a nova morada da Gertrudes.

Sol adormecendo para um lado e a égua marchando para o outro quando, em dado momento, o pobre animal, com dois no lombo, deu um tropicão e quase vai à terra. Nesse instante, Pedrão quebrou o silêncio da viagem com um resmungo seco e bravo:

- Uuuuummm!!!

Gertrudes em silêncio ouviu, no silêncio não entendeu e a viagem continuou, avançando noite escura.

Depois de um certo tempo, mais uma vez a pobre égua falseou nas patas, e outra vez a voz do Pedrão repicou:

- Dooooiiss!!

Gertrudes, pregada no traseiro do animal, ouviu, desentendeu e aninhou o mesmo silêncio do início da cavalgada.

E continuaram o trote até que, já pertinho, assim-assim da casa do sítio, a eguinha não resistiu, deu outro tropicão, arreou de vez e jogou o casal para fora da sela. Pedrão levantou rápido, levou a mão no cinturão, tirou o trabuco, mirou na cabeça do animal e deu fim na égua. Assim feito, soltou sua voz seca e misteriosa:

- Trreeeiiss!!

Dali, acabaram de chegar em casa. Entraram. Pedrão acendeu a lamparina. Gertrudes vistoriou a sala e Pedrão foi pedindo um café bem quentinho. Mas Gertrudes, ao chegar na cozinha, não se conteve e resmungou, desanimada, que fogão de lenha dentro de casa era muito ruim, fazia fumaça e quando a lenha estava molhada então... nem terminou a falação que a voz misteriosa do Pedrão ecoou:

- Uuummm!!

Gertrudes silenciosa, Pedrão calado. Juntos sorveram o café quentinho. E agora, com um olhar de um para o outro, juntaram a mala, pegaram a lamparina e entraram no quarto para dormir. Em um canto, um guarda-roupa, depois a cômoda com espelho e ali a cama. Gertrudes começa a arrumar o leito conjugal e comenta que o colchão é de palha, incomoda muito, faz até muito barulho e o que não será então com duas pessoas por cima e que... parou repentinamente porque, nesse instante, a voz cavernosa e seca do Pedrão reboava pelo quarto:

- Dooooiiss!

... e assim foram felizes por muitos e muitos anos!

GINCANA

Praça apinhada de gente de todos os tipos. O alto-falante anuncia a quinta tarefa da gincana: “trazer um bêbado sujo, maltrapilho e, meia hora depois, apresentá-lo limpo, roupa nova e barbeado”. Correria geral, pneu cantando no asfalto, olhares buscando bêbado por todo lado.

Antônio Quarenta-e-Oito, mais o Chiclete e o Fininho se deslocaram para o bairro dos “Arnaldos”, voaram para os “Davis” e continuaram para o “Alto do Morro”, depois a “Feira”, e nada de encontrar bêbado de acordo com o figurino. Tarefa difícil, sô, ainda mais debaixo daquele sol das duas horas. Aflitos e desanimados, faziam o caminho de volta quando viram, na porta de um boteco, perto da igrejinha do “Cruzeiro”, a preciosidade. Encostado na porta, sujo, bafo de pinga espantando até cachorro vira-lata, um pé no passeio e o outro no boteco “Cantinho da pinga”, Zé Fumacinha tentava segurar as pernas. Freio cantou, ré no carro e o bando pulou, afoito, diante do distinto. E agora...?

Combinaram que chegariam de mansinho para não assustar o ilustre e fazer ofertas o mais rápido possível que o tempo tinha pernas de avestruz.

- Olha, moço - começou o Antônio Quarenta-e-Oito - nós estamos precisando de você. Se acompanhar a gente, nós pagamos duas garrafas de pinga e muita comida... sabe cuméquié, né? é negócio de gincana, coisa e tal... pode confiar na gente...

Zé Fumacinha tentou forçar o olhar, segurar as pálpebras, não entendeu nada e muito menos conseguiu falar coisa com coisa. Grunhiu.

- Olha, moço - insistiu o Quarenta-e-Oito - nós precisamos de você. Vem com a gente. Nós vamos tratar bem de você. Dar comida, muita cachaça, roupa limpa e um bom banho...

- Êpa!...

Reagiu o Zé Fumacinha. Abanou a cabeça de um lado para o outro e emendou:

- ... *num vô tomá banho, não sinhô!*

Cambaleante, mexeu o corpo e procurou firmar com as mãos a zonzeira, apoiando-se na porta.

Começou o vai-não-vai. Zé Fumacinha balbuciando que não tomava banho, imaginando-o peladão debaixo do chuveiro, aquele pessoal todo passando a

mão nele. Os três gincanistas pelejando, insistindo, e o pessoal do boteco já de orelha em pé, quando surgiu o grupo do Julinho da dona Rosária em outro carro:

- Gente... aquele eu conheço... é o Zé Fumacinha! já paguei muita pinga pra ele. Se o Quarenta-e-Oito não conseguir nada, eu consigo...

E o bolo na porta do boteco aumentou. Os ânimos se exaltaram que o Quarenta-e-Oito não concordava com a intromissão dos concorrentes. Gente juntou, o vozerio perturbou o sossego do “Cantinho da pinga”, puxa pra cá, puxa pra lá até que o Zé Fumacinha catibum no chão com tanta zoeira.

Neste justo momento, para acabar com tanto reboliço, surge a “justa” com o camburão sob medida e, depois de muito bate-boca, palavrão, empurra-empurra, rebocou todo mundo para a delegacia.

Mais tarde, lá na praça, o alto-falante complementava a quinta tarefa:

“... além do bêbado, era preciso trazer também os concorrentes que tinham desaparecido durante a prova...”

O MELHOR DO MUNDO

O ônibus parou na rodoviária. Com a sacola na mão direita, ele desceu, deu alguns passos rumo a um barzinho. Parou, olhou para os lados, levantou o ray-ban para melhor se localizar, quando o Zé Pança se aproximou:

- Está procurando alguém?
- É... estou procurando um hotel...
- De onde vem?
- De São Paulo.
- E o que você faz?
- Sou jogador...

Não teve tempo de terminar a fala. Rapidamente, Zé Pança tentou pegar a sacola e foi falando:

- Já sei, já sei... pode ir para o Hotel “Toca do Rato” que fica ali perto da praça. Fala que é por ordem do dr. Melquíades que eles já sabem... seja bem-vindo e... como é mesmo o seu nome?

- Clarimundo...
- Hotel “Toca do Rato”, viu Clarimundo! A gente estava esperando você... vou lá avisar o dr. Melquíades e, logo-logo, a gente se encontra no hotel...

E saiu desabalado à procura do doutor.

Clarimundo não entendeu nada e caminhou para o hotel. Surpreendeu-se quando disse que estava ali por recomendação do dr. Melquíades. Foi bem tratado e nem precisou preencher a ficha. Ficou sabendo que ele devia ser o jogador, que o time estava tinindo, que ele era a “arma secreta” para o próximo jogo, e blá, blá, blá...

Zé Pança foi encontrar o médico saindo de viagem urgente e foi instruído para dar toda atenção ao craque, e que não se esquecesse de avisar imediatamente o técnico do time.

No hotel, Clarimundo sorvia todas as vantagens de uma mordomia esportiva. E só se assustou quando o Zé Pança avisou que o técnico viria conhecê-lo, e que, mais tarde, haveria o último treino no estádio “Fonte das Seriemas”. Mais que depressa, Clarimundo resolveu voltar para o quarto a fim de refletir sobre o que estava acontecendo.

Enquanto analisava a sua condição de craque de futebol, uma multidão curiosa começava a formar-se na porta do hotel, desejosa de conhecer a nova aquisição do time da cidade.

- Um assombro! – comentava-se.

- O melhor do mundo! – entusiasmavam-se vozes apaixonadas.

Clarimundo achou por bem ficar no quarto, escondido. Inventou dor de cabeça muito forte, fortíssima, por causa da viagem. E agora? Pensava com seus botões, isto é, suas cartas: como faria para explicar que era jogador de baralho sem criar tumulto e evitar a reação daquele povaréu! Assim, julgou melhor continuar doente, excessivamente doente.

Nem Tecão, o técnico, foi atendido. Apenas conseguiu ver a cara do Clarimundo, ouviu claudicantes palavras de queixume e da falsa dor de cabeça e...

- ... dá licença... estou muito cansado... preciso de muito repouso...

- E então?

- Pelo jeito, o sujeito é bom de bola. Esse Clarimundo é mesmo o melhor do mundo!

Confirmou Tecão enquanto pedia uma garrafa de água tônica, explicando que água tônica era bebida de técnico de seleção e que, com o Clarimundo, o time vai mesmo fundo!

A cidade reverberou em comentários e ansiedade. A notícia da chegada do jogador sacudiu os torcedores, e a dor de cabeça do atleta fez cair sobre a portaria do “Toca do Rato” caixas e mais caixas de analgésicos (até mesmo uma caixa de regulador feminino despontou entre as ofertas).

Tanta euforia não era para menos. Afinal, no domingo, o time jogaria contra o “Arranca-Toco de Futebol e Regata” da vizinha cidade, feroz adversário, e que provocava inveja e rancor com sua camisa de três cores: amarelo, roxo e vermelho, e, acima de tudo, pelo “Regata” no nome. Além do placar, era aguardado o resultado do quebra-quebra que sempre ocorria nas confrontações memoráveis entre os times.

Desta vez, a vitória será dupla: na bola e no braço!

- Craque que é craque não precisa nem de treino – sentenciou o Dr. Melquíades enquanto mandava o Zé Pança levar preciosos trocados para o atleta.

Com o time completo e reforçado, a prefeitura ofereceu os foguetes que sobraram da festa de aniversário da cidade e ainda convocou a Banda “Lírios da Saudade” para ajudar a charanga do time. A vitória valia ouro. Listas com contribuições pipocaram pela praça, e os abnegados torcedores e cidadãos manifestavam inteira confiança na vitória.

No domingo, a pracinha regurgitou. Bandeiras tremulantes varavam a cidade. Alto-falantes espantavam os pardais. Só o padre Bento tentou invocar com tanta dedicação ao esporte quando a alegria começou a perturbar a santa missa. Não reagiu no sermão porque suas palavras poderiam provocar o repúdio dos fiéis, mas observou que a coleta do domingo estava sendo muito generosa, como nunca vira antes.

Trancado no quarto, Clarimundo padecia a falsa dor de cabeça, minhocando planos para sair dali. Abria a porta para um ou outro recado ou cumprimento. Estendia a mão para as colaborações que chegavam como doce de aniversário. Desculpava-se, dizendo que precisava permanecer em concentração até na hora do jogo e pedia para que não viessem buscá-lo... para evitar tumultos. Ele sairia escondido do hotel e surpreenderia o time adversário dentro do campo. E arrematava que a torcida podia contar com seus gols maravilhosos e festivos.

Hora do jogo. Campo lotado. Time do “Arranca-Toco” assustado com tanta euforia. Vestiário ansioso para receber “o melhor do mundo”. Zé Pança é despachado para o hotel a fim de informar-se se o craque saíra para o jogo. De lá, Zé Pança volta com a notícia de que o Clarimundo deixara o hotel com a sua sacola há mais de uma hora.

E... nada de o homem chegar. E nada de alguém encontrar o craque pela cidade. O tempo passando. Foi aí, então, que o Zé Pança, desesperado, gritou dentro do vestiário:

- É isso aí, gente! O Clarimundo foi seqüestrado pelo time deles para a gente não ganhar este jogo... foi isso... nosso craque foi sequestrado!...

O grito de sequestro subiu as escadarias do vestiário, passeou pelas arquibancadas e escapou pela cidade...

Mais tarde, debaixo dos eucaliptos, o delegado dr. Severo, o cabo Vito e meia dúzia de soldados, impotentes, assistiam, apavorados, a torcida e os jogadores caçarem como codorninhas indefesas os combativos atletas do “Arranca-Toco de Futebol e Regata”!

NOITE DE CANDIDATO

Beirava meia-noite quando Zé Pança voltou do frustrante comício.

Abriu a porta da casa, acendeu a luz e viu a água que escorria do seu corpo ensopado, deslizava pelo sinteco, indo esconder-se debaixo do tapete polpudo. Ali mesmo tirou os sapatos e, tiritando de frio, correu para o chuveiro. Depois do banho, mais reconfortado, enxugou a molhança que fizera pela casa, tomou café com biscoito de polvilho, desses que fazem craac-craac na boca. Em seguida, foi escovar os dentes. Tudo era silêncio na chuva que pingava no telhado. Cuidadosamente, jogou as cobertas sobre si naquela cama quentinha. Lá fora, a natureza esparramava água ininterrupta e fria. Zé Pança puxou o corpo macio da Tancinha. Lentamente, começou a acariciá-la, e quando Tancinha cedeu aos chamamentos da carne, a campainha tocou. A campainha insistiu. Zé Pança resmungou. Praguejou. E saiu da cama.

Ao atender à porta, Zé Pança deparou diante de si com uma figura que ele, agora candidato, chama de “cidadão”. Assustado com aquele indivíduo encharcado e miserável, ouviu a tragédia que o trazia àquela casa, àquela hora, naquela chuva: estava aflito, era seu eleitor de voto e campanha, pobre, mas não queria dinheiro! Que, pelo amor de Deus, salvasse a vida da Zu que agonizava em casa.

- Pelo amor de Deus, doutor Zé Pança!

E o cidadão chorava, fungava, gemia de aflição e frio.

Era um precioso voto, talvez votos de toda uma família e a ação do Zé Pança se espalhando na campanha, entupindo urnas vitoriosas. Apressadamente, ele trocou de roupa, tirou o carro da garagem, enfiou nele o pobre cidadão-eleitor e carregou para a casa do infeliz. Bem longe, na lama e na escuridão da periferia, Zé Pança entrou no casebre miserável, foi até o quarto. Lá, deparou com a Zu estirada na cama de papelão onde já começava a esticar as patinhas, final da agonia. O cidadão, mais que depressa, apanhou com carinho a cadelinha agonizante e saiu com ela para o carro, pedindo, mais uma vez, pelo amor de Deus, que o levasse ao hospital. Uma cadela socorrida por um voto garantido: Zé Pança se conformou e retornou à cidade rumo ao hospital. Tocou a campainha do pronto-socorro e apareceu a enfermeira. Zé Pança pediu o médico de plantão, que o acordasse, que o caso era rápido. Instantes depois, o sonolento médico aparece. Zé Pança narra o acontecido, o médico franze a testa, crispa o rosto, esbugalha os olhos, enrijece as

mãos e até o coração de tanta raiva. Olha o animal e pragueja um fedapê caprichado:

- Toda semana este desgraçado aparece aqui com um animal morrendo...isso é caso de polícia!

Saiu resmungando, deixando Zé Pança atônito, o eleitor chorando e a cadelinha Zu durinha no chão com a alma procurando caminhos desconhecidos. Nervoso, Zé Pança empurrou o cidadão para dentro do carro, levou-o de volta para o casebre, silenciosos. Retornou ao lar revoltado e preocupado com a possibilidade da perda de votos.

Guardou o carro, mas perdera a chave da casa. Tocou a campainha, esmurrou a porta, pulou o muro, bateu na janela do quarto. Tancinha rosnou e xingou lá de dentro. Levantou-se, arrastou o sono, pingando pragas e expelindo maldições. Abriu a porta. Zé Pança entrou, espirrando água por todo lado. Tomou outro banho para se acalmar. Sorveu um chá quente para amansar. Foi para a cama. Estava gostoso o calor das cobertas, da Tancinha. Acariciou-a. Tancinha renitente. Aos poucos, foi cedendo, cedendo... até que o telefone toca. O telefone insiste. Zé Pança interrompe a tarefa conjugal. Sai da cama, vai até à sala. Atende. Do pronto-socorro, a enfermeira pergunta o que era para ser feito com o cadáver da Zu!...

CHICO BITOLA - UM ELEITOR

Zé Bento acordou bem cedo, fez o café cheiroso, arrematou um pão com manteiga para dentro do estômago, caprichou no penteado, escolheu rigorosamente a roupa, abraçou o pacote e saiu. Apesar de haver poucas pessoas àquela hora, sentia-se importante com o cargo de Presidente de mesa na eleição. Chegou ao local determinado, procurou a sua seção, e, vaidoso, sério, distribuiu bons dias para os mesários. Era a sua primeira eleição e a primeira com o cargo de Presidente. Determinou tarefas, fez recomendações, aprontou tudo para o início do dever cívico. Lá pelas tantas, calmaria geral, quando Zé Bento olha para a porta e vislumbra um eleitor encostado, mudo, fitando o interior da sala. Zé Bento manda o sinal de adentrar. O eleitor se aproxima lentamente.

- Nome?

- Chico Bitola.

- Ah! sim... Francisco Bitola.

- Não, moço! É Chico Bitola. Minha mãe e meu falecido pai sempre *falou*: Chico Bitola!

Zé Bento, ele pessoalmente, folheia a relação, acha o nome, pede o título. Chico Bitola responde que não tem. Pede o documento. Chico Bitola sorri malicioso, olhinhos brejeiros, permanece em silêncio, e Zé Bento explica que, se não mostrar o documento, não vota.

- Que é isso, moço! Tenho vergonha!...

Chico Bitola ainda sorri, imóvel, olho fixo no Zé Bento que fala em carteira de identidade, de trabalho, e aí Chico Bitola enfia a mão no bolso, tira de lá um lenço amarfanhado, sujo e fedido, vira, revira e encontra o documento. Zé Bento lhe entrega a caneta e ordena que assine. Ele pega a caneta, olha para ela, sorri, ingênuo. Zé Bento insiste e ele balança a cabeça. Zé Bento toma o polegar do Chico Bitola, carimba a folha com tinta azul e, impaciente, entrega-lhe a cédula. O eleitor olha a cédula, o presidente fala, orienta, gesticula para que ele vá até à cabine. Chico Bitola vai até lá, desconfiado, lentamente sonda, analisa, olha daqui, olha dali. Enfim, senta-se e ali fica um tempão. Finalmente deixa a cadeira, sempre sorrindo, e lento, e com as mãos ásperas, obedece à orientação do Zé Bento e enfia o papel na urna. Sai,

enrolando a carteira no lenço, devagar, sorrindo. Zé Bento, inconformado com aquele eleitor, desce a língua no desgraçado.

Novamente lá na porta, Chico Bitola olhava para o Zé Bento que relutou, que quase se enervou, mas acabou indo ao encontro do humilde.

- Que foi, senhor Francisco?

- Meu nome é Chico Bitola.

- Tá bem, Chico Bitola. O que foi?

- Disseram que tenho que votar de novo e...

- Impossível... o voto já está lá dentro da urna...

- *Mai...* disseram que tenho que votar...

- Impossível votar duas vezes. É uma vez só e *tá* pronto!

Chico Bitola olhava com sorriso para o Zé Bento. Depois de alguns segundos de silêncio, enfiou a mão no bolso, retirou uma cédula intacta e explicou:

- Dá um jeito, moço! abre aquela sacola e devolve aquele papel que enfiei lá dentro e fica com este...

Diante do desconsolo do Zé Bento, arremata:

- ... naquele papel lá tem uma receita de chá pra lombriga que a minha sogra arrumou pra minha mulher...

A CONSULTA

Consultório médico apinhado. Zé Pança remoía doença sem tino e sem destino. Secretária abre a porta e, friamente, chama pelo adoentado. Zé Pança se levanta, caminha e a porta se fecha atrás dele. Passa por outra porta e a sua frente está o doutor. Senta-se silencioso, diminuído ante a imponência do médico.

- Qual o problema?

- É, doutor, que *tô* com uma dor de cabeça faz uns quatro dias...

- Alimentação é normal ou comeu alguma coisa diferente?

- Bem, doutor, comer até que é o de sempre. Mas acontece que neste fim de semana exagerei um pouquinho na cerveja, na pinga...

- Ah! é?... farras de fim de semana!

- Não é bem isso, doutor. Eu sempre vou lá pescar no rancho do compadre Zico França e já viu, né?

O médico olha para o paciente com desaprovação. Toma o estetoscópio.

- Vamos medir a pressão. Bebida é um mal e com pescaria só pode dar nisso.

- Desculpe, doutor, mas a euforia é grande e, depois, a gente enfia a noite adentro na mesa de jogo e...

Mais outra desaprovação no olhar carrancudo do homem da saúde.

- Ah! o senhor também gosta de um joguinho... sei... sei...

- É complemento da distração... o senhor pesca?

O médico retira o aparelho de medir pressão do braço do Zé Pança, olha meditabundo para o bloco de receitas e comenta desatento:

- Gosto de pescar... uma vez por ano vou lá no rio Miranda... já ouviu falar? E aproveito também para jogar um truco...

Zé Pança alumia os olhos, entusiasma-se.

- Ah! então o doutor não sabe o que é bom. Pescar por aqui é muito mais divertido e todo fim de semana jogo truco também... que eu sou bom no truco, desafio muita gente.

O médico levanta a cabeça rapidamente, chispa os olhos e rompeia:

- *Peraí...* no truco não, que no truco eu sou bom de arremate e comigo não tem adversário...

Grita Zé Pança, batendo o punho vigorosamente no tampo da mesa:

- Truco! É porque o doutor ainda não topou comigo lá no bar do Zé Bento... e depois de meio copo de pinga não aparece macho pra arrastar garganta!

O médico levanta o corpo da cadeira, fecha o punho da mão direita, desce-o violentamente sobre a mesa e estrondeia:

- Truco! Isso é que não! Desafio eu pontapeio com pinga, cerveja e costelinha de porco!

Zé Pança também salta da cadeira e, olhando desafiador para o médico, arremata:

- Então, vamos lá no Zé Bento decidir esta parada!...

E mais ainda desafiador:

- Truuuuco.... que eu sou macho!

E grita o médico animado, aceitando a peleja:

- Não vem não... que macho aqui sou eu e faço você engolir o ás sem mastigar...

Os dois de pé, frente a frente, separados pela mesa, os olhos nos olhos, firmes e desafiadores. A voz do médico enche a pequena sala:

- Onde é esse bar do Zé Bento?

- Lá pelas bandas dos “Davis”, e hoje eu vou lá pra surrar o Zé Bagre, o Tião Preto, o Zé Toco, o Toinzinho Perigoso e...

O médico o interrompe imediatamente.

- Eu também vou...

- Então, vamos agora que a noite é pequena e no truco a dor desaparece!

Agitado, o médico junta os instrumentos no canto da mesa, despe o jaleco, abre uma porta no fundo da sala e chama o Zé Pança:

- Vamos sair por aqui, escondido, que faz tempo que não enfrento um carteadado...

A secretária abre a porta da sala de espera e, desconfortavelmente sem graça, anuncia:

- O doutor teve que atender um caso urgente... voltem amanhã... por favor...

RECEIO E MEDO

- Vai doer muito, doutor?

O dentista ouviu a pergunta, virou as costas para o indefeso paciente deitado na cadeira e, intimamente, vociferou revolta. Cansado, fim de tarde, sem perspectiva de férias ou um abençoado feriado prolongado, qualquer comentário o irritava naquele último dia da semana. E mais ainda que a sogra telefonara, avisando chegada e estadia por muitos dias. Também o protético que não deslanchava as duas dentaduras urgentes. E a digníssima esposa sempre queixosa daquele mesmo vestuário branco, sapato, meia, cueca, calça, camisa, blusa, e talvez até implicando com o branco dos seus olhos. Respondeu secamente, atarracado na sua raiva:

- Vai ... vai doer um pouquinho.

O cliente prendeu a respiração, fechou os olhos e espremeu os lábios.

Com a voz claudicante,

- Vai anestésiar?

O dentista irritado,

- Vou...

E o cliente,

- A anestesia também vai doer?

O dentista, com vontade de pegar no boticão com a mão direita e, com a esquerda, espremer o pescoço daquele desgraçado palerma, enfiar o instrumento boca adentro e de lá arrancar não um, mas todos, todos os dentes e até mesmo a língua daquele covarde,

- Quase nada...

O cliente se contorceu descaradamente, deitado desconfortavelmente na confortável cadeira. O suor brotava na testa, nas mãos, nos pés e nos recônditos que separam as nádegas. Esqueceu-se das dores horríveis daquele desgraçado dente, conseguiu ordenar o raciocínio toscamente e

- Doutor... acho que não vai dar pra arrancar este dente...

O dentista teve vontade de perguntar-lhe, insinuante, se era problema de gravidez. Porém se conteve. Falou com os olhos o que a língua poderia dizer.

- Sabe, doutor, é que... é que... eu tenho que telefonar para o meu avalista... o banco anda me apertando muito...

- Ah! é...?

Grunhiu o homem de branco com a ponta da agulha pronta para atingir qualquer coisa que fosse naquela cavidade bucal.

- ... e tenho que arrumar minhas coisas que... que viajo para pescaria no rio Machado...

- Aaahhh! (o dentista se sentindo uma fera faminta, selvagem, estupidamente selvagem, com toda ferocidade animal).

- ... o dente até que não tem dóido muito mais não. Acho até que nem vai ser preciso arrancar... e estou com medo, isto é, estou com receio de atrapalhar os meus planos... e o senhor sabe, pescaria não pode esperar... além disso, custei a convencer a minha mulher pra ela não ficar aborrecida... coitada, não consegue ficar dois dias longe de mim, coitada...

Assim falando, a voz trôpega e nervosa, foi se desvencilhando da cadeira confortável, afastando-se com os olhos medrosamente abertos. Agradeceu e agradeceu muito, e pediu desculpas e muitas desculpas. De costas, achou o trinco da porta, abriu-a, e, com um qualquer dia eu volto, esbaforiu pelas escadas.

O dentista, parado, marmoreamente parado, acompanhou tudo em silêncio com a agulha pingando pequenas gotas de anestesia no chão, até que explodiu com um desgraçado que vá pro inferno, e atirou longe o instrumento.

Naquela noite, enquanto o dentista tentava se acalmar com um capítulo sensual e picante da novela, o cliente, pobre cliente, urrava pela casa, apertava a boca enquanto o suor, novamente, crescia por toda parte do corpo e os olhos se empapavam de lágrimas. E mais uma vez, das muitas vezes,

- Amanhã, eu arranco este dente de qualquer jeito... eu juro... eu juro... eu não aguento mais... ai, meu Deus!

PRESENTE COMPLICADO

Dr. Melquíades folheava o jornal, solitário na sala de espera do seu consultório, sentado na cadeira da Gertrudes, a secretária que saíra mais cedo para cuidar de qualquer coisa particular, quando o Zé Toco assomou à porta. O dentista percebeu naquela figura a simplicidade de vida e de querer.

- Preciso falar com o dentista.

- Pois não... sou eu.

Sem jeito, procurando palavras no falar, Zé Toco diz ao dr. Melquíades que precisava de uma dentadura.

- Pois não. Venha ao consultório.

- Mas... doutor, a dentadura é pra minha patroa.

- Então, é só trazê-la aqui e eu providencio uma.

Mexendo com o corpo, as mãos dentro do bolso, Zé Toco explica que ele queria dar uma dentadura de presente para a patroa porque ela vive reclamando da que está usando, muito antiga, gasta. E fazia tanto tempo que ele não presenteava a mulher e...

- Sinto muito, meu senhor, se a sua patroa não sentar naquela cadeira e não abrir a boca, é impossível fazer a dentadura...

O pobre homem fala, explica que a patroa fizera promessa de nunca mais entrar em consultório de dentista, e que ele queria porque queria dar-lhe a dentadura de presente, permeio de muita necessidade que sentia nos reclamos da patroa, coitadinha, tão trabalhadeira, tão boa, sofrida, seu amparo e longa convivência.

O dentista só balançava a cabeça negativamente. Zé Toco, baixou mais ainda a sua, virou o corpo lentamente, tristemente, e se arrastou submisso para a rua.

Dia seguinte, Gertrudes, a secretária, deixava a lixa de unha sobre a mesa e, enfadonhamente, abria a porta da sala do dr. Melquíades e o avisava que tinha um homem pedindo conversa com ele. Era o Zé Toco, que insistiu humilde para que arrumasse a dentadura necessitada para seu presenteio. Não adiantou. Mais uma vez, dr. Melquíades negaceou. Mais uma vez, Zé Toco saindo pela porta cabisbaixo. Porém, dr. Melquíades, homem honesto e envolvido com as ações

sociais da comuna, refletiu, avaliou e, mais que depressa, ordenou que a Gertrudes largasse a lixa de unha e chamasse o pobre coitado.

- Olha aqui, sei que a sua patroa não quer vir ao consultório. Pois bem, se você concordar, eu lhe empresto uma dentadura de uma cliente. Você presenteia a patroa e, depois, convence-a de vir aqui para trocar. E assim, nós fazemos uma para ela.

- Será que ela vai concordar?

- Ora, se você dá um sapato, e ele não serve, ela tem que ir lá na loja trocar, não é mesmo? Com a dentadura é a mesma coisa: não serviu, tem que trocar!

Zé Toco achou de acordo. Dr. Melquíades trouxe a dentadura, entregou-a ao homem simples que agradeceu muito, prometeu muito trazer a patroa e saiu com os olhos brilhantes de felicidade. O dentista se sentiu mais ainda realizado com tão útil e prestativa ação.

Três dias depois surge o Zé Toco. Deixa a Gertrudes a lixa na mesa, chama o dr. Melquíades que ouve o marido explicar, aflito, que a patroa não queria vir de jeito nenhum ao consultório. Era promessa e não quebrava promessa sob o risco de ir depois para o inferno. Pior ainda, a patroa também não queria devolver a dentadura que, realmente, não servira na cavidade falatória, e que o avô sempre dizia que presente não pode ser devolvido sob pena de nunca progredir na vida.

E agora?

Dr. Melquíades, esbravejou, falou alto, e o Zé Toco, humilde, calado. Por fim, decidiu: chamou o coitado, botou-o no seu carro e, juntos, foram ter com a patroa.

O dentista falou, explicou, justificou. Nada. A patroa do Zé Toco ouviu tudo em silêncio e simplórias lágrimas desceram nas suas faces bochechudas. Não podia devolver o presente. E não devolveu mesmo. Dr. Melquíades entrou no carro e fuzilou o caminho de volta, praguejando, revoltado. E agora? como enfrentaria a dona daquela dentadura, a dona Hermengarda? Mulher chata, irritante, exigente e língua de cascavel?

Uma semana depois, reaparece o Zé Toco. Desta vez, a Gertrudes carrega consigo a lixa de unha e avisa o dr. Melquíades. O dentista, irritado, manda a Gertrudes dizer para o desgraçado que não vai cobrar nada porque a dona Hermengarda, dona da dentadura, tinha morrido naquele fim de semana. Falando asperamente, Gertrudes também despachou o pobre homem, mais uma vez caminhando cabisbaixo.

Manhã seguinte, bem cedinho, antes mesmo que a Gertrudes começasse a lixar a unha, Zé Toco surge na porta do consultório. Gertrudes arrasta o corpo preguiçoso e chama o dr. Melquíades. O dentista aponta na porta com cara de cão raivoso. Zé Toco se aproxima dele e lhe entrega um embrulho.

- Desculpe, doutor, vim devolver a dentadura. Falei para a patroa que a distinta dona da dentadura passou desta para o mundo do bom Deus e ela chorou a noite inteira, revirou na cama e teve muito sonho ruim. A patroa mandou devolver porque dentadura de defunto pode ser língua do diabo, sofrimento e penar pro resto da vida... desculpe, doutor, desculpe...

Zé Toco deixou rapidamente o consultório, sumiu na rua. Gertrudes segurava o riso com a lixa na mão fechada enquanto dr. Melquíades abria, silenciosamente, o embrulho com a dentadura rodeada de folhas de arruda.

O CONGRESSO

Dr. Zé Pança não conseguia alimentar-se direito. Até o cafezinho matinal trazia-lhe o estômago embrulhado. No consultório, de vez em quando, tinha que interromper uma obturação para ir ao banheiro, lavar o rosto, respirar fundo. Não, não estava doente. O mal que o afligia era a ansiedade. Desde o dia que confirmara sua presença no Congresso de Odontologia, em Salvador, ficara neste estado lastimável. A todo instante pensava no Congresso, o primeiro de que participaria. Também seria a primeira vez que viajaria sozinho, sem a companhia da Tancinha. Bem que ele insistiu, mas ela alegou casa para cuidar, filhos para tomar conta, reunião de apostolado e do grupo carismático e... jamais entraria em um avião! Dr. Zé Pança sentia até tontura quando se lembrava do monstro barulhento, pesado, erguendo-se no ar, ganhando altura.

Mas ele tinha que ir ao Congresso, ainda mais na Bahia. Queria ver o que a baiana tem, e se agitava quando ouvia música daqueles lados. Não pensava em infidelidade conjugal, nunca, apesar... quem sabe... as coisas acontecem... Além disso, a clientela já sabia, os amigos o invejavam... Ele precisava participar daquele encontro. Pensou em ir de carro, contudo a distância... por outro lado, não ficaria bem ele chegar lá e dizer que viajou a lonjura toda...

Na véspera da viagem, beijou e abraçou os filhos, e até chocolate comprou para eles. Na face macia da Tancinha depositou um beijo sofrido, como se beijasse... a beijasse pela última vez (lembrou-se de antiga música do Chico). Entrou no ônibus para Belo Horizonte com o coração em bate-bumbo. Viagem demorada, angustiante. Lá, tomou um táxi direto para o aeroporto. Ainda era cedo, mas queria conhecer o lugar, acumular coragem, enfrentar o medo, corajosamente.

No aeroporto, pergunta daqui, dali, aproximou-se do balcão de embarque e viu a mala sumir na esteira, o sorriso tranquilo da moça, e que aguardasse a hora do embarque. Andou pelo saguão, contemplou as figuras interessantes, bonitas e... a mão suave, o intestino revirava. No balcão da lanchonete pediu um uísque... com gelo, isto é, “on the rocks”...

- Ah! como é gostoso este lugar! Exclamou para si, sorrindo levemente para o garçom.

- Mais um *on the rocks*...

Agora, outro...

- Caprichado!

Alegre, descontraído,

- Manda outro, ó garçom, nos *trinquês*..

Caminhou para a poltrona e refestelou-se. Depois, o sofá... por que não? Mais confortável...

Já era tarde quando a moça da limpeza, vendo aquele indivíduo roncando no sofá, e a baba secando no canto da boca, cutucou-o. Dr. Zé Pança, com dificuldade, levantou a cabeça e balbuciou:

- Onde estou?

A cabeça zoava, o estômago... correu para o banheiro, e, depois de algum tempo, percebeu o avanço das horas e o seu estado deplorável. Não adiantava, precisava voltar para casa, urgente.

O táxi de volta, o reboiço na rodoviária, a espera sofrida pelo ônibus, a viagem torturante de retorno. Graças ao bom motorista do ônibus, o Zé Chapa, foi enfiado no táxi para o aconchego do lar. Chegou mais morto do que vivo nos braços da Tancinha, assustada, alvoroçada. E corre Tancinha para preparar aquele chá para bêbado ressaquento, desentendida do acontecido.

Entrou no quarto com um copázio de chá de boldo, perguntando aflita sobre a tragédia.

- E a mala? Cadê a mala?

Dr. Zé Pança, num esforço supremo para soerguer as pálpebras, indaga também:

- Mala?... uai!... que mala?...

NA FILA

Naquele dia, saí de casa porque não me era possível mandar a mulher que, sabia, não iria aceitar a função.

Filhos, ah! filhos, nessas horas somem ou têm dever escolar importante, e que reforçam, dizendo que é trabalho em equipe, não dá para faltar.

Lá vou eu, pisando duro pelas ruas. Sabendo o que me esperava, aproveitei o rumo e comprei um jornal. Vou precisar, está na cara.

E cheguei ao meu destino. Adentrei a porta, recebi o primeiro bafo do ar-condicionado e, rapidamente, procurei a fila. Já viram Banco neste país que não tem fila? Entrei numa, inapelavelmente

Na frente, um pelotão de minguados caixas. E a fila serpenteando o salão. Vitimamente, postei-me no final, respirei resignação, abri o jornal e... Deus permita que seja atendido antes de terminar a leitura, inclusive dos anúncios e editoriais.

Um passinho à frente, uma parada. Outro passinho e eu de olho nas notas e informações. Mas, que diacho, não conseguia passar da segunda página, a atenção me escapava pelos ouvidos por onde duas faladeiras senhoras perturbavam minha leitura. E falavam de filhos, e comentavam de netos, e reclamavam e reclamavam...Tive vontade de pedir-lhes para silenciar, mas onde ficaria o meu respeito à liberdade dos cidadãos? Afinal, fala quem quer, não ouve quem não quer. Sair da fila? Nunca, que precisava descontar aquele cheque, estava necessitado do dinheiro e não confiava no meu bom amigo a quem o emprestara. E a desgraçada da fila modorrenta, modorrenta...

- Sabe, minha filha, a De Fátima estava pondo chifre no marido!...

Êpa! Senti uma físgada de curiosidade puxar meu ouvido. Era assunto assaz interessante para não perder. Fiz de conta que contemplava as luminárias no forro, direcionei um ouvido e...

- Não diga...

- Pois é verdade! E o coitado demorou a descobrir e quando descobriu... nem lhe conto!

- Minha nossa!

- Ele chegou do serviço e quando entrou na casa percebeu que tinha mais gente lá dentro...

Agora eu já estava com o meu jornal devidamente embrulhado, grudado debaixo do braço e olhava sério, parecendo absorto, fitando o piso (será que eu disfarçava bem?).

- E aí?

- Aí, então, ele gritou a De Fátima, e percebeu que um vulto corria para a cozinha e, um outro, entrou correndo no banheiro, batendo a porta com força....

- Ele não viu quem era?

Não interrompa, tenha dó, do contrário chego na ponta da fila, o caixa me chama e não fico sabendo o fim da história. Anda, anda, conta logo!

- Naquela hora ele não viu. Correu para a porta do banheiro, bateu com força e gritou pela De Fátima. Ela não respondeu, minha filha! Fez de conta que não ouviu nada porque já tinha ligado o chuveiro, e no inverno, que faz muito mais barulho...

- Ele arrombou a porta do banheiro?

Cala a boca, curiosa. Deixa a outra terminar a história antes que eu perca o final! Putz!

- Não, não. Aí, ele correu para a porta da cozinha que dava pro quintal e viu um homem lá no fundo, pelado, com as calças na mão, tentando subir no muro...

- Minha nossa, que vergonha!

- ... ele estava cego de raiva, de ódio. Você pode imaginar a situação dele, não é mesmo? Aí então, ele se aproximou como daqui até aquele moço ali e...

- Ô moço, você aí, vem ou não vem pra ser atendido?

O desgraçado do caixa me chamava. Olhei para ele com o meu olhar feroz, com vontade de bronquear com a outra curiosa que interrompia a narração, e tive que ir para o guichê. Não havia outro jeito. Entreguei o cheque, atendeu-me em silêncio. Lá na frente as duas conversavam, rodando os olhos para os lados, uma falando e encostando a mão na outra que arregaçava as pálpebras, punha a mão na boca. E eu ali, jornal debaixo do braço, ruminando desejo louco de ouvir o final da história. O caixa me devolve o cheque.

- Mas eu quero o dinheiro...

O caixa balança a cabeça.

- Não tem jeito, volta mais tarde... quem sabe!

Enfiei o cheque no bolso. Amassei o jornal com as duas mãos. Passei pelas duas que ainda conversavam no outro guichê ante o ouvido curioso e lento do

caixa. Falavam ainda do traído. Pisei firme rumo à porta e fui descarregar minha revolta no sossego do lar (sossego?).

Detesto fila de Banco.

QUESTIONÁRIO INCOMPLETO

Sentada à mesa, tendo ao lado a montanha de formulários, Das Dores suava no calor da tarde de verão, executando o serviço de atualização dos clientes da empresa. Diante dela, dezenas de humanos humildes, remediados, doentes, alegres ou mais tristes, prestavam esclarecimentos corriqueiros. E foi assim que apareceu o Zé Cabacinha para conversar com a Das Dores. Que chegando, chegou resmungando que o atendimento era demorado e complicado. Puxou a cadeira, ajeitou o chapéu em cima do joelho e começou a responder o questionário.

Pergunta daqui, responde dali, e Zé Cabacinha estica prosa, contando que o avô foi muito sem-vergonha, carrapicho de mocinhas, assanhado de ação e linguajar e, alterando a voz, ria satisfeito, lavrador que era desde menino,

- Olha aqui as mãos calejadas, mas honestas, minha senhora. Nem uma espiga de milho foi surrupiada do patrão, que Nossa Senhora Aparecida dá testemunho e quero cair duro neste chão se isso não for verdade!

Zé Cabacinha desfia história para cada pergunta da Das Dores, e o tempo encomprida, a fila aumenta, e o homem pregado na cadeira, até que Das Dores exclama, estafada, que tinha acabado e tudo já estava anotado. Zé Cabacinha, que estava gostando do proseado, levantou-se contrariado, caminhou alguns passos e retornou à Das Dores.

- Ô moça, a senhora perguntou o nome da minha mãe, mas não perguntou o nome do meu pai!

- Não, não é preciso o nome do pai...

Bastou. Ao ouvir esta explicação, Zé Cabacinha esbravejou que onde já se viu não colocar nome de pai, que ele tinha pai, sim senhora, e não foi um homem qualquer, e que a mãe dele não era mulher sem-vergonha. Mulher de muitos filhos e muito respeito, devota do Divino Espírito Santo e que o pai era o Chico Bitola, carreiro mestrado, bom de viola, honrado e trabalhador...

Das Dores, antes que o comício se alongasse mais, anotou em um papel qualquer o nome do pai e tentou acalmar o indivíduo:

- Chico Bitola - pai. Está anotado.

- Não é Chico! É Francisco!

- Tá bem... Francisco...

- Não é Bitola. Bitola é apelido. É... é... esqueci, mas vou lembrar...

- Está bom. Já anotei esse nome e nem é preciso mais. Está tudo certinho!

Zé Cabacinha saiu resmungando. Das Dores praguejou. Na fila, o murmúrio pulou de assento em assento, e o tempo foi passando, salpicado de histórias e avenças, até que o Zé Cabacinha despontou novamente no pedaço. Pediu licença, espera a Das Dores despachar um distinto, senta-se outra vez e explica que o nome do pai é Chico e acha mesmo que é Bitola. Das Dores, mais calma, atenciosa, explica que não é preciso esse detalhe, que as informações estavam completas e que ele, Zé Cabacinha, tinha mesmo razão: onde já se viu filho sem pai, impossível isto, e Das Dores sorria um sorriso de fim de expediente.

Zé Cabacinha rodopiou o olhar maroto pelo ambiente quase vazio, curvou-se sobre a mesa e, baixinho, sussurrou:

- Dona, nome de pai é muito importante... a senhora não quer ir lá no meu sítio pra saber o nome dele certinho?... e a gente aproveita pra chupar manga... pé de manga tem sombra que é uma gostosura...

CADÊ O CARRO?

Domingo sossegado, um bem-te-vi do peito amarelo canta na espinha de peixe da televisão, um bando de pardais azucrinas a manhã, e o Zé Pança com os dois braços apoiados no peitoril da janela, admira o carro recém-comprado, estacionado ali, bem defronte aos seus olhos. Não era zerinho, mas esparramava brilho de novo e de limpeza. No bolso da calça, a carteira de motorista conquistada no dia anterior, dava-lhe a sensação de poder e liberdade. Zé Pança se sentia realizado.

Não resistiu à tentação. Saiu de casa com a chave tilintando na mão, abriu a porta do carro e saiu para degustar o prazer de rodar livremente pela cidade. E andou por aqui, rodou acolá, orgulhoso e impávido. E girou pela cidade até passar na Praça Primavera onde uma patrulha parava os veículos, vistoriando máquinas, verificando carteiras. Zé Pança continuou tranquilamente. Depois retornou, e, mais uma vez, o policial acena para que seguisse em frente. Mas, lá adiante, Zé Pança deu de zorrear. Afinal, por que o policial não mandou que encostasse o carro? E logo agora que o carro era novo, estava dentro dos conformes e a sua carteira ainda cheirava à tinta do Detran? Decidido. Voltaria à praça na esperança de ser parado, ter o carro vistoriado e pudesse mostrar, soberbo, a sua carteira de motorista. E de nada adiantou o retorno e as três vezes mais que rodou pela praça. Sempre o sinal para que continuasse. Não. Não podia aceitar este desprezo.

Em casa, acabrunhado, Zé Pança ruminava silenciosamente o seu infortúnio. Assim, um pardal rolou na terra e rolou na cabeça do nosso motorista uma idéia. Saiu correndo, botou o carro em disparada em direção ao sítio do compadre Zé Bento, e foi deixando pela estrada um rabo de poeira até chegar no corguinho das seriemas. Ali, diante de uma meia dúzia de vacas assustadas, passou o carro para lá, voltou, barreou mais uma vez, quase atolou de vez, lambuzou de sujeira, de estrume, de capim, temperou com mais poeira na volta e rumou para a Praça Primavera.

Lentamente, com o carro emporcalhado, engoliu o policial de plantão com os olhos.

Passa!

Voltou mais uma vez.

Passa!

Agora em disparada.

Passa!

Zé Pança sentia que sua calma passava dos limites e se mandou para o bar do Zé Rabo de Galo. Chupou uma pinga e, antes de sair, despejou mais outra na goela. Agora, ele ia parar nem que fosse na raça.

Passa!

Zé Pança passou, encostou o lambrecado mais à frente, desceu do dito e marchou firme para o policial com o dedo espetado, quase na altura dos olhos.

- Que é que você tem contra mim que não quer mandar parar o carro pra ver se tá tudo certinho?

Assustado, Cabo Zé da Zefa se surpreendeu com o Zé Pança, velho conhecido de carteadado.

- Que é isso, Zé Pança, te conheço!

E o bate-boca se formou: que não conhece, somos amigos, nada de amigos, não está cumprindo o seu dever, o meu dever estou cumprindo, tenho carteira, sei disso, vai pra casa, não vou que ninguém me dá ordens...

E o povaréu de curiosos ali em derredor, aumentando, desentendido...

- ... olha que posso te prender por desacato...

- Não prende nada...

- Eu chamo o Capitão Zé Bota...

- Pode chamar...

E chega o Capitão Zé Bota:

- Que é que tá acontecendo?

- Ele não cumpre o dever, não pede minha carteira!

- Vai pra casa...

- Não vou!

- Deixa disso, Zé Pança...

- Zé Pança é boa gente, tá tonto... larga mão, Zé...

Zé Pança bufando decepção e raiva, e o Capitão Zé Bota já ameaçando com o cumprimento da lei quando o Toinzinho da Nega gritou para que tomassem dele a carteira e mandassem o irrequieto motorista embora. Toinzinho da Nega foi ouvido.

- Cadê sua carteira?

- Tá lá no carro...

- Busca lá!

Zé Pança caminhou triunfante rumo ao sujinho e... onde está o dito cujo...? Onde...?

- Deixei aqui, gente, aqui... neste lugar!

E todo mundo procurando o carro lambrecado do Zé Pança com sua recém-carteira e... onde o carro?

Quem souber quem levou o carro do Zé Pança naquele dia de domingo, favor telefonar para a delegacia que o Zé Pança está hospitalizado... com muita dor no coração!

PROFISSÃO: FACÍNORA

Os cães foram os primeiros a encontrar o corpo do Tião Bravo, estirado no meio do quintal.

Depois vieram alguns viventes, de mansinho, benzendo-se, com medo no rosto. Confirmaram o fim. A notícia se espalhou e logo já eram muitos, fazendo roda, olhando o defunto, todos com as faces de alívio e bocas contando histórias do falecido.

Tião Bravo, que coisa! não era Bravo. Deram-lhe o nome mais para não aborrecê-lo, para que seu cinturão ficasse longe dos habitantes da pequena cidade. Todos sabiam, era o mais famoso assassino da região, pistoleiro impiedoso, matador de até por um olhar meio vesgo. Quando bêbado, atirava nos animais para vê-los morrer em silêncio, indefesos, esperar por lágrimas que não vinham.

- E agora? – perguntava o senhor Munduca - quem vai enterrar o demônio e quem vai pagar as despesas?

- Eu não enterro esse desgraçado - foi gritando o coveiro - deixa ele aí se acabar que homem ruim assim nem as aves do céu vão chegar perto.

E o vozerio aumentou e quase termina em briga com o senhor Munduca. Ninguém ajudaria e nem pagaria os funerais de tão abjeto ser.

Mas sempre existe um ou outro coração mais macio e o senhor Munduca encontrou dois piedosos que se dispuseram a esquartejar o corpo com machado para facilitar o sumiço pela terra.

Mesmo assim, juntos, os três deixaram a horda por conta de alguns soldados convocados para preservar a carcaça do defunto, e rumaram para a prefeitura. Lá chegaram, entraram sem serem notados que todos estavam ocupados em falar do falecido e em desfiar alívios para a comunidade. Empurraram a porta do gabinete. Prefeito satisfeito, dizendo que, finalmente, a Providência Divina providenciara o fim de um problema municipal sem despesas e compromissos políticos.

Senhor Munduca chegou, aproveitou a euforia e foi dizendo que a Providência Divina fizera o serviço, mas incompleto, já que o corpo estava em exposição e se não fosse enterrado imediatamente poderia virar assombração e

- ... já viu Prefeito solucionar problema assombroso?

Senhor Prefeito calou por um instante. Pigarreou. Justificou que nem o coveiro trabalhava aquela sepultura. Senhor Munduca contra-argumentou que empregado da prefeitura tinha que obedecer, senão, o que seria depois da autoridade do executivo municipal? Assim, qualquer dia, o Prefeito não teria nem o cafezinho para servir para os proeminentes políticos!

Senhor Prefeito meditou macambúzio. Ponderou em silêncio. Depois, falou que era conciliador, mas que a Prefeitura não poderia arcar com as despesas do funeral de um bandido, um sem nome, sem família, desconhecido por todos, sem profissão reconhecida a não ser a fama de matador. Além disso, não ficaria bem a Prefeitura pagar as despesas de um assassino, bandoleiro. O Partido seria derrotado nas próximas eleições:

- Partido que enterra bandido, é Partido banido! falou solene.

Senhor Munduca, então, retirou-se para a outra sala com os outros dois solidários. Lá, conversaram, confabularam, combinaram o contra-ataque e retornaram para enfrentar o Prefeito intransigente.

- Intransigente, sim senhor!

- Isso eu não sou!

Senhor Munduca aproveitou o momento e falou que ele e mais os dois cidadãos, dentro do espírito cristão, assinariam um documento, dizendo que conhecem o defunto por Tião Bravo, que ele viveu por muitos anos na cidade sem desfrutar da amizade e de nem um dedo de prosa de ninguém, inclusive o Digníssimo Prefeito, que ele deveria manter-se com as providências do céu e da terra como as aves e os animais. Taí a solução.

Senhor Prefeito meditou, refugou e, com os olhos fixos nos três, estocou a pergunta:

- E a profissão?... assassino?... bandido?...

Senhor Munduca se calou. Silenciou. Pensou. Em seguida, afirmou com a experiência dos seus bigodes vastos e brancos:

- A gente assina o documento e põe a profissão: facínora!

Senhor Prefeito repetiu baixinho a palavra facínora. Andou de um lado para o outro. Depois, imponente e revestido da sua autoridade, sentenciou:

- Tá certo. Vocês assinam o documento e a prefeitura enterra o homem. Mas, olhem lá, não se esqueçam da profissão: facínora. Facínora... pode!

Quando o dia ia morrendo a terra solitária engolia de vez o corpo do Tião Bravo.

O JULGAMENTO

Honório foi baleado.

Casado, respeitado, conhecido por todos, às vezes visitante das casas suspeitas, foi surpreendido por um soldado que se machucou quando viu a Dodô, paixão escondida, lambendo o Honório, assanhado, num ardente passa-mão na Dodô. Cego de revolta e ciúmes, o soldado se encorajou e, sem mais nem menos, cuspiu fogo na sem-vergonhice, e acertou o Honório que caiu durinho com um tiro no coração. E do corre-corre, grita-grita que se seguiu, o defunto foi despachado para a funerária por ordem do doutor Caximbo, discreto e bondoso frequentador do pacato bordel. Da funerária, com um sol límpido e puro da manhã que retornava para um novo dia, o cadáver foi acabar de descansar as pernas em sua casa, ouvindo, silenciosamente, as dores da viúva, acompanhada por amigas chorosas.

O velório amanhecia solene e concorrido, comentado, sussurrante, respeitoso, como todo início de velório, quando a notícia veio sacudir o caixão, atormentar a família e distribuir espantos mil: o doutor Fulgídio, meritíssimo juiz da comarca, decidira que o defunto só seria enterrado após julgamento para que a lei se cumprisse, e o culpado fosse devidamente julgado. Assim, compenetrados e cabisbaixos, mãos e braços, lágrimas e gemidos, trataram de acompanhar o Honório rumo ao fórum.

Lá, apinhado de curiosos, maledicentes, mendigos e toda respeitável sociedade da pequena comuna, explicava solenemente o juiz que o corpo ali se fazia necessário porque o soldado ciumento cumpria determinação superior, zelando pela ordem e a segurança do tribunal. Mais ainda disse o meritíssimo: que as testemunhas da impoluta, isto é, corrigindo-se, da intolerável casa de atividades pecaminosas, não podiam comparecer visto que estavam em estado de choque, aviltadas pelo acontecido. E mais disse, justificando a ausência de outra importante testemunha, que não poderia estar presente porque compromissos saudáveis de socorrer doentes exigiam-lhe as funções humanitárias. E assim, por isso, por causa disso, e outros aqueles e daqueles, o julgamento contaria com a presença do desditoso cidadão, defunto ainda gozando de plenas condições para o enfrentamento

que mister se fazia. Em seguida, discorrendo sobre o acontecido e sobre tudo o que acontecera, conforme apuração imparcial e meticulosa, reboaram pelas salas as minúcias da madrugada: o morto levava um tiro dentro de uma casa de tolerância por seu comportamento intolerante. A arma do crime pertencia a um defensor da segurança e bem-estar da cidade que estava em serviço naquele exato momento do ilícito. Dito e falado, de bate-pronto o juiz mandou a palavra para o causídico pois o defunto tinha pressa, e a noite chega, e não é paciente para esperar.

Com os olhos marejantes, o advogado aperta suas mãos no peito e lacrimeja palavras de honestidade, fidelidade, virtudes cristãs e sociais que sempre marcaram a vida do defunto Honório.

- Morrera... - exclamou pesaroso e voz embargada - em uma casa de tolerância porque sempre fora tolerante com o próximo, qualquer próximo, e, àquela hora da madrugada, deveria estar, certamente, levando sua caridade a alguém...

E encerrou sua comovente peroração pedindo a condenação do soldado e a absolvição do defunto. E dramatizando o sentimento, sacou um lenço branco e levou-o aos olhos falsamente úmidos.

Imediatamente, o Promotor saltou da cadeira de dedo em riste e, apontando para o caixão do Honório, estraçalhou o silêncio reinante:

- Um cafajeste!... - esbravejou com os primeiros perdigotos fugindo da boca. E prosseguiu:

- ... puteiro consagrado, homem que abandonava o lar em busca de farras e mulheres perdidas, colocando em risco a beleza e a integridade moral da sociedade daquela pacata, progressista e hospitaleira urbe!...

E por aí afora desembestou suas rápidas palavras com os olhos faiscando e a saliva dependurada em um dos cantos da boca. Ofegante, encerrou sua eloquente peça oratória, pedindo a condenação do insidioso defunto.

Tão depressa quanto a grita dos nobres causídicos, retiraram-se os jurados que, mal dando tempo para palpites e apostas, retornaram com a decisão. Devido à singularidade do julgamento e o apressado da hora, o meritíssimo foi rápido e certo na leitura da sentença: “Senhoras e senhores, o tribunal decide declarar o defunto Honório culpado e condenado a 15 anos

de prisão. Em vista disso, deverá ser enterrado na cadeia pública desta cidade. Que a sentença seja cumprida rapidamente. Está encerrado o julgamento”.

Passados sete anos dessa condenação, quem visitar a pequena cidade poderá ver na cadeia o túmulo do Honório, dentro da cela número três, aquela que fica para o lado de onde o sol nasce, e ouvir dizer da boca de muitos que a pena do defunto poderá ser comutada por bom comportamento.

GÊMEOS

Lá pelas bandas do bairro da Esperança, naquela casa ali à direita, pra baixo da venda do Zé Balcão, que morava o compadre Toin da Tança e a comadre Maria Zoínha. Gente boa, pacata, mansa nos desígnios do bom Deus e que tinha uma esperança sonhada: um filhinho para embalar as vivências da vida.

E de tanto sonhar, labutar, esfregar e outros afazeres no cultivo da nascença, o bom Deus um dia compensou tanta peleja e fez crescer o ventre da comadre Zoínha. Ventre luzidio de tanto carinho de suas mãos, tanto cultivo dos olhos do compadre Toin da Tança. E se para a demora não tem hora para a hora, para a graça divina presente desejado é presente em dobro. Comadre Maria Zoínha acabou parindo duas mirradas crianças que encheram a casa de mais tarefas, mais união e mais despesas.

Por tanta espera e por tanto esforço, compadre Toin da Tança achou que era de seu direito nomear os rebentos. Mas a comadre Maria Zoínha, pelo abrigo uterino e pelas dores sofridas em dobro, também queria sua parte na nomeação. Um fala, outro fala, aconselha um, aconselha outro e, para contornar desavenças, cada um ficou com a sua parte no nome. Como homenagem aos amigos de boiada, compadre Toin da Tança se sentiu na obrigação de chamar sua posse de João Antônio. Comadre Maria Zoínha, tão compreensiva e querendo menos magoar o companheiro e parceiro, sua vida e seu sustento, chamou ao outro mirrado de Antônio João.

Os anos transcorreram, o casal se curvando na lida e os molequinhos na algazarra. E quanto mais os dias morriam na boca da noite, mais na luz da manhã João Antônio e Antônio João se pareciam. E tanto eram iguaizinhos que nem o espelho da casa percebia a diferença. E cresceram cada vez mais iguais e, juntos, um dia ajudaram o pai a descer para a cova e, tempos mais, comadre Maria Zoínha foi curtir outros anjinhos no infinito. E a vida continuou.

Vida simples, misturada, sempre juntos. Iguatariamente iguais. Os gêmeos João Antônio e Antônio João continuaram a vida, sem cisma para casamento que as mocinhas escorregavam sem saber quem era um, quem fazia carinho o outro. E assim o tempo foi indo, comendo as rebarbas da vida e do corpo. E os dois ali, servindo de pasto para a vida, mesma roupa, mesmo sapato, igual querer e até a dentadura de um serviu certinho para o outro. Prodigiosa Providência. Prodigioso protético. Enquanto um tomava sopa, o outro debulhava a

carne e, quando preciso, a dentadura passava de uma boca para a outra, mansinha, com o mesmo querer, a mesma serventia dupla, alma gêmea de gêmeos.

Um dia, a terra abraçou um deles. E para o outro a estrada da vida continuou seu mesmo pique com mais roupas e sapatos no patrimônio, e a dentadura mais sossegada com uma só boca para o trabalho e sem o vai e vem de antes.

Zé Piranha se aproximou da porta onde estava o derradeiro gêmeo e de um rompante cobrou a dívida da vaquinha Camurça que estava lá no quintal.

- Não devo.

- Deve.

- Paga.

- Não pago.

E neste *discutório*, mansidão de um, braveza de outro, outro jeito não houve que a interferência de solidários amigos que por bem levassem os dois litigiosos ao juiz.

E saíram rumo à Justiça. Um pisando duro, o outro puxando a vaquinha Camurça.

No calor da sala e na poeira dos processos caducando com o tempo, seu Meritíssimo ouviu, desanimado, as lamúrias do deve e não devo, enquanto lá fora a vaquinha Camurça ruminava, despreocupada com a sua súbita importância.

- Bota este caso no papel para eu estudar com calma.

O tabelião, obediente e prestativo, esparramou a história no papel e passou para os litigantes assinarem. Assinou um, assinou o outro do outro lado.

- Mas, afinal - inquiriu o Meritíssimo - você é o João Antônio ou o Antônio João?

- *Num* sei, doutor. Eu assino assim: João Antônio ou Antônio João porque eu não sei qual é o meu nome. Nem meu falecido pai e a minha defunta mãe *sabia* porque eu e meu irmão *era* tudo igual, geminho de tudo, e até a nossa dentadura servia para mim e pra ele... quer ver?

E mostrou a dentadura amante das duas bocas, ainda com um pedaço de cebola do almoço.

- Olhaí, doutor, este quebradinho da ponta foi meu irmão o culpado quando mordía rapadura...

- E você, vendeu a vaca para quem?

- Uai, doutor, eu não sei se pro João Antônio ou Antônio João... eles *era* tudo igual!

Desconsolado, o Meritíssimo balançou a cabeça, implorou, silencioso, um fim de vida menos complicado e suspirou exausto:

- Ó, meu Deus, este caso não tem solução...

A vaquinha Camurça ruminava molemente quando o João Antônio ou Antônio João puxou a corda e, juntos, foram terminar os dias restantes de suas vidas.

Que Deus os tenha. Amém!

UM CASO DE VACA

Na manhã modorrenta de sábado, quando Zé Bento acabava de tomar o seu miserável café de classe média e meditava sobre as preguiças do fim de semana, repentinamente ouviu gritos da Mariquinha, empregada surpreendentemente com carteira registrada há três meses que, da porta da copa, entre olhos estatelados e sinal da cruz na face sofrida de trabalhos domésticos, gritou estridente:

- Zé do céu!... acode...tem uma vaca no telhado...

De momento, Zé Bento não esboçou reação física, corpo parado, fotografia de um gesto segurando o copo semivazio de café, bochecha estufada amaciando o pão, olhos bem abertos, mas o pensamento não fotografado condenando, mais uma vez, o histerismo daquela mulher mexeriqueira, boa de trabalho e apreciadora de um ou outro gole de pinga.

- Tá tonta – pensou - e ainda no raiar do dia. Saco!

Mas como a Mariquinha continuou imóvel e berrando adoidado que tinha vaca no telhado, Zé Bento achou que devia sair dali para, ao menos, silenciar aquele escândalo matinal. Foi até à porta da rua, ruminando o resto de pão, olhou para a casa em frente, não viu nada, olhou para um lado, para o outro e antes que apontasse o dedo em riste para aquela matraquenta, a matraquenta apontou o dedo em desespero para o telhado da casa do vizinho. E lá estava, toda indefesa, humilde, quietinha, com os dois chifrinhos despontando do telhado, ela e somente ela, a vaca da estridente Mariquinha. Zé Bento nem quis acreditar no que via e, por uns instantes, ficou imóvel, abobalhado, sem reação e sem documento. Mas, em seguida, voltou ao mundo da manhã, acompanhou Mariquinha no Deus do céu! voltou rápido para a sala, pegou o telefone, apanhou a lista, amassou páginas, correu dedos e pulou com a mão para o chamado de socorro.

- Alô! Soldado Zé Bota do corpo de bombeiro...

- Tem uma vaca no telhado da casa do vizinho, vem acudir!

Soldado Zé Bota tacou o telefone no gancho, e expeliu um radical filho da puta. Novamente tocou o telefone.

- Pelo amor de Deus, tem uma vaca no telhado do meu vizinho, não é brincadeira não... pelo amor de Deus... é sério... pelo amor de Deus...

Diante daquela enxurrada de Deus, soldado Zé Bota, atuante atleta de Cristo, julgou melhor apelar para as forças superiores da hierarquia policial e

consultar o sargento Zé do Capitão que, diante daquele fato, pediu para que o outro lado do telefone desse nome, endereço, telefone para contato, CPF e alguma outra informação que denotasse credibilidade para a ocorrência. Nem é necessário dizer que do outro lado o cidadão expeliu outro palavrão identificado pelo hábito e costume, mas detalhou algumas informações importantes, inclusive o tamanho do chifre do animal.

Soldado Zé Bota percebeu que o caso envolvendo um bovino e um humano deveria ser motivo de urgência, acompanhado de um de acordo do seu superior hierárquico, mas com a devida recomendação para que, se não fosse tão sério assim, ou engano visual, ou caduquice de algum amparado no INSS, não deixasse de verborrar um sermão e, assim feito, passasse no açougue e trouxesse um pedaço de lombo para o almoço que a patroa dele, do chefe, estava a exigir há alguns dias.

Soldado Zé Bota apanhou a caminhonete do carro de bombeiro e rumou para o lugar do acontecido. Lá chegou, viu o acontecido, não acreditou, e com o oferecimento do Zé Bento, mandou telefonema para o chefe, dizendo que o caso urgia providências e que a carne da patroa teria que esperar. Dito isso, voltou para a rua e, junto com outros moradores vizinhos, curiosos, palpiteiros, começaram as sessões de possibilidades e estratégias para fazer o bicho, isto é, o animal desocupar aquele espaço indevido.

E estavam em elevadas conferências quando, na ponta da rua, apareceram Zé Perigoso e dona Maria Bomba-Atômica, felizes possuidores do imóvel ora ocupado indevidamente no seu cimo superior por um bovino. Ao ver o infeliz animal alojado naquele lugar, Maria Bomba-Atômica perdeu o tino e explodiu impropérios em direção ao sofrido animal, enquanto Zé Perigoso acusava violentamente Zé do Pasto pela irresponsabilidade de deixar uma propriedade bovina invadir sua propriedade imobiliária. E agora? o que fazer? como tirar aquele trambolho do telhado? E o prejuízo? Zé do Pasto teria que pagar tudinho... Maria Bomba-Atômica, trêmula de raiva, com lágrimas pingando pelas faces, revoltada, inconsolável, apoiava-se na língua barulhenta da Mariquinha que, com a queda de pressão da desditosa, levou-a daquele local fatídico para um bem sortido copo de açúcar na casa do patrão.

E saiu a Maria Bomba-Atômica e chega o Zé do Pasto, apavorado, ouvindo e desouvindo as broncas do Zé Perigoso. E no calor da discussão chegaram à conclusão que, se o dono era irresponsável, a vaca era muito mais que isso, e acrescentado pelo fato de tanta ousadia em pular do barranco para o telhado

da casa. E como fazer o animal descer dali? E como tirá-lo daquele lugar? Antes que a solução aflorasse, era preciso definir os prejuízos, a extensão do estrago e, logicamente, a presença do dinheiro, caso contrário, a vaca não sairia de onde se metera.

- ... sem a minha devida autorização - deixou bem claro Zé do Pasto.

Ainda bem que era época de eleição porque surgiu diante da aglomeração o Zé Urna, vereador de carreira, bons serviços prestados à comunidade e mais uma vez candidatíssimo, que se dispôs a levar o assunto perante o chefe do executivo que tomaria providências para ressarcir justamente os cidadãos daquela pacata e progressista comuna. No entanto, e a vaca? quem iria se preocupar pelo seu infortúnio? Foi a providencial pergunta do dono. Diante desse impasse, surgiu a ação do valoroso soldado Zé Bota que pediu alguns minutos de espera e muita calma e, pouco depois, voltou com a solução na presença do açougueiro que subiu no telhado, analisou a vaca, seu estado, seu peso, cor, perguntou pela idade, vacinas e fechou o negócio.

Finalmente tudo resolvido, o jeito agora era descer o animal. Os planos se encaminhavam para o desfecho, de acordo com as minúcias teóricas, quando reapareceu dona Maria Bomba-Atômica que, descabelada, histérica, já recuperada pelo inesperado e com domínio das qualidades que lhe presentearam tão sugestivo nome, mandou o marido calar a boca, ameaçou um soco no desditado Zé do Pasto, expulsou o candidatíssimo, desacatou o zeloso militar, e brandiu o braço para o alto:

- Ninguém bota a mão na vaca (o animal, que seja bem entendido), naquela casa não entro mais porque quem morar ali só vai ter atraso de vida... é mau agouro... chama o delegado!

Do alpendre, Zé Bento viu a Mariquinha tomar o rumo. Em frente, no telhado da casa, a vaca continuava silenciosa na sua desdita, e o resolve-não-resolve entre os litigiosos e os defensores da ordem pública se prolongava em confabulações para levar a bom termo o destino do inglório animal.

A CAPA

Zé Quinto, rapazinho bom, calado, cismador com a própria alma e retraído nos ajuntamentos de qualquer sexo, mormente o sexo oposto. Na vida do Zé Quinto havia um dia que prezava muito e ansiava por ele: o dia do aniversário (e quem é que não espera esta emoção a cada ano?). Chegou a data. Discreto, um abraço aqui, outro ali, quase sempre os mesmos e sempre na própria família.

A sua mãe o olhou com olhos de mãe que só filho conhece. Falou qualquer coisa de felicidades e paz com Deus Nosso Senhor e arrematou:

- Lá no quarto tem uma coisa para você.

Zé Quinto percorreu com os olhos as panelas no fogão, comeu uma banana e foi para o quarto. Em cima da cama, o embrulho. Desembrulhou-o, lentamente. Auscultou adivinhações e ouvia nas mãos o farfalhar do objeto. Era uma capa de chuva, marrom, de náilon, uma beleza. Zé Quinto vestiu-a, mirou-se diante do espelho, desencadeou imaginações e planos, sonhou, trancado no sossego do seu quarto. Viu-se diante dos amigos, embevecidos com a vestimenta. Sorveu os olhares curiosos e arredios das meninas que faziam seus sonhos. Caminhou com os pensamentos pelas ruas e pelas praças da cidade. Estava satisfeito, muito feliz com o presente. Mas... era preciso chuva, tempestade até! Correu à janela. Tempo limpinho. Voou até a porta da rua. Também lá, céu azul, azulzinho.

Os dias passavam. As nuvens iam e vinham e nada de anunciar pingos d'água. Zé Quinto vivia os dias contando nuvens, somando-as, juntando-as, esperançoso que escurecessem. À noite, espantava as estrelas, implorava que a lua se escondesse na escuridão. Os dias espichavam. Zé Quinto chegou mesmo a arrumar uma viagem até à cidade próxima na esperança de que, por lá, topasse chuva. Em vão. Tanta ardência pela manifestação da natureza que teve uma idéia relâmpago.

Domingo, dia calmo, céu limpo, família sai para um passeio na roça. Só e entregue ao silêncio da casa, trancou portas, fechou janelas. Foi para o quarto, vestiu a roupa de passeio, enfiou a capa de chuva e pôs-se a andar pela casa. Contemplava-se no espelho, fazia poses como se rodeado de gente estivesse. Ia, vinha, admirava a si mesmo, até que, do jeito que estava, dirigiu-se ao banheiro. Abriu o chuveiro, tomou o cuidado de desligar a chave da água quente, e sentiu, por fim, a água despencar sobre o seu corpo protegido pela capa de chuva marrom.

E, ali, Zé Quinto permaneceu, satisfeito, alegre, sonhando. Molhado, andou pela casa, contemplou-se no espelho, retornou ao banheiro, deixou que a água caísse mais e mais e, tão feliz, que tirou o capuz e deixou que a água o tomasse por inteiro. Abria os braços, sapateava em cima da água que escorria do chuveiro e do seu corpo para o ralo. Encharcou-se de água, de sonhos, de devaneios.

Mais tarde, desanimado, depois de um longo cochilo, levantou-se. Despiu-se, colocou as vestimentas para secar e, no silêncio fechado da casa, novamente adormeceu.

Domingo seguinte, Zé Quinto acordou com febre. Tossiu o dia todo. Mãe preocupada e aflita chamou o médico. Médico veio, olhou o adoentado, examinou-o e declarou:

- Precisamos tratar o rapaz... isso aí é uma baita pneumonia!

APAIXONADO

Zé Dinho não era de prender-se a qualquer moça, não. Estava mais para conquistas passageiras, esfregação sem compromisso cartorial. Pequenas aventuras que enfeitavam as prosas nas rodadas de cerveja e nos papos maliciosos na pracinha da cidade. Um dia, Zé Dinho estava distraído, conversando displicentemente, quando percebeu um bando de rolinhas roliças, barulhentas, ingênuas, dirigirem-se para o banco da praça, e seu olhar físgou o momentâneo da Nezinha que, ao sentar-se e ao cruzar as pernas, a saia vermelha, que nem maçã importada, rodou um pouco mais para o alto e um pedaço de coxa surgiu bem à sua frente.

Zé Dinho segurou assunto com o Zé Mundinho por um par longo de minutos na esperança de premiar seus olhos com a natureza em mais outra oportunidade. E nada.

Aquela imagem, entretanto, não mais lhe saiu da retina (maneira de dizer). Não saiu mais do seu pensamento e com o tempo se alojou no coração. Por onde a Nezinha aparecia, os olhos interesseiros do Zé Dinho se alongavam até na curva da esquina. Seu olhar passou a furar o amontoado de casais nos bailes e, quando fora do clube, estacava na janela para contemplá-la enquanto o Zé Mundinho lhe implorava decisão para pegar a menina, ou ir para aventuras antes de a lua desfalecer no raiar do dia. E ele, com os olhos parados, fixos, só murmúrio.

- Como é bonita! Que sorriso! Que pele!

- Larga dessa falação e vamos sacudir o corpo e lubrificar a garganta, cara!

Em uma noite de sábado, altas horas, Zé Dinho se juntou com o Toin Cantor e, depois de muitas serenatas avulsas pelos arredores, conduziu, discretamente, o violeiro para perto do muro da casa da Nezinha. Na madrugada silenciosa, Zé Dinho e Toin Cantor esgoelaram músicas FM e de corações doidamente apaixonados. E quanto mais alto elevavam seus amores poéticos, mais a Espoleta, cadelinha dengosa do quintal da Nezinha, mais latia e só mesmo um tiro de espingarda, saído não se sabe de onde, sossegou a cantoria (não a Espleta que mais parecia cadelinha histérica).

Por longas e ansiosas semanas o tempo dilacerou o peito do desesperado Zé Dinho que, incrivelmente, não sabia como aproximar-se da amada,

entabular papos de amor e “sonhei que estavas tão linda...” O muito que conseguira foi, em uma outra madrugada de sábado, mais uma vez acompanhado do Toin Cantor, aproximar-se da janela do quarto da Nezinha e, baixinho, quase se derretendo de emoção, falar uma poesia amorosa, melosa, de amor sem fim e rima vulgar.

Em uma tarde, também de sábado, fazendo-se de desinteressado, Zé Dinho virou a esquina e trotou pela rua do Sapo onde a Nezinha tem moradia. Caminhou lentos passos, retardando seu deslocamento, quando ouviu gritos desesperados atrás de si. Virou-se de súbito e deu de cara com uma vaca, vaca brava, perdida, enloucada, investindo em sua direção. Zé Dinho, como bom zagueiro do time da sua rua, ensebou as pernas pela rua do Sapo com os chifres a cutucar-lhe os fundilhos. E antes que fosse espetado, optou por pular para dentro da primeira porta que viu aberta e se salvou. Estatelou na sala, suando, sem um pé do sapato, coração acelerado e, surpreendentemente, vejam só, a Nezinha bem ali ao seu lado, aflita, sem saber o que fazer. De imediato, surgiu um copo de água com açúcar, acompanhado de maldições e pragas por cima do inconseqüente animal. Devagar, a situação foi se acalmando, os comentários desenrolando-se fraternalmente, a vaca brava dominada após cumprir sua importante missão de botar o Zé Dinho para frente e... e, até hoje, ele ainda não atinou se foi aquela vaca que engatou o romance... ou se foi a água com açúcar, servido em um copo de plástico vermelho ou, acreditem, a saia vermelha que a Nezinha usava nos rodopios desesperados para socorrê-lo!

NO BAILE

- Bota mais uma vodca... caprichado, viu?

- Pode ir firme, Chico, que a Lulu hoje tá pra você... olha só o jeitinho dela, olha só... pode ir que eu garanto!

- Pô! Só isso de vodca? Bota mais... vai...

Com os cotovelos em cima do balcão, Chico olhava firme a paquera lá do outro lado do salão do clube. Não tirava os olhos da Lulu, cabelos presos no alto da cabeça, a maquiagem realçando seus grandes olhos negros; o vestido azul, apertando os seios, a cintura, e solto daí para baixo, caído em roda pronto para rodopios de uma valsa; a figura esbelta, magra, equilibrava-se no salto alto, possivelmente pela primeira vez. Chico sentia que a cabeça zunia e a coragem para tirar a Lulu para dançar refugava no seu ânimo desde o início do baile. Ao seu lado, Virino acelerava o incentivo no vai-vai que, se não, tarde será.

- Será que ela gosta mesmo de mim?

O jovem apaixonado queria ouvir a todo instante uma confirmação o tempo todo confirmada pelo amigo.

- Mas é claro, Chico. Até os primos dela me falaram... vai lá, sô, seja homem!

Foi nesse ponto que a orquestra repicou no salão um meloso bolero sob a penumbra da pista de dança, e Chico sentiu um cutucão nas costelas que o fez dar alguns titubeantes passos e, em seguida, pisou firme como podia, sustentando vodca e atordoamento. Foi por pouco que se aproximou da Lulu que o Martinho, boa pinta, bom de pista, fala dengosa e experimentado laçador de cintura, também se aproximava da sua paixão.

Pronto. Sem saber como e de que jeito, sem nada ter falado, sentiu a mão fria e delicada da Lulu na sua mão e, no ombro, a mão leve e perfumada. E ele apenas enlaçou a cintura que tanto observava de longe, enrijeceu o corpo e procurou manter discretamente a distância regulamentar para dançar. Por uns instantes, sentiu que suas pernas, autômatas, obedeciam ao um-dois para lá, um-dois para cá que aprendera numa festinha de aniversário com a prima Vera, em uma primavera recente.

Ainda não completara a primeira volta no salão e já se aventurava a olhar nos olhos da Lulu sem saber ainda de declaração de amor ou de bêbado. E Lulu calma, muito calma, tranquila, segura, deixando-se levar, macia, indo, vindo, perfumada... e como é bonita! Discretamente, Chico puxou a amada para mais perto

de si e ela... cedeu. Ele suspirou alívio e satisfação. Juntinhos como sempre sonhara nos seus momentos a sós na cama de olho no teto do quarto. Para lá, a orquestra anunciava os primeiros acordes de um outro bolerão. Envolvido pela inspiração romântica da música, a maciez da Lulu, o calor do corpo da mulher, a armação dos seios espremidos no seu peito, o rosto colado ao seu e delicadamente pendido no seu ombro, aventurou mais um aperto, e encostou suas pernas nas pernas da Lulu, impassível, que talvez até gostasse...

E foi no momento assim, de versos musicais compassados e doridos de paixão, no meio da pista, que num aperto um pouco mais ousado, Chico perdeu o equilíbrio, fez que ia para trás e foi para a frente, e ambos espatifaram no piso encerado do salão, ele sobre ela, ela gritando e ele sem saber como sair de cima. No desespero de se livrarem um do outro, um sapato do Chico bateu em retirada enquanto o vestido da Lulu, não tendo para onde fugir, subiu pelas pernas como se quisesse esconder-se na calcinha cor de rosa da infeliz. Mãos providenciais surgiram, desenroscaram os corpos que, desesperados, envergonhados, tomaram rumos opostos: um, em lágrimas para a toalete, amparado por solidárias amigas; outro, como cachorro escorraçado, claudicante, tomou o rumo das escadarias do clube.

Sentado, sozinho no bar do Sidney, Chico chorava os amargores do baile... Lulu... nunca mais! Nunca mais o seu olhar, nunca mais o seu perfume... vergonha... humilhação...

- ... outra vodca... não, agora quero cachaça!...

Quase seis horas da manhã de domingo, primeiras senhoras a caminho da igreja passam pela praça e esparramam rezas, revoltas e sinais da cruz pelo rosto, e Chico, no banco, ronca, sentado, com um cachorro vira-lata servindo de consolo, a braguilha aberta...

O BILHETE

O sol descambava no horizonte naquela tarde primaveril de domingo...

Este começo é para receber dona Dotinha que vem vindo pela calçada da rua do Sapo, arrastando o salto baixo do sapato, vestido escuro encobrindo o negrume das meias, e os óculos emoldurando a fisionomia ultrapassada pelo tempo. Imponente, séria, bisbilhotando as idéias e a vida alheia, aproxima-se da casa do Nandinho, aquele poeta de versos dramáticos, metricamente melosos, livres na arte e na vida.

Dona Dotinha diminui a cadência do andar ao aproximar-se da janela da sala na vã expectativa de esfregar seus olhos nos olhos do Nandinho. Porém, sua curiosidade, neste momento, é agredida por uma bola de papel que voa de dentro da casa. Dona Dotinha para, olha o papel, revoltada com o insulto. Nisso, seus ouvidos, aposentados de tantas juras, ouvem no silêncio do casarão:

- “Eu vou matar você...”

As pernas da dona Dotinha bambeiam, tremelicam, coração sapateia no peito e, num esforço heróico, ela se movimenta lentamente e, sofrendo, esforça-se para apanhar o papel que a atingira, quem sabe, um bilhete implorando por socorro. Apanha-o, desliza desesperada pela rua do Sapo, muda, silenciosa, aflita, como se ela própria fosse a morte anunciada. Com as mãos sufocando o bilhete fatídico, todo seu corpo se arrasta em direção à igreja do padre Lelé.

Padre Lelé, paramentado para os ofícios religiosos, assusta-se com a chegada dramática da fervorosa mulher que, tremendo, abre a mão e lhe mostra o papel todo amarfanhado:

“Eu tenho um revólver... vou matar você...”

O padre também se alvoroça, tenta acalmar a paroquiana que lhe conta o acontecido com as lágrimas despencando pelas rugas da face. Padre Lelé ameaça uma oração e a interrompe porque os fiéis estão lá, na expectativa das suas orações diárias. Uma luz, enfim:

- Zé Tico... vá correndo lá na delegacia e entrega isto pro delegado... anda... corre, diabo...

O coroinha, assustado com a fisionomia do padre, pula fora da sacristia e desembesta as pernas rumo à delegacia e, quando lá chega, encontra a

porta fechada. Por sorte, ao retornar por outro lado da rua, vislumbra o bigode do delegado ensopado de cerveja dentro do bar do Tobias. O homem da lei lê o bilhete, ouve da boca do auxiliar paroquial as palavras do padre Lelé e a descrição do estado catastrófico da dona Dotinha. Rapidamente toma a decisão. Convoca os parceiros da mesa, mais dois soldados que jogam truco e todos, juntos, marcham para a igreja.

Antes mesmo do “Deus esteja convosco”, padre Lelé já estava na frente do delegado e comitiva, todos ouvidos e preocupação, atentos aos relatos minuciosos e em cascata sufocante da trêmula dona Dotinha.

- É isso mesmo... o Nandinho tá sendo ameaçado de morte... ele é rico, deve ter muita coisa em casa... temos de proteger esse homem, temos de salvar este íntegro cidadão... este bilhete é bem claro, não deixa dúvida. Venham comigo, todos vocês... não me deixem só!

Assim falou o delegado.

Falou, falado está, e aquela mini-multidão de homens decididos e corajosos ruma para a rua do Sapo, silenciosamente. Armados de armas e pedaços de pau, aproximam-se da casa do desventurado. No ar, um silêncio cinematográfico. Nisso, uma voz irrompe dramaticamente de dentro da casa:

“- Deus, ó Deus, onde estás que não respondes...”

É triste morrer assim, covardemente, nas mãos de um solerte bandido. Não! Não! Nandinho não pode morrer tão tragicamente! O assassino há de pagar pela sua covardia. Aqueles destemidos homens não aceitam este rude golpe, monstruosa desgraça com um homem indefeso e honesto. Algo precisa ser feito e rápido. Em volta do casarão, olhos vividos, sofridos, deixam rolar lágrimas de dor, revolta e ódio. Foi aí que o delegado, imbuído de um imenso senso do dever e responsabilidade, sentiu o sangue ferver-lhe o coração, escurecer sua mente e, num átimo, correu para a casa da vítima com o revólver em punho. Peitou a porta, rebentou-a e focinhou na sala. Também naquele exato momento, um grito de pavor se fez ouvir e um corpo caiu desfalecido.

Quando a leva de mais heróis invadiu corajosamente a casa, encontrou o delegado gemendo, com o braço direito quebrado, e o Nandinho desmaiado solitariamente no sofá. Pelo chão e em cima da mesinha do escritório, e por todo lado, folhas e mais folhas de papel sulfite testemunhavam o empenho e a obsessão do Nandinho em escrever, além das surradas poesias, uma dramática peça de teatro.

A BARBA

Dos tipos pitorescos da pequena cidade, havia um que se destacava pela sua comunicação e brejeirice. Além de tudo, portava uma respeitável barba que lhe descia pelo peito, preta e sempre limpinha de dar gosto. Patrício até parecia que queria mesmo aparecer entre todos. Mas não. Simples, boa praça, humilde e portador de CPF de muita honestidade. A barba era a sua marca registrada para lá de dez anos de muitos cuidados e afagos. E sua figura nunca foi motivo para algum gracejo.

Era uma sexta-feira, fim de expediente, cada qual querendo cair fora logo do serviço, já que a semana custara a passar e uns comes e bebes estavam à espera no bar do Maurício. Um lugar certo para varar a noite com fofocas, programas e aventuras contadas e nem sempre acontecidas. Foi só os ponteiros do relógio ficarem durinhos nas seis da tarde e o Bar do Maurício começou a espalhar bebida, prosa e alegria.

Patrício, é claro, lá estava que não era de ficar para trás em atividades deste teor. Pranchou em uma cadeira, pernas abertas diante da porta que dava para a praça, escorreu um afago na pretinha que lhe descia pelo queixo e descarregou o caneco na garganta. Foi só recolocar o vidro na mesa para um novo abastecimento e o Drico comenta:

- Ô Patrício... estou pra lhe fazer uma pergunta que me encabula há muito tempo...

- *Qualé*, homem? Solta a bicha que eu mastigo a resposta imediatamente...

- É que... sabe... eu só queria saber... não vai ficar aborrecido com a indiscrição, a curiosidade... eu queria saber se quando você dorme, você coloca a barba por cima do lençol ou por baixo dele...

Patrício esbugalhou os olhos. Encheu o caneco e esvaziou-o de uma só talagada. Olhou para o Rodrigo, baixou os olhos para o travesseiro das morenas (era assim que apelidava sua barba), mordiscou a ponta da unha e confessou:

- Uai, Drico... sabe que nunca tinha reparado nesse detalhe? Sabe que eu não sei como é que é?...

Os tira-gostos devem ter notado que Patrício não estava o mesmo de outros dias. Passou a maior parte do tempo caladão, matutando, meio sério,

minhocando os pensamentos. Talvez fazendo planos silenciosos para uma pescaria de fim de semana quando trazia o embornal cheio de histórias e pouco peixe.

Segunda-feira de sol quente, serviço como sempre e o “foi-como-foi” do fim de semana. No canto do escritório, a mesa do Patrício com a cadeira vazia.

- Vai ver que perdeu a hora!

- Que nada... deve ser o peixe que ele pegou desta vez, de tão grande, foi preciso trazer em cima de um jamantão...

Após o almoço, barrigas estufadas, a cadeira vazia na frente da mesa do Patrício. Alguns olhares de preocupação e o silêncio ocupa mentes e trabalhos. Nisto, surge Patrício na porta do escritório e um “oooohhh!!!” reboou pelas paredes: o seu rosto branco e sem jeito aparecia sem a costumeira barba de fazer as morenas dormir!

- Que é isso, Patrício?

- Por que tirou a barba?

E todos curiosos, surpresos, em volta do encabulado colega, tristonho, de olheiras e olhar cansado.

- É que... sabem... o Drico me perguntou se quando dormia eu colocava a barba por cima do lençol ou por baixo... Daí, fui deitar e comecei a observar como que era... e não consegui dormir essas noites todas. Se a barba ficava por cima do lençol, me incomodava. Se ficava por baixo... incomodava também. Não consegui pregar os olhos direito. O jeito... foi raspar a barba...

E os olhos vermelhos do Patrício avermelharam mais ainda.

UM GRANDE CAÇADOR

A meninada deixou de brincar no quintal, entrou casa adentro e se empanturrou de biscoito e bolacha. Conversaram conversa de criança e depois saíram a procura do Zé Pança.

Lá no paiol, Zé Pança debulhava milho, cismando coisas de gente grande, quando viu aquele mundaréu de olhinhos curiosos.

- É verdade, Zé Pança, que você já foi caçador?

- Eu? Que é isso! Fui pescador e dos *bão*!

- Mas... e aquela garrucha lá no seu quarto?

Zé Pança lembrou então do Tião Caçador, grande amigo de papo e cachaça, que foi embora há muitos anos, e lhe deu a dois canos como prova de amizade e de abandono para sempre da vida de perseguir animais.

- É... bem, cacei um pouco, mas faz muitos anos que a garrucha não prova pólvora...

- Conta pra gente, Zé Pança, uma de suas caçadas...

Zé Pança soltou a espiga de milho, coçou o cocuruto da cabeça, caçou alguma história na imaginação e debulhou as palavras com vagar.

- Foi há muitos anos, quando ainda era moço e derrubava touro no muque... Certo dia, resolvi caçar onça. Levantei de madrugada, passei a mão no cinturão, pendurei aquela garrucha no ombro, e, no outro, o embornal. Saí pros lados da “Serrinha”, pra bem longe, onde tem mata fechada e, com a coragem que Deus me deu, enfiei o focinho grotão afora. Dia já ameaçava clarear quando parei de soslaio numa clareira. Nisso, senti vento no peito, arrepio no corpo. Vi então, bem na minha frente, a poucos metros, uma onçona pintada que mais parecia um boi carreiro. Coração bateu forte, e eu ali parado. Mas no que dei de piscar os olhos, Santa Virgem, rogai por mim! outra onçona grandona e preta que nem tição, se achegou também e as duas juntas olhavam pra mim, juntas mostravam os dentes, uma ao lado da outra...

- Coitado do Zé Pança!

- ... olhando pras duas bichonas bem no entremeio dos olhos, fui devagarzinho ajeitando a garrucha de dois canos. Mas no que roço os dedos no cinturão... cadê cartucho! Não tinha nem farelo de pólvora! Senti perna bambear, olhos escurecer e pensamento em santos e virgens santíssimas! Caçador destemido

que era, continuei segurando as feras com os olhos e lembrei do embornal. Mais devagarzinho ainda, enfiei a mão lá dentro na esperança de achar nem que fosse um cartuchinho e na minha mão saiu... uma banana nanica...

- Coitadinho!

- Aí, então, só tinha a banana nanica pra me salvar. Com muito cuidado pra não assustar as bichas, joguei a banana que foi cair pertinho das onças. A onça preta viu a banana e, olhando pra mim, levantou a pata maior que meu chapéu de palha e puxou a fruta pra junto dela. Tornei a enfiar a mão no embornal e achei outra nanica. Novamente, com muito cuidado, joguei a banana pras feras. A onça pintada, olhando pra mim, levantou a pata maior que uma jaca e puxou a fruta pra ela. De novo, enfiei a mão no embornal e trouxe a última banana que me restava e atirei lá. Quando a onça preta levou a patona pra puxar, a onça pintada roncou brava - aquela banana nanica também era dela. Naquele justo momento, vi os dois enormes animais se enfurecerem, arreganharem as presas e se abraçarem em fúria de morte, briga de sacudir até as estrelas do céu. Enquanto as onças brigavam, ajeitei meus apetrechos, dei de costas, voltei calmamente pra casa e dependurei para sempre a cartucheira no meu quarto!

- Mas, Zé Pança, por que você não voltou a caçar já mais prevenido?

- Ara, meu menino, que graça tem caçar onça que vive brigando por banana nanica? Nem urubu quer saber de bicho assim...

Levantou, saiu do paiol, deixou o silêncio e as ilusões nos olhinhos e foi tratar da criação.

CHAPEUZINHO QUASE VERMELHO

Essa historinha é quase igual a outra e começa numa bonita manhã de sol, quando todo mundo está de férias, até mesmo os passarinhos e todos os bichinhos da mata.

- Mamãe, vou passear lá na casa da vovó!

- Ah! minha filha, logo hoje que tem programa bom na televisão?

- Corta essa, mamãe!

- Toma cuidado com o Lobo Mau que fica de olho nas meninas, viu? E não vai parando pelo caminho que sua avó mora longe, você sabe!

Antes mesmo que mamãe falasse todas as recomendações maternas, Chapeuzinho Quase Vermelho já estava instalada na sua motoca, capacete, e sacola cheia de coisas interessantes. E com um zuuuuummm arrancou pela estrada afora, bem sozinha, levando novidades para a vovó. E correu pela estrada e quanto mais ela corria mais os passarinhos se espantavam, e os animaizinhos mais espertos procuravam alcançá-la naquela corrida barulhenta, e não conseguiam. Chapeuzinho Quase Vermelho ia pela estrada afora, esquecida dos perigos, sonhando com o passeio bonito que fazia naquele fim de semana de muito calor.

Quando já estava no meio do caminho, Chapeuzinho Quase Vermelho, cansada e com a barriguinha roncando de fome, resolveu parar para tomar um lanche. Foi quando se lembrou de que se esquecera de preparar a comidinha para a viagem. Mas como ela era muito esperta, não se preocupou com isso. Mais lá na frente, parou num bar muito bonito que ficava à beira da estrada, cheio de árvores, palmeiras e muitas flores. Lá, até os passarinhos faziam pouso quando tinham fome.

E muito tranquila, contente da vida, Chapeuzinho Quase Vermelho comeu um sanduíche deste tamanho com guaraná e ainda catou uns pedacinhos que caíram sobre a mesa.

Mas, enquanto Chapeuzinho Quase Vermelho comia distraída o seu lanche, lá no canto do bar o Lobo Mau a espreitava. Lambia os lábios de vontade, esfregava as mãos de satisfação e dentro de sua cabeça uma porção de pensamentos iam e vinham, e todos os pensamentos pensavam no Chapeuzinho Quase Vermelho, que não sabia de nada, nada via, inocente que estava na história toda.

Quando Chapeuzinho Quase Vermelho saiu do bar e tomou a estrada, o Lobo Mau, que também tinha uma motocona, se mandou por um atalho que ele conhecia e foi esperar a menininha lá na casa da vovó. Ah! esse Lobo Mau, para que assustar a menininha tão despreocupada assim?

Não demorou muito e Chapeuzinho Quase Vermelho chegou na casa da vovó. Encostou a motoca na varanda e foi para a porta da casa. Bateu: toc-toc-toc. Ninguém atendeu. Apertou a campainha. Ninguém falou nada. Aí, então, Chapeuzinho Quase Vermelho levou a mão no trinco e viu que a porta estava aberta.

- Uai... vovó não costuma deixar a porta da casa aberta! Pensou ela baixinho.

Abriu-a, olhou com olhinhos bem pequeninhos lá para dentro da casa e só viu muito silêncio. Entrou, bem devagarzinho, com o coração fazendo puf-puf, pensando no que teria acontecido com a querida vovó.

- Será que está doente? Ou foi lá na casa da costureira?

Quando estava nestes pensamentos, Chapeuzinho Quase Vermelho percebeu que a porta do quarto da vovó estava aberta. Aproximou-se:

- Vovó!

- Entra, minha filha! respondeu uma voz diferente lá de dentro.

Ela entrou e perguntou:

- Você está doente, vovó?

- Não, minha netinha! Chega mais perto de mim que você está longe...

- Sua voz está diferente, vovó!

- É... estou rouca de tanto falar na costureira!

- Mas, vovó, você está com um nariz tão grande!

- É para sentir o seu perfume que é muito gostoso...

- E esta boca, vovó, tão grande assim...

- É para beijar você, minha netinha...

E falando assim, o Lobo Mau viu que Chapeuzinho Quase Vermelho estava pertinho e, de um pulo, zaaappp...

Quando Chapeuzinho Quase Vermelho viu aquele lobão mau pulando sobre ela, deu um pulo para trás e o Lobo Mau caiu no chão de focinho. Aí, então, o Lobo Mau se levantou e tornou a pular sobre Chapeuzinho Quase Vermelho que, num movimento de braço, jogou o Lobo Mau no chão que, assustado, caiu de boca e quebrou dois dentes. Erguendo-se de novo, Lobo Mau tornou a pular com toda a

raiva sobre Chapeuzinho Quase Vermelho que, desviando rapidamente, aplicou-lhe um daqueles golpes bem doloridos que tinha aprendido na academia de judô, e espatifou a cabeça do Lobo Mau na parede do quarto. Então, assustado e com muito medo, Lobo Mau procurou a porta da rua e saiu correndo feito louco, com o corpo todo machucado, e prometendo a si e para si nunca mais entrar em qualquer historinha de Chapeuzinho Vermelho.

Quanto à vovó, Chapeuzinho Quase Vermelho foi encontrá-la, depois de muito procurar, debaixo da cama onde dormia sossegadamente, escondendo-se dos pernilongos.

DE PAI E FILHO

Quando acordei, o dia já estava clarinho, esturricando calor por todos os poros. Ainda na cama, calculei que o almoço se aproximava, ora pelo barulho que vinha da cozinha, ora pelo cheiro gostoso de frango caipira ao molho. Adoro frango caipira ao molho! E cá pensei comigo: é hoje que vou quitar aquela dívida de uma pescaria que faz tempo que tenho prometido para mim mesmo. Arrumo as varas de pescar, almoço, pego rumo do ribeirão, pesco um balaio de lambaris (adoro lambari bem fritinho, passado no fubá) e depois vou assistir ao meu Mengo descascar o Vasco mais à tarde, comendo lambari.

Saio da cama. Mulher na cozinha com cara de que não teve prazer na madrugada. Vou lá na casinha de badulaques, preparo as duas varas de pescar, anzóis, isca de fubá, bota, calça velha, camisa idem, ah! sim, o chapelão de palha. Mulher grunhe da porta da cozinha. Acho que o almoço já está servido. Entro.

Almoço quase em silêncio. Uma delícia o frango caipira ao molho.

- Mãe, me leva no festival do guaraná?

- Seu pai leva.

- Eu vou pescar.

- Ah! é? Levantei cedo, arrumei a casa, fiz o almoço, tenho que arrumar a cozinha e estou com dor de cabeça. Já tomei comprimido de tudo que é jeito e você... e você...

E desceu água dos olhos como enxurrada em morro sem vegetação. Tudo bem. Descanso e, à tarde, eu levo o Zezinho no festival do guaraná. Adeus pescaria. Logo hoje. E o nariz fungando diante das torneiras e dos pratos sujos.

- Não é de hoje que o menino fala neste festival.

Ser pai é sacrificar uma pescaria proveitosa.

- Vamos, pai?

- Ainda é cedo!

- Não é não. A fila é grande e não quero ser o último.

Ameaço de choro novamente para debaixo dos meus olhos que para cima ainda tem tempo nublado. E com este sol... Vamos para o festival do guaraná.

Fila dobrando o quarteirão. Molecada correndo, brigando, conversando, limpando o nariz com o dedo. Mães aflitas, enfeitadas, escorrendo manchas de cosmético. Fila andando, esparramando balbúrdia pelo campo de futebol. Zezinho sorrindo, alegre com o copo de guaraná. Esbarra daqui, esbarra

dali, e lá estou eu entre sorrisos enfadonhos, recebendo duas canecadas de guaraná na calça, pernas melando, rosto suando. Cadê o Zezinho? Quem viu o Zezinho? Zezinho sumiu.

Volto à tarde, mãos vazias, sem as mãos do Zezinho. Chego em casa.

- Onde você estava? Como foi que você deixou o coitadinho perdido por lá? Olha só o estado que ele chegou, todo sujo e ainda rasgou a calça novinha...

- Eu...

- ... você não olha nem pelo seu filho, e eu aqui doente, tendo que cuidar de tudo, e passo roupa, e lavo roupa, e faço comida, e arrumo a casa, e dou banho no nosso filho, e apanho o leite, e lavo o alpendre, e só assisto às novelas da noite. E você? Só pensa em pescar... (buuááá).

Para evitar mais tragédia, saio para a sala, em silêncio. Contemplo a televisão. Epa! O futebol! Ligo a televisão no jogo que está terminando. Flamengo perdeu. Desligo a TV. Tudo bem. Vou beber qualquer coisa. Abro a geladeira, cadê a cerveja? Só tem uma garrafa de guaraná. Ora, guaraná! Bem... vai assim mesmo. No silêncio da sala, tento degustar o último gole de guaraná e ouço a voz chorosa do Zezinho no ouvido gripado da mãe.

- Mãe, u pai tomou o meu guaraná tudinho!

VAMOS À PRAIA

Feliz, feliz, Tancinha recebeu o Zé Pança com um apetitoso doce de abóbora e anunciou:

- Vamos à praia! A Zuleica emprestou o apartamento dela!

Zé Pança nem conseguiu pensar no assunto que a Tancinha já foi jogando em cima da mesa de jantar todos os planos, sonhos e a vontade louca e incontida do Toinzinho, coitadinho, que nunca conhecera o mar. Zé Pança nem balbuciou palavras de análise, estudo ou inconveniência diante de tanto entusiasmo.

Dia da viagem.

Zé Pança, ocupado com as trambiqueiras, nem percebeu que dona Hermengarda, a volumosa sogra, fazia parte da caravana. E agora? Calma, Zé Pança, calma! E até a *Marta Rocha*, cadelinha safada, também tinha lugar e acomodação na praia. Calma, Zé Pança, calma! Se é pelo Toinzinho, coitadinho, o jeito é tomar o rumo do mar. E o mar do Zé Pança estava para caranguejo, que Toinzinho enjoou na viagem, dona Hermengarda relançou doenças e dores, Tancinha reclamou do desconforto e a *Marta Rocha*, coitadinha, não segurou as necessidades. Zé Pança só não desistiu da viagem no meio do caminho pela cara da Tancinha e pela sorte que só furou um pneu do carro.

Dia lindo, lindo, o mar bramindo e cadê, ó Zé Pança, a chave do apartamento? Mexe e empurra, arrebenta a porta, carrega mala, sobe com isopor, ajuda a fazer a limpeza, acabou o gás...

- Vai homem, vai comprar gás, enquanto eu, mamãe, Toinzinho e a *Marta Rocha* vamos conhecer o mar...

E finalmente o gás. Mais uma ajeitada aqui e a tropa, esfomeada, de volta. E faz comida, vai comprar sal, ajuda a lavar a louça, todo mundo cansado, o mar bramindo... bramindo... e Zé Pança ouvindo as ondas ao longe, sentado, vigiando a porta, se não ladrão entra.

Manhã seguinte. Zé Pança, cansado de ficar na cadeira, sonolento.

- Toma café, querido!

Zé Pança bebe, quer dormir...

-Não senhor, e esta porta... tem que consertar! A Zuleica recomendou muito que...

O mar bramindo. Zé Pança anda para lá na cidade, vai até para lá daquela ponte e, finalmente, passa o resto do dia ajudando a consertar a porta. E, à

noite, cansado, arreado, chora Toinzinho as dores do mar, pragueja dona Hermengarda o calor infernal, reclama Tancinha do desconforto da cama, *Marta Rocha* dorme, não fala (ainda bem).

Mais um dia amanhece. O mar bramindo, bramindo, e a chuva caindo, caindo. A noite chega enfastiante. Na madrugada, a batalha contra os pernilongos e o calor enfraquecem o pequeno batalhão do apartamento.

Outro dia.

- Minha Nossa! é preciso consertar o pneu.

Enquanto Tancinha, a sogra, o Toinzinho e a *Marta Rocha* seguram as ondas, o mar bramindo, bramindo, chama pelo Zé Pança na borracharia, na oficina, que o carro tem barulho estranho

Mais uma noite e, quando amanhece, já é hora de voltar. Carro na estrada. Lá em cima da serra, Zé Pança agora vê o mar, só não deu para ouvir se estava bramindo, bramindo...

Chegou com sorte em casa. Toinzinho chorou com as queimaduras do sol. A sogra passou mal. *Marta Rocha* e as suas necessidades. Tancinha inconformada com o desconforto do carro. A viagem de volta foi agradável. Só furou um pneu do carro.

- Será que ano que vem a Zuleica empresta o apartamento?

Perguntou um dia a Tancinha, e Zé Pança bramiu sobre ela as espumas da sua raiva!

CAÇADA NOTURNA

As estrelas ponteavam o céu e o barulho das panelas na cozinha anunciava que o jantar se aproximava. No quarto, as crianças brincavam e, fumando o seu cigarro de palha, Zé Pança escondia o ronco da barriga. Finalmente, a comida foi despejada na mesa, pratos e talheres rodaram sobre o toalhado e, pouco depois, a devastação expulsou cada um para um canto da casa.

Foi no silêncio do banheiro que alguma coisa chamou a atenção do Toinzinho. Curioso, foi até à sala, pressentindo algo estranho. Quando abriu a porta, viu aquele bicho voando sobre si, escuro, medonho, silencioso. Toinzinho berrou, bambeou as pernas e, descambetando, correu para o quarto. Respiração ofegante, trêmulo, mal conseguia falar, explicar o que vira. Tancinha expeliu abruptamente um “Nossa Senhora”. Mariazinha estatelou os olhinhos e fez beicinho de choro. Zé Pança falou grosso:

- Vou lá ver o que é isso!

Foi... todo cuidadoso, pisando mansinho. Correu os olhos pela sala, retornou ao quarto:

- Não tem nada, não vi nada...

E mais não foi possível falar porque, em época de manifestação nacional, ali mesmo, naquele quarto, explodiu manifestação familiar:

- Eu vi, sim...

- *Tô cum* medo...

- Se não encontrar o monstro, eu não durmo nesta casa!

Diante da mulher e dos filhos, Zé Pança tentou, inutilmente, justificar, apelar. Foi intimado a retornar à sala e localizar o inimigo. Ainda tentou ganhar tempo, adiar enfrentamento como aprendera com alguns políticos do Congresso e, voto vencido, criticado, humilhado, voltou ao covil do bicho.

Cautelosamente, medrosamente cauteloso, e tenso, e desconfiado, e nervoso, vasculhou a sala, foi olhando, procurando até que descobriu o horrendo, grudado lá no canto da parede. Retornou correndo para o quarto, contando a descoberta e dizendo até que, pelo jeito, o coitadinho do morcego estaria dormindo. Foi escutado com atenção, mas obrigado a voltar e dar fim no intruso. Para acalmar e convencer, Zé Pança ainda levantou grave questão: não sabia se deveria enfrentá-lo com vara de pescar, agitando-a até que o morcego viesse de encontro da ponta,

atraído pelo barulho ou, se ele, com a coragem que era a sua reconhecida característica, enfrentasse a fera com um pedaço de pau. De cara, a vara de pescar foi descartada porque Toinzinho e Mariazinha iniciaram comentários humilhantes:

- Onde já se viu pescar morcego!

- Qual é a isca, pai?

Zé Pança deixou a medrosa família no quarto. Espreitando atenciosamente a sala, desceu ao quintal, trouxe de lá um bambu ressecado e entrou na arena de combate. Covardemente, cutucou o horripilante. O monstrengo saiu voando e Zé Pança deu seu grito de guerra:

- Eu vou te matar, vampi!

Com o bambu seguro pelas duas mãos, ele vapt, ele vupt e, no terceiro vapt, o morcego vaptou no chão. Então, gritos de vitória e alegria invadiram o reino dos mamíferos sem asas e a roda se formou em volta do defunto. Zé Pança, assanhado, contava suas peripécias, elogiava sua coragem e destreza no manejo do bambu. Desta maneira, o assunto esticou longas horas e, antes mesmo que todos dormissem, Zé Pança teve o cuidado de conferir portas e janelas bem trancadas e fechadas.

De madrugada, Tancinha, sonolenta, saiu da cama para preparar um chá de erva cidreira para o Zé Pança que, tenso e agitado, não conseguia caçar o sono.

ANIVERSARIANTE

Quando Mariquinha acordou naquela manhã de domingo, a primeira coisa que lhe ocorreu foi o aniversário do Zezinho. Cinco anos... quem diria! Era a única coisa importante naquele dia que prometia muito sossego e televisão o tempo todo. O marido viajara para visitar uma tia claudicante de uma perna e da vida também. Talvez voltasse logo, talvez não. Tudo dependeria de uma boa prosa por lá e os oferecimentos de cerveja, bebida que, por via das dúvidas, ele próprio forçava surgimento de alguma geladeira prevenida. Mariquinha, preguiçosamente, exageradamente preguiçosa, arribou da cama e foi cuidar do dia que clareara de há muito.

Zezinho também acordou tarde. Tomou leite, comeu bolacha e ganhou de presente de aniversário abraços carinhosos e uns beijos na face e na testa. E foi logo despachado para o quarto onde os brinquedos ocupavam todos os espaços e, só mais tarde, voltou para perto da mãe para o almoço dominical. Bem não acabaram de almoçar, surge a Tancinha, a vizinha de defronte, atenciosa, língua solta, despachada, animada com a vida e com a vida alheia. Quando as duas faziam comentários à boca pequena sobre a doidivana que morava ao lado, Zezinho puxou o rosto da mãe e comentou:

- Mãe... aniversário sem bolo não é aniversário!

Aqueles corações amorosos se derreteram, viraram pudim... coitadinho! E foram as duas para a cozinha.

- Coitadinho do Zezinho, ele vai ter um bolo de aniversário, coitadinho!

E falando, falando, cozinhando e mexendo lá e cá, finalmente surgiu um bolo bonito, cheiroso, apetitoso - o bolo de aniversário do Zezinho. As duas ali, juntas ao bolo, cantaram “parabéns a você”, findando a algazarra com risos e vivas. Quando Mariquinha foi partir o bolo, Zezinho tristonho, olhando para o pano de mesa, balbuciou:

- Mãe... bolo de aniversário sem criança não é aniversário!

Pronto! E agora? Onde achar criança naquela tarde de domingo? Enquanto a mãe consolava o filho, Tancinha saiu à cata de criança. Subiu a rua, contornou o quarteirão, entortou o pescoço na esquina de baixo e nada de crianças. Somente no quarteirão seguinte desencavou dois moleques que arrebanharam mais

um na vizinhança e rumaram para o aniversário do Zezinho. Chegaram ansiosos, assim meio-desconfiados, curiosos, gulosos, olhavam de esgueiro para o aniversariante, engolindo com os olhos o bolo em cima da mesa.

Obediente, a molecada atendeu ao pedido da Tancinha. O círculo se formou em volta da mesa e, mais uma vez, o “parabéns a você” subiu ao forro da casa, quebrando o silêncio apático da tarde de domingo. Mãozinhas ávidas apanharam pedaços de bolo, comeram satisfeitas. Zezinho olhava silencioso. Tancinha e Mariquinha desfiavam comentários entre migalhas que despencavam dos dentes quando... Zezinho, mais uma vez, resolveu falar:

- Mãe... aniversário sem presente não é aniversário!

Mariquinha sorriu, sorriso de mãe perdendo o tempero da comida. Tentou desconversar, mas os olhares interrogativos da Tancinha cobravam o presente. Os olhinhos dos meninos procuravam o presente de aniversário. Mariquinha, contrariada, sem graça, teve que explicar para o Zezinho que o presente viria mais tarde, quem sabe no dia seguinte. Um presente bonito que ele iria a-do-rar!

Assim resolvido...

- Quem mais quer bolo?

Bolo gostoso, uma delícia, receita antiga de avó, cozinheira experimentada.

- E o Zezinho... quer mais? Este pedaço aqui? Grandão?

Zezinho, olha para a mãe e responde inconformado:

- Mãe... mãe...

Todos olham para o aniversariante...

- ... mãe... aniversário assim não é aniversário... depois a senhora dá uma festa de aniversário pra mim com muito doce e muito presente?

DE MADRUGADA

Noite de luar, céu estrelado. Zé da Zefa, calorento debaixo de um lençol clarinho, deu um galeio para ajeitar o corpo na cama, tentando apanhar o sono que não vinha nunca, quando sentiu sua mão roçar o traseiro polpudo da mulher. Retornou a mão, apalpou devagarzinho a pele que fazia o contorno de lua quarta-crescente e estacou, quietinho. Sentiu uns pulinhos mais e mais no peito. Cismou se devia ou não, e continuou imóvel. Deu nova virada na cama, mudou de mão, e confirmou para si o desejo que já ia aumentando de vez.

Decidido, resoluto, depois de uns instantes de espera como caçador à espreita da caça, Zé da Zefa resolveu dar o bote. Aproximou-se mais, cauteloso, respiração tensa, sem quase mais perceber o coaxar dos sapos lá fora. Roçou lentamente, sorrateiro, encostou, foi apertando suavemente, como em sonho, como se nada quisesse e querendo estivesse. E a danada da Chiquinha sem se mexer, ligada mesmo no mundo do sono, talvez nem sonhando estivesse, dormindo no duro, ressoando baixinho, sossegadinho.

Porém, Zé da Zefa não estava disposto a abandonar a tentativa assim pelo assim só, e continuou a apertar mais. O coração disparava pelo corpo, até que a mulher protestou baixinho com um resmungo qualquer. Tentou mexer e não conseguiu. Zé apertou mais um pouquinho, aproveitando um espaço que sobrara. Chiquinha protestou novamente, um protesto daqueles de que está é mesmo consentindo. Zé da Zefa se animou, planejou o ataque final, palpitante de desejo, ardente. Chiquinha, semi-dormindo, mexia-se mais e mais, os seios despontavam por entre os dedos do marido, a mão corria o corpo limpo e liso da mulher, os lábios mordiam onde podiam. Chiquinha esquentava, esquentava. Até que o lençol cai em retirada, a cama range sob os corpos aflitos e suados, os sapos nem coaxam mais, nem a coruja se atreve a cantar. Zé da Zefa sua e Chiquinha busca mais e mais os lábios, o ritmo aumenta, um crescendo vertiginoso, alucinante, quando um grito corta a noite, rebenta os corpos e os parte em dois novamente, assustados, sôfregos, cansados, insatisfeitos: o desgraçado do filho acorda justo naquela hora e com tamanho grito de amedrontar caminheiro em noite de sexta-feira da quaresma. E Toinzinho grita e dana a chorar o danadinho.

- Cala a boca, pestinha! berra Zé da Zefa.

Aí é que o Toinzinho mais grita, mais chora, esgoela.

Zé da Zefa não teve, então, outro recurso que abandonar o leito conjugal.

Contudo, ao pular da cama para tapar a boca do menino, Zé da Zefa, no escuro do quarto, pisa em cima do penico que a Chiquinha deixara ao lado da cama com a lotação pela metade. E tudo se esparrama pelo chão de tijolo do quarto, sobrando um pouco para as duas pernas do pai que, de raiva e susto somados, chuta longe a vasilha infame, acompanhada de um palavrão que fez a Chiquinha pular na cama e gritar por alguns santos sempre prestativos em momentos assim. Toinzinho prossegue esgoelando.

- Acende a lamparina, Zé! Acende a lamparina, Zé!

Toinzinho urrando. O pai louco, um bicho louco. Chiquinha apavorada, Tateando no escuro, procurando o filho. O pai derrubando latas na cozinha, cadeiras e até os pratos e o bule rolam pelo chão e, finalmente, uma lamparina tenta colocar ordem na gritaria, choro e blasfêmias.

E vai Chiquinha acalmar o Toinzinho. Toinzinho enfurecendo o pai. O pai berrando pragas, desfiando um dicionário de palavras bem aprendidas no mato e nos currais. E de tanto gritarem e quase se unharem no destempero da noite, esquecidos da fome carnal, dos corpos maçarocados, rolando na cama momentos antes, Toinzinho entrega os pontos e dorme soluçante para (quem sabe!) tão cedo em sua vida acordar em momento tão impróprio. Volta para o berço, chupeta na boca, lençol cobrindo o rosto molhado de lágrimas, fungando, deixando o Zé sentado na cama e a Chiquinha sentada na cama, do outro lado, desconsolados.

- E agora, Zé?

Zé nem responde.

Logo depois, volta Chiquinha:

- Zé, ô Zé, acho *bão* a gente limpar o quarto primeiro... depois a gente volta pra cama... o cheiro tá muito forte...

Zé da Zefa sai da cama, vai para a cozinha, acende mais uma lamparina, põe água na chaleira, sopra a lenha, sopra mais até o fogo pegar e deixa a água quentar, silente, frio.

Sol começava a jogar criação no terreiro e Chiquinha, resignada, lavava o quarto para não deixar cheiro nenhum, enquanto Zé da Zefa, no terreiro, ensaboava as pernas, sabe lá quantas vezes, com sabão preto.

Traseiro polpudo da mulher só em outra madrugada mais camarada.

FECHA A PORTA, SILINHA!

Descendo a rua, carregando as compras no braço, perfumada, cabelo bem penteado cobrindo o ombro, atraente, Silinha levava no seu silêncio a tristeza de uma vida frustrada, cada dia mais cheia de desilusão.

Atravessou a rua sem olhar para os lados, ligada nos pensamentos, maldizendo o dia em que conheceu o Zé Bagre. Ah! porque se apaixonara por aquele sujeito! Ah! se soubesse que, por detrás daquela beleza que deixava suas amigas assanhadas e inquietas, escondia-se um paquerador, mulherengo que nem o diabo era capaz de dar jeito, ah! se soubesse...

Aproximou-se do portão da casa e mal cumprimentou o Zoca, velho afável e prestimoso. Aliás, Silinha não era de ficar cumprimentando os vizinhos. Se já era arredia antes mesmo de conhecer o Zé Bagre, mais ainda ficou depois do casamento, para não dar o que falar, para não esquentar o tino do marido ciumento, que a xingava em voz alta, olhava-a de soslaio nas raras vezes que saíam juntos, preocupado que algum homem trocasse olhar com a sua mulher.

Empurrou a porta. Entrou dentro da casa e viu o retrato do Zé Bagre em cima da cristaleira. Cabelos abundantes, barba grande, bigode volumoso. Sentiu no ar o cheiro de suor, cerveja e mando que empestava a casa. Era sábado. Mais um fim de semana sozinha porque o Zé Bagre, certamente, iria se encontrar com outras mulheres, com amigos, e só voltaria com o sol do dia seguinte, fedendo bebida. E aquela maldita barba que lhe fazia cócegas e que não adiantava pedir, implorar para que a tirasse. Sempre a promessa não cumprida.

Deitou tarde da noite, cansada. A solidão a deixava cada dia mais exausta. Levantou-se e foi verificar se a porta da rua estava aberta porque custava acordar de madrugada enquanto o marido aprontava escândalos e incomodava a vizinhança com seus gritos e murros.

Tarde da noite. Sentiu que, na escuridão do quarto, alguém se aproximava da cama. Virou-se para o lado e tornou a dormir. Como se sonhasse, sentiu que mãos a acariciavam e ficou feliz. Mais feliz ainda quando um rosto suave e perfumado roçou seus lábios. Que alegria íntima adentrou o coração da Silinha! Finalmente, as orações e os despachos da dona Mariquinha surtiam efeito. Rezas e bênçãos que ela sempre encomendava para que o Zé Bagre mudasse de vida, raspasse a barba. Quando levantasse de manhãzinha, iria procurar a dona

Mariquinha para demonstrar sua eterna gratidão. No devaneio de felicidade, Silinha tornou a virar-se na cama, abriu os braços e dormiu no amor.

Quando acordou de manhã, estava sozinha na cama. Provavelmente, Zé Bagre saíra para comprar cigarro e pão. Levantou-se faceira e esbanjava alegria. Fez o café, tomou banho, perfumou-se, arrumou a mesa, tirou o vestido que usava e colocou outro, bem decotado.

A porta se abre. Zé Bagre entra, sem cigarro e sem pão. Olhos fundos, cheirando bebida, camisa para fora da calça.

Silinha olha para o marido com olhos de terror. Recua dois passos e balbucia:

- Você não fez a barba?... Não dormiu aqui... hoje?...

Zé Bagre, escorando a embriaguez na porta de entrada da casa, não entendeu as perguntas e nem se moveu para acudir Silinha que acabava de desmaiar...

DESOBEDIÊNCIA

O dia está lindo. Penso uma história onde a alegria e a confraternização envolvam meus personagens.

Vem cá, Zé Pança. Hoje, vou conduzi-lo por uma história fraternal. Aproveite este magnífico domingo para levar o Toinzinho à festa do guaraná. Toda criança adora e...

Não! Hoje, não! Quero sossego, nada de trabalho, andar por aí, expondo-me à leitura e às críticas dos seus leitores.

Mas, Zé Pança, eu não vou aborrecer o seu dia. Você, para mim, está alegre, disposto, e vai sair com o filhinho para um divertimento dominical.

- Não! Hoje, não!

Escuta aqui, Zé Pança: quem escreve sou eu. Faço da história o que eu quero. Você tem que me obedecer. Eu sou o autor.

- Você pode ser o que você quiser. Porém, hoje, eu não obedeço a sua história. E me deixa em paz!

Que absurdo! Onde já se viu uma coisa dessa: um personagem que não obedece ao seu criador! Veja, prezado leitor, onde já estamos chegando! Que ousadia! Que falta de respeito! De responsabilidade! Vai sim, Zé Pança, vai sim! Você tem que me obedecer. Já.

- Me deixe em paz, tá? Você acha que pode me usar quando bem entender? Me fazer seu personagem quando quer, na história que bem lhe aprouver? E os meus direitos? E a minha vida particular não significa nada para você que é o autor? Procure outro personagem, outra história. Hoje, eu não existo, certo?

Está bem... sem mim, você não tem vida, eu não preciso de você. Posso criar quantos personagens quiser, quantas histórias brotarem na minha imaginação. A sua mulher, a Tancinha, leva o Toinzinho ao festival do guaraná e...

- Eu também não vou! Se o Zé Pança não quer ir, eu não irei!

Tancinha! Até você? Deixando-se influenciar por um personagem egoísta, preguiçoso, ingrato? Vai sim, Tancinha, coração de mãe não recusa agrado ao filho.

- Querendo me comover com argumentos emotivos e banais? Sou casada, sou mãe. Tenho um lar. E não é qualquer autor que me põe em história que não me interessa. Tenho personalidade e não vou alimentar aborrecimentos conjugais inutilmente. E pra quê? Para você sair pela rua ganhando elogios dos corajosos leitores que se dispõem à leitura do que escreve? Chega! Você vive perturbando a nossa vida, fazendo-se às nossas custas. Você também sem nós, sem os seus personagens, é um obscuro, um nada diante do teclado!

Santo Deus! Não acredito! Deve ser um pesadelo! Mas eu mesmo resolvo isto. Toinzinho, vá você ao festival do guaraná. Eu o levo por esta maravilhosa festa infantil. Seus pais ficam longe de tudo, vamos deixá-los pra lá.

- Eu também não quero ir, não quero sair de casa!

Mas, Toinzinho, você é criança, você não pode me desobedecer...

- Será que você também não respeita os personagens infantis das histórias? Desconhece o Estatuto da Criança? Você é um chato. A festa do guaraná é uma chatice. Aproveite este domingo e deixa a gente sossegado. Tchau!

Perdão, leitores, não pensem mal de mim. Não julguem que não tenho autoridade sobre os meus personagens, é que... sabem... eles, hoje, estão aborrecidos, cansados e... contudo, se quiserem, posso ir sozinho com vocês ao festival... posso imaginar outra coisa qualquer e... com licença, eu... eu preciso ir, tenho compromisso importante, compreendam, por favor... com licença... com licença...

Ufa!

EU SOU EU (1)

Venha cá, amigo, vamos conversar, conversa séria de homem pra homem. E, espera lá, não é de homem bravo, ansioso, que veste calça de macho, mas de homem de palavra firme e cabeça erguida. Conversa de olhar nos olhos, fala firme e sem pestanejar. Porque se vosmicê se engasgar na resposta, falsear na pergunta, o caminho da vida se estreita, ou a amizade resseca. E não pense que estou brincando, porque eu sou eu.

Devo dizer, pra quem não me conhece, que cara feia sempre foi meu prato do dia a dia. Não estou falando de cara feia de gente feia, horrorosa, mas de gente que, com qualquer aperto, balanceia como se fosse ir para frente e, êpa, dá um passo ou mais passos para trás. O que aqui remonto é de gente nervosa que cuspe firme no chão o fumo seco da boca, fala mansa, e, na algibeira, punhal de limpar unha. Isso mesmo. Punhal pra limpar unha e pontear o corpo mole de quem descuidado. E de estranhos assim a vida é ponteadada a cada dia, a cada toada no cantar, e no caminhar por este mundão de Deus. Por isso que cara feia só a do diabo que nunca vi, nem quero ver, porque também tenho comigo o amuleto da sorte. Na boca, a oração dos meus avós, e, no peito, a coragem que não se compra, não se vende, herdada de vidas vividas em tempos distantes de hoje. Eu sou eu. Cuidado, amigo. Eu sou eu. Pisa de lado, mas não falseia o andar.

Já houve dias, nos dias que o tempo vai consumindo, que era manso, quieto e arredio. Mas no dia de cada dia, na luta para alcançar o outro amanhecer, fui aprendendo as maldades dos homens, a astúcia de muitos animais e, de susto em susto, de esbarrão em esbarrão, a peleja constante forjou minha sina, endureceu meu pensar. E, hoje, até no piscar da coruja na claridade do luar, leio e aprendo os perigos da natureza. E se de natureza assim sou bom aluno, melhor sou ainda das sutilezas dos pensamentos, falares e intenções do bicho homem. Eu sou eu, e assim sigo minha estrada.

Minha estrada é longa, e já teve muita subida arfante, muita descida precipitada e, em cada momento assim, balancei o corpo para um lado, freei as pernas de súbito e, apalpando os obstáculos, aprendi a passar de lado dos monturos, desviar do carrapicho e roçar o pé na grama, rumando o meu destino. Porque andar é fácil, só é difícil a aprendizagem das palavras, as pernas dúbias, corpo tenro, o mijo escorrendo pelas pernas neste mundo que a gente, criancinha, desconhece e, sozinho, o medo é grande, é imenso, é aterrador. Mas o tempo anda

nas nossas pernas, anoitece e amanhece na pálpebra do nosso olho, e assim o medo vira coragem, o fraquejo vira fortidão e a mão apertada, rija, o gatilho da arma ou a mão de quem é amigo. Assim sou eu, assim sou eu.

Venha cá, amigo, puxe a cadeira para mais perto, jogue no chão a cuspidinha da boca amarga, abra o seu coração e deixe sair dele o canto da amizade. Não permita que a maldade de que hoje tanto se fala, comenta e humilha, escancare a tristeza que cada um tem um pouco. Abra seu coração. Vamos. Eu sou eu, você é você. Falemos de sonhos, esqueçamos os pesadelos e, com a cara e a coragem, façamos do nosso punhal o lanho da nossa amizade.

EU VI...

Tininha humilde, boazinha, discreta. Tininha de enrubescer com qualquer olhar estranho, de poucas palavras com os conhecidos pouco conhecidos. Que não seria dela sem a Santinha, tão amiga, tão solícita, tão novidadeira das pessoas, das notícias, de tantos assuntos enfim.

- Hoje, eu vi pra você!

E Tininha sorri sorriso de alegria, de felicidade sonhadora, coração acelerado, faminta de amor, de desejo, de ilusão, corpo desabrochando para o prazer, alma flutuando na realidade etérea, nas nuvens, sem saber onde é terra firme, onde é o terreno da carne, do palpável.

- Conta, conta que não aguento mais!

E Santinha, tão amiga, conta, reconta, floreia, espicha, detalha e esparrama devaneios, estica, encomprida o visto que nem se sabe se foi mesmo visto, olhado.

- Vi o Zé Bento lá na praça, conversando, sentado naquele banco ao lado dos girassóis... estava tão lindo!

Tininha escuta inebriada. Seu corpo parece deslocar-se da terra e seu rosto tão meigo, inocente, é pintura de virgens, é candura de criança.

- E o que mais? Conta, conta!

- Ah! ele usava aquele jeans que o deixa tão sensual. E a camisa branca pra mim personifica um dançarino volteando pelo salão. E olhava só para os amigos e acho que nem me viu...

E os minutos se encompridavam, aumentavam a esperança da Tininha de um dia qualquer sentir os braços do Zé Bento enlaçando-a de carinhos, e a explosão do amor consumindo-os na voragem da carne desejada, amada, sedenta.

Os dias passavam, muitos dias passavam e sempre-sempre Santinha dizendo:

- Hoje, eu vi pra você!

Santinha completava as visões da Tininha. Os olhos da Tininha se prolongavam nos olhos da amiga e esse prolongamento trazia Zé Bento para perto de si. Haveria de chegar o dia em que, feliz, avassaladoramente feliz, teria o Zé Bento frente a sua frente, falaria oi!, encetariam conversas dolentes e ingênuas, caminhariam pelo jardim, sentariam no banco, talvez o banco perto dos girassóis,

ele tomara suas mãos e o luar brilharia nos lábios que se uniriam. Sim, Zé Bento um dia ainda seria dela.

- Hoje, eu vi pra você!

Naqueles hojes que se encompridavam nas noites, Tininha sonha sonhos de contos de fadas e príncipes, escrevendo zés e bentos numa folha de papel.

O telefone toca. Tininha desperta da viagem amorosa. Atende.

- De Tininha, aqui é a Santinha. Tenho uma surpresa pra você... o Zé Bento vai falar com você aqui no telefone...

Tininha sente as pernas amolecerem, o coração dispara, e a voz, onde estará sua voz? E o que dizer?

- Tininha, aqui é o Zé Bento que está falando. Escuta... estou aqui na casa da Santinha... nós conversamos muito e a Santinha me pediu para que eu a convidasse para ser a madrinha do nosso casamento... eu e a Santinha estamos ficando noivos hoje e...

O telefone cai. Tininha desfalece.

SANTINA

Santina rezava. Rezava fervorosamente, ajoelhada no meio do quarto, apoiando-se na cadeira, rosário na mão, olhos cerrados e lábios vibrando no desfiar das orações. À frente, em cima do oratório, a solene e mística imagem de Nossa Senhora. Toda noite, a cena se repetia. Toda noite, Nossa Senhora ouvia sussurros. Santina era perseverante, não faltava nunca àquele ritual religioso e de fé, e sempre às dez horas da noite.

- É para as minhas preces chegarem limpinhas e bem claramente aos ouvidos da Santa...

Assim dizia. Rezava mais Santina: no quarto, na igreja, nas refeições, no silêncio dos pensamentos que não lemos e não vemos. Nossa Senhora satisfeita? Claro! Não poderia aborrecer-se com tanto fervor.

Uma noite, dessas noites profundamente silenciosas, Santina chorou. As lágrimas rolaram pelas suas faces, molharam seus lábios, escorreram pelos cantos da boca, pingaram no chão e, fungando, Santina pedia, Santina gemia, baixinho, para que Nossa Senhora tão boa, tão caridosa, ouvisse seus apelos e lhe encaminhasse um homem, sim, um homem para preencher sua vida, espantar sua solidão, ajuntar todo desejo e todo amor em um ato de respeito, imaculado, ingênuo, como se o amor fosse desgrudado da carne, do impudor, da sem-vergonhice, das carícias, das farras libidinosas.

- Santina, ó Santina, saia mais de casa, olha mais para os rapazes!

- Estes vestidos, ó Santina, estes vestidos não dão tesão!

Santina ruborizava, envergonhava-se e não mudava. Sonhava com este ou com aquele homem que vira do outro lado da rua, no banco da praça. Idealizava o encontro, sonhava. Às vezes, sentia-se feliz com os sonhos assim sonhados, e tudo depois se desmanchava no acordar do dia, ou na goela da noite. E noites, e em muitas noites, na solidão das orações, nas decaídas da fé e da esperança, ajoelhava penitente e, também para reforçar tamanha necessidade, apoiava os joelhos em grãos de milho, em grãos de areia. Sofria, doía. Marcavam os terminais do corpo e renovavam a esperança e a fé.

Começou na porta do bar da praça com aquele olhar medroso, espichou cada vez mais com o tempo e, um dia, ele se postou a sua frente. Santina estremeceu, vibrou, sorriu, alegrou, transbordou felicidade. Conversaram por diversas noites, conversas tênues, sem muitas delongas.

- Ah! agora Santina engatou um futuro...

Comentam os parentes. Mas se enganam os parentes. Que decepção!
Que tristeza!

- Ele tentou pegar na minha mão... ainda é muito cedo... ele queria se aproveitar de mim... isso eu não deixo...

Falou brava para os olhos assustados em redor da mesa de refeição. Saiu. Deu as costas para todos, enfiou no quarto e desabou em lágrimas. Naquela noite, Nossa Senhora teve a bondade de ficar sem as orações em troca de lágrimas, soluços e desilusões.

E o tempo passava. As orações se repetiam. O quarto cheirava a mofo, a luz do dia entrava e a claridade se escondia pelos cantos e nas gavetas. A curva da vida entortava o pescoço da Santina e ampliava a galeria de santos e orações. Santina sempre conversando com a imagem da Santa.

Começou também outro olhar, não na porta de um bar, mas na volta da comunhão dominical: ele sentado na ponta do banco da igreja. Santina percebeu aquele olhar generoso. Por muitos e muitos domingos seus olhares se cruzaram após a comunhão. Outras vezes, no desenrolar do ato religioso. Certo dia, ele a procurou. Desajeitado que era, inibida que ela era também, ficaram longo tempo em silêncio, trocando olhares, frases curtas, sem meio e sem fim. Santina reviveu. Diria até que ressuscitou. E assim por muitos e muitos dias, meses até, desenrolou aquela harmonia homem-mulher-oração.

Em uma noite qualquer, ao apagar a vela, após as habituais orações, Santina esbarrou o braço na imagem que rodou do oratório, caiu e se partiu. Santina apanhou em uma das mãos a cabeça. Na outra, o resto do barro. Chorou de tristeza. Por mais alguns dias permaneceu silenciosa e meditativa.

Uma noite, Santina se recusou a ir ao encontro dele na porta da casa. Foi para o quarto. Fechou a porta. Pegou a imagem da Santa ferida. Com a cola desenhou um colar no pescoço, beijou-a, falou baixinho:

- Nunca a deixarei, minha santinha. Cuidarei de você para nunca mais se quebrar...

Um dia, Santina, santamente, resignadamente, como se um sonho fosse, uniu-se à Santa para sempre no íntimo das orações no infinito.

TINANA

Um dia apareceu a Tinana.

Chegou e ninguém sabe como, de onde veio.

- Quem são seus pais, Tinana?

Muxoxou, encolheu os ombros, pediu comida, tinha um vestido sujo, ganhou um usado, um pouco mais novo e limpo, por ali dormiu, por ali foi ficando, ficando...

Pequeninha, gordinha, muito quietinha, Sebastiana sentava no banquinho, balançava as perninhas no ar e pajeava uma criança, depois a outra e por toda vida continuou pajeando, criança, adulto. Não foi à escola,

- Para quê?

Tinha tudo na casa: brinquedo um ou outro, roupa, comida, cama, criança para brincar e para tomar conta. E tinha também alguma coisa para ser feita, a casa para ser arrumada.

- Arruma a cama, Tinana!

- Seus dentes estão doendo? Isso passa, qualquer dia eles caem ou o dentista arranca e acaba o problema, termina a dor.

E a dor terminou com o passar do tempo.

E a vida passou. Tinana foi passando, passando..., mas sonhava como toda mulher. E se enfeitava também: fita vermelha no cabelo e com lacinho, batom vermelho nos lábios finos, e ruge, muito ruge nas saliências do rosto. Ah! e o melhor vestido, de chita, quadriculado de vermelho e branco, e teve até aquele cor de rosa. Mas nenhum decotado, isso não, que Tinana era moça educada, cheia de vergonha, recatada. Não era qualquer um que podia chegar perto dela. Um dia, ela iria se casar com véu e grinalda.

- E o enxoval, Tinana?

- Tô fazendo, uai! vem cá vê...

Paninhos de prato, toalhinhas de mesa e outro tanto de panos para muita serventia, tudo guardado na mala, bem guardadinho...

E o tempo passando. A criançada crescendo, sumindo de casa, ganhando o mundo, a solidão invadindo os dias, a casa para arrumar,

- Bênção padrinho, bênção madrinha...

Só a eles para cuidar agora, tomar conta, para eles o almoço, o jantar, a roupa passada, a casa arrumada, a espera silenciosa por eles na volta do jogo e víspera.

- Padrinho tá muito doente..., mas é preciso ter fé em Deus!

E o padrinho continuou doente, a fé continuou, o padrinho enfim sumiu na terra e Tinana ali firme, cuidando agora da madrinha, e preocupada, e doente, cabelos brancos, distante da vaidade e vendo seu mundo definhar.

- Madrinha tá muito doente, tá sofrendo muito..., mas Deus é bom. Ele sabe o que faz...

E Deus é bom mesmo. Um dia, sarou a madrinha e a levou para o seu mundo. Deixou Tinana no mundo, sem padrinho e sem madrinha, sem a criançada, sem os dentes, sem os sonhos, guardando a mala do enxoval.

- E agora, Tinana?

Tinana olha para a gente com olhos pequenininhos, quietinha no canto da cozinha, encolhida nos anos que ninguém sabe ao certo, e faz um muxoxo, dá de ombros e fica olhando para a gente, sem resposta, esperando resposta.

Ah! Tinana...

A MENINA

Na casa vazia, ele bebia um copo de vinho branco, bebida a qual gostava, e muito, principalmente nos momentos de solidão. Nessas ocasiões, além da solidão, as lembranças habitavam sua vida. E das recordações, uma teimava em voltar porque o momento assim o pedia, e porque lhe agradava. Percebia que essa lembrança lhe trazia um agradável e discreto sorriso nos lábios, e seu corpo se desprendia de si mesmo e navegava para o passado. E esse passado lhe era reconfortante.

Bebeu mais um pouco, ajeitou o corpo na poltrona, fixou os olhos na parede e deixou se envolver pelo tempo que não volta e marca o íntimo da alma.

Lá estava a menina.

Viu-a como sempre a viu quando criança. Na janela, com seus cabelos loiros e longos e lisos, seus olhos escuros, a pele lisa e suave como toda pele de criança. Não sabia se ela era feliz. Aliás, pensou, quando se é criança nunca se sabe se a felicidade é companheira da tristeza e se ambas andam juntas. Mas percebia que aquele retângulo onde ela sempre se postava era a sua comunicação com o mundo exterior. Não ouvia a voz dela, e ele também não ousava. Pudera, era tímido, quieto e sonhava sonhos de criança. Sonhos de olhos abertos que, às vezes, de tão sonhados, pipocavam nos sonhos da noite. Havia um mistério naquele rosto. Percebia. Havia um mistério naquela casa. Sabia. Sabia que a mãe vivia só. Ouvira que a mãe recebia visitas noturnas, misteriosas. Discretamente recebia visitas noturnas. Mas o silêncio da casa, o sossego da rua, a solidão de ambas nada denunciavam aos seus olhos de criança.

Agora, a decepção. Uma tristeza que o marcou profundamente. Ouvira dizer que a menina ficava na janela para ver passar o Calixto, o Calixto que estudava no outro grupo escolar que não era o seu. O Calixto moleque forte, magro, esperto, livre, que andava sem camisa nos dias calorentos e debaixo da chuva mansa nas tardes modorrentas do verão. O Calixto que tinha um cavalo e sobre ele corria no pelo, insultando o medo que muitos meninos de então tinham, sacudindo o corpo em cima do animal, jogando o braço direito para o ar e a mão esquerda dominando o animal. O Calixto com quem ele não conversava, de quem não se aproximava, fazia parte de um mundo que ele achava estranho. Sim, o Calixto que lhe roubava o sossego pueril, que ameaçava seus sonhos de amor infantil.

Um dia, um dia qualquer, no entanto, seu coração disparou ao ouvir de alguém que a menina da janela gostava de ler, de ler revistas infantis. Daí, então, o futebol na rua deixou de ser prioridade. Depois, a cantoria da meninada falava que a menina gostava dele. O falatório esperançou o ânimo e fortaleceu a coragem. E um dia, finalmente, aproximou-se da janela, mostrou a revista, ela brilhou seus olhos escuros, escancarou sua boca fina e graciosa, fez ouvir sua voz, voz de princesa como nas histórias de reis e rainhas e, logo em seguida, ele adentrou a casa. Envolvido pela conversa e pela emoção, percebeu-se no quarto onde observou cada detalhe, na cama, no tapete ao lado da cama, a mesinha de estudos, a mesa com espelho e alguns potes e brinquedos, e viu a janela de dentro para o mundo, naquele dia alegre, claro e promissor. Calixto desapareceu no seu cavalo, o torso nu e a mão direita rodopiando no ar. E os dias passaram, revistas e mais revistas encheram suas horas, seus encontros, naquele quarto cheirando perfume, perfume de inocência, sonhos e fantasias.

Os dias passavam como se não passassem nunca. Até que um dia, os dias deixaram de passar. Uma tarde, tarde sombria, a janela se fechou, a casa silenciou, as revistas estancaram, as conversas emudeceram, os sonhos se transformaram em vazio e desesperança, e a menina, a linda menina da janela, de olhos escuros, boquinha fina, meiga, cabelos longos e lisos se mudou, foi para onde? Agora não se lembrava mais. Foi para longe, sem endereço, sem notícias, e seu mundo infantil desabou. E desabado ele se sentiu por muito e muito tempo até que o tempo cicatrizou lentamente a saudade. Cicatrizou a saudade, mas não tirou a marca da recordação.

Em cima da mesa, um papel. No papel, números. Na sua mão o copo de vinho. Por toda a casa, silêncio. No seu íntimo a luta colossal. Telefonaria para a menina que um dia, no pingar dos anos, habitou seu mundo? Ela o reconheceria, se lembraria daquele tempo? E assim, caminhando, girando lentamente o copo, assuntava, meditava, elaborava idéias, avaliava cada ato, cada palavra, cada reação de cada um, personagens de uma história que não era de amor, era de ilusão e inocência.

Sim, levantaria dali, discaria o número, aguardaria a chamada. Ela atenderia. Ele se apresentava, dizendo seu nome. Ela talvez não se recordasse, e ele então falaria daquela cidade, daquela casa, seu nome e suas revistinhas. E, então, o passado se faria presente e o futuro uma incógnita, quem sabe de prazer, surpresa e mistério.

Pensou, repensou, bebeu mais um pouco e, finalmente, levantou-se. Tomou o papel nas mãos, leu os números, apanhou o telefone. Lentamente, tenso, discou os números. Trêmulo, aguardou a chamada. Ouviu do outro lado a voz que sonhara. Não era mais aquela voz infantil e meiga. A voz educadamente retornou com a pergunta de identificação e, neste momento, sua voz, a voz dele, estacou na garganta, seus ouvidos xerocaram o som e suas mãos se desprenderam e, juntas, recolocaram o telefone no lugar de onde não deveria ter saído.

Devagarzinho, voltou para o sofá. Vergado pela desilusão, soltou o corpo, espichou-se todo. Apanhou o copo novamente, bebeu um pouco e, olhando o restante do vinho, balbuciou silenciosamente:

- Menina... a recordação é o meu sonho de amor!

O PEDIDO

O tempo passava e com ele os sonhos de Neca se diluíam. Há muito as esperanças definhavam e ficavam cada vez mais distantes os planos repassados, reordenados, repisados. Muitas vezes chorava. Rebelava-se contra as próprias lágrimas, tentando afastar a imagem horrorosa que fazia de si mesma. E a realidade a impelia para um fim que não queria, contra o qual lutava, mas que parecia estar grudado nas linhas da sua vida.

Quase já não saía de casa. Para trás, iam ficando as amigas de confidências e novidades. A vaidade escorria pela face, deslizava pelo corpo de mulher e sumia no chão do pomar, nos ladrilhos da casa, misturava-se ao mofo das gavetas, aos perfumes envelhecidos nos frascos dispersos defronte ao espelho da cômoda. Sentia-se só, solidão companheira do silêncio. A dura luta da vida para amolecer a dureza da vida, enfim, perdia-a, maldosa, inapelável, e abriam-se os braços ao abandono, diluídos para o fim na inutilidade.

Ainda lhe restava a Tancinha, compreensiva, boa ouvinte, sem maldade, lúcida. Se não fosse ela com quem buscaria arreglo, onde cataria esperanças e ouviria a vida palpitar! Vida e energia! Tancinha lhe contava da própria rudeza de viver, os planos, o dia a dia e, furtivamente, discretamente, enfiava a trilha do amor dela com o Zé Pança. Tancinha, sim, era feliz! Neca a olhava e seus olhos babavam inveja, e dentro de si mesma se via no lugar da amiga, nem que fosse por uns momentos, por algumas fugazes situações.

Neca muitas vezes também sofria, revoltada com o quinhão que a amiga recebera da vida. Invadia-lhe a privacidade nos pensamentos: nos devaneios, ocupava a vida de Tancinha, e seu corpo tremia de ansiedade, pulsava de desejo quando ela, Neca, avançava em pensamentos no quarto da Tancinha, abraçava o Zé Pança, rolava na cama com ele, via aquelas mãos apertarem seus seios, acariciarem seu corpo, levarem-na ao orgasmo que nunca provara e ansiava ardente. Neca, na solidão daquelas imagens, roçava as mãos pelo próprio corpo, rolava na cama, resfolegava e, arfante, sorria na ausência da realidade.

Naquela tarde, Tancinha atendeu à porta. Estava só. Diante de si, a figura inesperada de Neca, confusa, nervosa. Tancinha a levou para a sala, trouxe-lhe café, tentou conversar. Neca distante de olhar e de querer. Tancinha teve pena.

Neca sofria e como diluir aquele penar? Lentamente, Neca pôs-se a falar, a dizer-lhe dos seus sofrimentos, das suas ânsias, dos seus desejos, dos seus sonhos. Com suas palavras e seus passos conduziu Tancinha pela casa, cômodo por cômodo, detalhe por detalhe. No quarto, falou-lhe dos seus desejos, de sua sede pelo sexo, da sua inocência, da sua virgindade. E queria tanto... tanto... a vida se esvaía... Tancinha tinha pena, muita pena. E ouvindo-a, abaixou a cabeça, olhando o fundo do copo com resto de café. E foi assim, olhando para o fundo do copo, que Tancinha ouviu Neca sussurrante, clemente, pedir-lhe para que ela lhe emprestasse por alguns momentos o Zé Pança, que ela precisava conhecer os segredos da carne e que, depois, ela devolveria o Zé Pança, inteirinho, sem nenhum defeito ou estrago...

- Deixa, Tancinha... deixa...

O copo despencou das mãos de Tancinha e o piso se encheu de pedacinhos de vidro.

O PRESENTE

- O que você deseja?

Perguntou com a pergunta sempre repetida.

Ele a olhou nos olhos, ameaçou um sorriso desajeitado.

- Preciso de algo para presente... e não sei o quê...

- Para homem ou mulher?

- É mulher... minha namorada.

- Pode ser esta caixa de pintura, elas sempre gostam. Este colar também é gracioso.

Ele coçou a cabeça indeciso. Percebeu uma pequena covinha no rosto delicado e levemente sorridente.

- Você acha que um vestido seria uma boa escolha?

- Depende. Se você conhecer bem o gosto da namorada, as cores que ela aprecia. Mas... eu acho que um vestido o tempo desbota, a moda inutiliza e, depois, só resta a lembrança, talvez muito vagamente.

Realmente, era um detalhe que ele não tinha percebido. Verificou, então, que os dedos dela deslizavam suavemente sobre o balcão e o olhar o atingia no rosto.

- Um relógio seria adequado?

- Se ela não o tem, ou se está muito usado, é uma idéia muito boa. Ela pode até, olhando-o, contar os minutos para esperá-lo e depois contar as horas de felicidade a dois, não acha?

Ele achava que sim. Também achava que ela era muito simpática, ela, a moça que o atendia.

- Desculpe, estou tomando o seu tempo e atrasando o seu serviço e...

- Não se preocupe. Compreendo o seu problema e ficarei satisfeita se ajudou você a resolver.

Estas palavras o tranquilizaram, deixaram-no mais à vontade. Andou pela loja, devagar, atento para que ela não se distanciasse ou se afastasse. O rosto agradável e calmo convidava-o a alongar a permanência naquele lugar.

- Então? Quer mais alguma sugestão ou deseja pensar mais um pouco? Quem sabe se naquela vitrine ali tenha algo que possa ser mais atraente.

Pensando bem, ela é atraente. Seus cabelos escuros, debruçados nos ombros, emolduravam a meiguice.

- Você tem razão. O presente precisa ser aquele que possa acompanhar-nos a vida inteira ou por longos anos. Mas, não é fácil descobri-lo neste amontoado de novidades e diferentes confecções.

- Bem, tem um aqui que é muito simples, mas é de acordo com o sonho, a esperança, a saudade, e transborda histórias.

Mostrou-lhe um álbum de fotografias. Abriu-o e as folhas correram rápidas, despidas, vazias, estampando solidão. Ele pegou o álbum, olhou-o, pediu-lhe para ajudá-lo na escolha da capa, perguntou pelo valor do produto, juntos trocaram idéias sobre a beleza das paisagens, como colocar as fotografias.

- Ótimo! Levo este.

Feliz por aquele momento, ansiando beijar-lhe a mão pelo atendimento, ele se despediu e sumiu no vai-e-vem das pessoas na rua.

Dois dias depois ele voltou.

- Eu penso em ir ao restaurante hoje e gostaria de convidá-la. Aceita?

- Mas...

- Não tem mas!... Se nada a impede, seria a oportunidade para demonstrar-lhe o quanto sou grato pela sua sugestão.

À noite, foram ao restaurante.

.....
.

- Querido, o nosso álbum de fotografia já está completo!

- Sei... agora, eu faço a sugestão: outro álbum, porém, maior!

Riram e apoiaram suas cabeças, enquanto as mãos dele apertavam os cabelos escuros, moldura de meiguice, esparramados nos ombros.

O CHICOTE

Da varanda da casa na fazenda, Nhô Tião contemplava ao longe os cafezais em fila, unindo-se nas copas como tapetes a receber os pés de Deus na terra. As terras se perdiam pelas bandas de cá e avançavam pelos lados de lá. Lá embaixo, a caboclada andava, trabalhava, por ali dormia, fazia caboclinhos e a vida do dia regurgitava no amanhecer do dia nas plantações, no reboliço da criação, e assossejava com o canto misterioso da noite. De sempre em sempre, Nhô Tião arreava o cavalo, deixava para trás os janelões sem vidraça, a base fincada em pedras, despidas acima da terra, madeiras de lei amarrando as paredes e sustentando o telhado escuro de telhas de barro, e saía pelas trilhas do mato, esporeando o cavalo, chicoteando com o chicote o dorso do animal, se perdia ao longe, às vezes voltava já escuro, às vezes voltava já claro com outro dia pingando na conta do tempo. Um dia, enquanto o chicote descansava em cima da cômoda do quarto, móvel escuro, pesado, Nhô Tião repousava na terra que o tempo, de tanto pingar, afinal não respingou e secou o tempo da vivência.

Antônio Carrero agora olhava o gado preguiçoso, matutando com a boca, em silêncio, molemente. Lá longe, o cafezal, como tapete gasto pelos pés de Deus, encolhia com os dias, amarrado à terra que já não mais se perdia para lado nenhum. De quando em quando, gente atravessava aqui ou ali, escorregadia como sombras do silêncio, misturada a gentes cada vez mais cada vez reduzidas da família.

Nas noites de frescor e prosa puxada e animada, Antônio Carrero desfiava história sua, histórias do finado pai Nhô Tião, e avançava nas palavras, recuava no tempo, recontava e repisava pescarias, caçadas, acontecimentos e dizem que disseram, enquanto biscoitos e broas de milho desapareciam na escuridão da boca. Toinzinho escutava interesseiro, imaginava longe no espaço, fazia seu mundo e, quase sempre, dormia na largueza da noite. Algumas vezes acordava, preguiçoso, assustado com os gritos do pai pelo casarão:

- Onde tá o meu chicote!

E o pai pisoteava duro no assoalho, resmungava, xingava e, vencido, arreava o cavalo e corria pelas trilhas do mato, já não mais tão trilhas, com as mãos castigando o lombo do animal.

Certo dia, Toinzinho lembra, Antônio Carrero sacudiu o marasmo da família por causa do chicote do pai Nhô Tião. E tanto esbravejou que saiu por uma porta e voltou pela outra depois de arrodar o quintal, e topou, enfim, com a ponta do açoite debaixo da cama. Foi lá na despensa, apanhou prego, catou barra de ferro, chegou na parede da sala, afundou o prego, colocou o chicote ali dependurado e rosnou raivoso:

- Quero só vê qual será o fedapê que vai tirar ele daqui!

O chicote ficou ali dependurado e o tempo dispersou um, esparramou outros e Toinzinho se despregou daquelas paredes, tirou os pés daquelas terras e novos tempos, novos dias e a vida seu rumo cada um toma.

Um dia, novamente um dia, Toinzinho retornou. Apareceu como revoada de ave, como beijo de beija-flor. De carro chegou à cidade, alguma coisa falou e mais ficou sabendo que o casarão da fazenda tinha sido demolido. O tempo corrói e, sem trato, o tempo destrói. E dói o coração e machuca aqui dentro a história que se apaga, os monumentos que somem. E o chicote do pai, do avô, em que parede está colado, descolado que foi do seu templo? Ninguém sabe, ninguém se lembrou, casa velha, caindo aos pedaços, refúgio de mau agouro, pousada de alma penada, tempo passado que nada mais vale.

Toinzinho desceu do carro, olhou os escombros do que restou do casarão. Percorreu com os olhos na esperança de, ao menos, um tijolo com a ponta do chicote, a fivela do chicote, e as lágrimas lhe disseram que, ali, o tempo parava, a história repousava e parte da vida despencava no abismo solitário da recordação.

METAMORFOSE

Não tivera uma noite muito tranquila. Rolara na cama com sonhos esquisitos, incompreensíveis e sem nexos. Não sabia, às vezes, se realmente dormia ou se sonhava que dormia. A noite encompridava a agonia, a madrugada não vinha, e a aflição aumentava tanto que a vontade era de levantar. Porém... sair da cama de que jeito se não sabia se era sonho, se dormia mesmo, se acordado estava...

A manhã foi encontrá-lo mais sossegado no leito, cabeça pesada, olhos teimosos em abrir. Conseguiu puxar o corpo do colchão. Foi até o lavatório, refrescou as faces. Na cozinha, tentou comer um pedaço de pão, não sentiu vontade de morder. Voltou ao quarto, aprontou-se, penteou o cabelo e, zozinho, abriu a porta, apanhou a rua e se escondeu na cidade.

Durante o dia todo, aquela sensação estranha de vazio no peito, insegurança nas mãos, as pernas levemente suaves, caminhando como autômatas. Os pensamentos não se concentravam, e do seu interior nascia uma vontade de entregar-se não sabia a quê. Queria desvanecer-se, e a carcaça óssea o mantinha para lá e para cá, sustentando um corpo indolente.

Pela noite adentro todo ritual se repetiu. Exauriu seu ser. Esgotou-o. Conturbou seus pensamentos. Entediou-o. Nada compreendia e quanto mais não compreendia mais se embaraçava no fenômeno físico e mental que o acometia.

Quando novamente a manhã surgiu, repetiu-se o ritual. Ao contrário do dia anterior, sentiu uma pequena sensação de vazio no ventre. Não deu importância e todo o seu ser se contorcia no indescritível agonizante. Até quando continuaria assim? Parecia que o tempo não contava e a vida deslizava com as mudanças das cores do dia e da noite.

Mais uma noite de cansaço, de esvaziamento do seu ser.

Quando um outro dia reapareceu pela janela, saiu da cama, correu para o banheiro e, na luz enfumaçada que seus olhos viam brilhar no vaso, seus dedos correram pelas pernas, juntaram-se no vértice onde nasce a vida, giraram sobre os pelos macios, acariciaram a pele e apalparam um volume diminuto que ali crescia. Rapidamente, afastou as mãos, levantou a cabeça, quis cobrir o rosto com os mesmos dedos, porém afastou os braços, olhando assustado as mãos que tocaram o mistério da sua história. Com os olhos imobilizados, pensamentos vazios

de pavor, recuou lentamente em direção ao quarto, tropeçou na cama e caiu. Sumiu dentro de si mesmo.

Acordou e percebeu que já era fim de tarde. Sentia-se um estranho em si mesmo. Ainda despido, notou um pequeno raio de luz que, da janela, fincava em seu peito. Acompanhou o raio de luz. Sua mão passou pela pequena luminosidade. Devagar, foi escorregando rumo ao final do tronco. Desceu, girou, rodou, roçou e, ali onde estava o centro da vida, encontrou o vazio, liso, somente pelos, nenhum amontoado de carne e músculos.

A boca da noite ouviu o seu urro de desespero.

SEPARAÇÃO

Ele a esperava. Ela demorava a aparecer, mas surgiria, radiante, e ele veria sua boca abrir-se e desabrochar de dentro dela seus dentes brilhantes, lindos. Juntos, então, de mãos dadas, ou abraçados, conversando, soltos no tempo, sem rumo, os dois. E o tempo a acompanhá-los.

Olhou o relógio. Impacientou-se. Tirou a carteira de cigarro do bolso, retirou um, acendeu-o com o isqueiro que ela lhe dera. Fumou-o por inteiro em longas tragadas. Atirou-o ao chão, pisoteou-o, olhando as migalhas do fumo. Levantou a cabeça e a descobriu ao longe, destacando-se na multidão.

Ela se aproximou, sorriu-lhe levemente, aceitou apenas o seu beijo suave e não quis caminhar. Ficariam ali, por enquanto em pé, um defronte do outro. Por quê? Quis saber. Ela mordeu os lábios, abaixou a cabeça, depois a levantou, respirou profundamente, e o entorpeceu dizendo que tudo acabara, tivera fim. Que ele não a procurasse mais. Ela seguiria a própria trilha. Sem ele. Como? Balbuciou chocado. Que fizera? Que errara? Que mágoas provocara? Palavras venenosas de outrem? Não. Nada disso. Era o momento, a decisão tomada, não queria explicar-se. Aparecera um dia, agora desaparecia. Como pássaros nos vãos livres na natureza. Silenciaram.

No silêncio de ambos, ele embaralhado, tentando descobrir a falha, o sentido ou, talvez, um momento irreal, um pesadelo! Ela silenciosa, olhando para um lado, olhos fixos, perdidos, longe. Ele tirou do bolso um broche pequeno em forma de escorpião. Mostrou-o na palma da mão. Lembrou-lhe de quando o espetou no dedo quando foi ajudá-la a vestir-se... sim, foi mesmo, iam a uma festa de aniversário. De raiva, ele lhe deu um outro, mas conservou aquele que sempre carregava consigo. Ela o ouviu emudecida, sem reagir. Ele também recordou gratas lembranças nas caminhadas pelo parque, nos sábados à tarde, e que terminavam em beijos, pipocas e sorvetes. Por fim, comentou do amor, do primeiro encontro amoroso, a entrega total naquele quarto de pensão quando perderam o ônibus. Ela se entregou ardentemente e ele, tão sedento pelo seu corpo e tão fioso que, no final, quase no clímax, caiu da cama... Ela era silêncio. As recordações pareciam sair dos lábios dele e se evaporavam antes de atingir os ouvidos dela.

Ela tocou as mãos, delicadamente, nas mãos dele. Adeus - disse. Afastou-se. Deu-lhe as costas e caminhou por onde viera. Ele apenas a fitava,

mudo, de agonia íntima, perplexo, ignorante, desprotegido, sem aceitação. Ela era tudo para ele. Tivera um começo, não poderia ter fim. Aquele final melancólico, inexplicável. Viu as pernas dela se afastarem, acompanhou a saia até à altura dos quadris, subiu o olhar até às ombreiras do paletó, viu seus cabelos negros se misturarem na multidão e toda sua silhueta desaparecer na distância.

Por alguns minutos, ali ficou imóvel, arrasado. O mundo explodira sem que ele tivesse tomado consciência da própria morte.

Finalmente, caminhou. Deu alguns passos para a direita. Aproximou-se da mureta do viaduto. Debruçou-se, abandonou o corpo, fechou os olhos, ganhou o ar, despencou rápido e suave no espaço, estatelou-se no asfalto, sem grito, sem gemido, sem entender o quê.

Ali, estendido, do que restou de planos e ansiedades só ficou um broche em forma de escorpião, bem ao lado da cabeça. Alguém, dos muitos alguéns, viu a pequena parte da tragédia. Apanhou o broche e, furtivamente, seguiu em frente.

O PLANO

Por um dia e uma noite ele ficou escondido naquele lugar, fechado dentro da casa abandonada, imperceptível, silencioso, quase estático, com o olhar parado, os olhos perdidos na solidão de sua desgraça. Os sonhos desfeitos, a ilusão despedaçada na realidade do amor traído, humilhado, desprezado. Em raros momentos da quietude a recordação de tempos felizes, amorosos, alegres, confiantes, ameaçavam-lhe as teimosas lágrimas que também faziam brotar o ódio, a raiva, a vingança no seu pensamento.

Na noite fria, ele saiu então do seu esconderijo, silencioso, escorregadio como uma víbora, fantasmático como sombra de cadáver, se é que cadáveres têm sombra. Caminhou contra o vento úmido da noite e, a cada passo, os planos passavam, repassavam, eram pisoteados em seus mínimos detalhes para não falhar e a vida nada mais ter para revelar, incriminar, acusar e, mais ainda, desgraçar. Caminhava absorto. Tinha certeza, certeza inabalável que ela esperava, não ele, isso já de há muito tempo ela não o esperava, não ansiava por sua companhia, seu calor, seu ardente desejo. Ela sim, esperava por ele, o amante. Ele não o conhecia, não sabia quem era, mas o odiava até às profundas. Odiava-os a ambos.

As ruas estavam semi-desertas. Na mão esquerda, dentro do bolso, ele apertava e revirava a chave da casa. Na mão direita, segurava o punhal escondido. Passou por uma confeitaria, entrou, pediu um bolo de chocolate, desses deliciosos, que ele sempre adorou e ela mais ainda. Pagou e saiu. Repisou o futuro: ele chegaria furtivo, abriria a porta soturnamente, entraria. Ela se surpreenderia com a sua chegada inesperada que era somente para daqui a dois dias, ficaria desconcertada. Ele permaneceria calmo, inocentemente tranquilo. Ofereceria o bolo. Ela comeria um pedaço dele, porque gostava e porque estaria agitada com o imprevisto da presença dele e a espera tensa do amante. Enquanto ela comesse o bolo, ele se aproximaria, abraçava-a e a matava com o punhal. Sairia como entrara, deixando os restos do bolo para o amante.

Perambulou por muito tempo ainda até que se aproximou da casa. Sorrateiramente, usou a chave. Silenciosamente entrou. Surpreendeu-a na sala, sozinha, com um longo vestido da noite, claro, transparente. Notou-lhe a inquietação, o nervosismo. Ele rondou a casa, ela se movimentava nervosa,

preocupada, temerosa. Ele lhe ofereceu o bolo, insistiu que comesse. Ela relutou um pouco, no entanto, por fim, aceitou porque fosse conveniente. Enquanto ela comia o bolo de chocolate que tanto adorava, ele se aproximou dela, segurando o punhal dentro do bolso, abraçou-a delicadamente. Ela o aceitou, abraçou-o também, acariciou-o com seus seios fartos, roçou-lhe as pernas com suas coxas macias e escorregadias. Ele então cedeu um pouco, deixou-se conduzir por ela, e ela o levou para o quarto como sempre fazia no passado não muito distante. Levava um pedaço do bolo em uma das mãos. Depositou o homem na cama, em silêncio. Ele a amou e, exausto, adormeceu ali.

De manhã, a empregada entrou na casa pela porta aberta. Limpou a cozinha, varreu a sala, empurrou a porta do quarto, viu um pedaço de bolo ao lado da cama. Parecia um bolo de chocolate. Sobre a cama, um homem deitado, seminu. Na mão direita, um punhal. Um homem sozinho, abandonado, frio, inerte, morto, com a boca aberta e um pedaço de bolo de chocolate lá dentro a satisfazer-lhe a desgraça.

PROCURA-SE

Procura-se uma bola de pingue-pongue que caiu do outro lado do muro e a vegetação alta esconde. Mãos têm medo de afastar as folhagens na surpresa de encontrar bicho daninho. Procura-se um coração de amor para se juntar a outro coração, nem precisa ser coração inteiro, pode ser meio-coração, já é suficiente para irrigar a outra metade.

Procura-se também um descaminhado do bem, que quase sempre só faz o mal, para deixá-lo ali, naquele cantinho, afastado dos caminhos.

Procura-se uma oração. Não precisa ser bem certinha, com todos os santos, recheada de perdão e humildade, pode ser pequena, simples, mas que encha de esperança infinita e alimente a fé.

Procura-se um fim do dia que pareça um início de outro dia claro e sem percalços, mesmo que seja nublado, seja frio, mas que seja intimamente luminoso.

Procura-se a glória, mesmo que seja efêmera, tão efêmera quanto a própria vida, mesmo que ela, às vezes, custe a própria vida, porque ela, a glória, realiza. Procura-se aquela mão amiga, ou o olhar confiante, ou a palavra suave que podem amenizar as descrenças, as dores, os desafetos.

Procura-se um homem honesto, se possível sem utilizar a lâmpada de Diógenes, somente com a palavra empenhada e a consciência tranquila. Procura-se, ah, procura-se também o silêncio da natureza sem a violência do progresso, sem a mesquinhez do lucro, sem a avidez da ignorância. Procura-se a inutilidade das armas, seus ruídos, suas desgraças. Procura-se o salário de alimento, a diversão necessária, o passeio descontraído e a aglutinação. Procura-se sempre.

Procura-se no universo o início do infinito, infinitamente distante da compreensão e procura-se na terra os ossos, os vestígios do passado distante, medido no tempo, ponto de início da raça, do povo.

Procura-se na escuridão misteriosa das águas o inacessível, o surpreendente. Procura-se com o olhar, procura-se com as mãos, com o caminhar, com as palavras, com os sons, um movimento contínuo, desdirecionado, esparramado, para perto e para longe, sempre em busca de algo.

Procura-se uma cadelinha. Um animal indefeso. Não fala, não usa talheres para comer. Mas procura-se. Procura-se sempre um ponto de chegada. Um ponto final.

NOTÍCIA DE JORNAL

Saí da rua, caminhei lentamente pelo passeio, perseguido pelos meus pensamentos de vida. Andava sem fixar os olhos em nada, absorto e pressentia que, mais à frente, novamente teria que atravessar outra rua. Não estava disposto a aguardar a passagem de um carro, depois outro, esperar o sinal abrir, e ziguezaguear entre corpos desconhecidos, alheios. Foi neste instante de fastio que percebi o corredor da galeria. Ali, por alguns minutos, talvez encontrasse mais quietude, quem sabe um banco para encostar o corpo sem viço, sem sonhos.

Entrei.

O movimento humano era menos intenso. Pensei em tomar um café, mas não me esqueci de que ansiava por sossego, entrar dentro de mim mesmo, cerrar os olhos. Assim, caminhei até o fim do corredor. Lá, encontrei uma porta que dava para outra rua, mais movimentada e que, novamente, ampliaria mais ainda as minhas perturbações. Parei. Olhei a outra rua. Resolvi retornar. Virei o rosto lentamente e meu olhar encontrou um banco, um banco de madeira. E antes mesmo que me aliviasse ao vê-lo, dois vultos humanos o ocuparam. Droga! Droga! Revoltei-me em silêncio. E assim, rodei o corpo para o retorno de onde viera.

Mas...

Quem seriam aqueles dois? Perguntei-me a mim mesmo e por mim mesmo girei o corpo e, devagar, dei alguns passos defronte à porta. Quem sabe não abandonariam o banco. Não, não iam fazê-lo, atinei... simplesmente atinei. Mas, por quê? Por que julgava que aquele casal não deixaria o local para que pudesse usufruir do meu silêncio? Ruminei a pergunta de lá para cá... de cá para lá... estou esperando alguém? perguntei-me como se a pergunta partisse daqueles dois. Abaixei a cabeça e, de soslaio, procurei avaliar melhor a situação. Talvez percebessem a minha esquisitice, e comentários sussurrantes deveriam sair daqueles lábios estranhos, olhos esquivos, gentes desconhecidas! É melhor retornar e continuar carregando o peso das horas, dos minutos. E, então, virei de novo o corpo e dei o primeiro passo e, espera... espera... aqueles dois ali no banco...E o primeiro passo parou por alguns segundos naquele primeiro passo...

Ela era alta e elegante, sentada ao lado de um homem, também alto e elegante. Um óculos escuro nublava seu rosto e o dele estava livre para ser visto. Os lábios moviam, baixinhos, e seus rostos não se encontravam nos seus olhares.

Conversavam o quê naquele distanciamento? Armei, lentamente, mais um passo à frente ao mesmo tempo em que enfiava as mãos nos bolsos da calça. Deverão pensar que espero alguém, que escrevo divagações para conversar, não ser surpreendido ou, quem sabe, surpreender. Mas parece que nem me perceberam. Os rostos graves demonstravam, isto sim, a gravidade da conversa. Casados, noivos, amigos? O que os levava à importância daquele exato momento? Não havia um sorriso, não surgia uma dobra de ruga, somente lábios se movendo em movimentos não muito rápidos e em ambos a seriedade de um instante. Melhor seria que me retirasse mais depressa e assim procurei fazer. E o fiz. E antes que o quadro sumisse pelo canto do meu olho, ainda apanhei a mão, aquela mão feminina, com um anel, não era uma aliança, era um anel, deslizando mansamente para pousar na mão do outro. Tão suave, tão doce, tão conciliatória e desprotegida que me pareceu que uma lágrima escorria dos seus olhos, resvalava pelo aro dos óculos e tentava colar aquela mão à mão ao seu lado. E assim sumi no retorno daquele corredor, carregando o meu silêncio e o silêncio de um mistério que não era meu, nada meu, mas que grudou nos meus pés e agora subia para agarrar na minha memória.

Um sol que não esquentava batia na natureza e o vento cuidava de movimentar brandamente tudo que podia arrastar-se. Atravessei a rua que o carro ainda vinha longe e pisei no passeio bem próximo da praça e, na praça, à esquerda, cadeiras e mesas aguardavam preguiçosamente os gentios tanto quanto. Lá no fundo, apoiei o corpo na cadeira e os braços buscaram a mesa. O garçom se aproximou. - Um café, por favor -, e ele me deu as costas. Antes que levantasse a cabeça, o café surgiu e o garçom se retirou novamente, dando-me suas costas cobertas por um pulôver vermelho. Ao meu lado, em outra mesa, uma senhora... uma senhora estranha, essa. Sentada, meio curvada, segurava um sanduíche na mão direita, os olhos fixos no guardanapo de papel no cimo da mesa e as pernas cruzadas. E a perna esquerda por cima da outra balançava, balançava, balançava e não parava de balançar. E o corpo imóvel, e a mão segurando o sanduíche, e os olhos fixos, parados. E a perna balançando. Débil ou inerte no próprio sofrimento?

Agora, vejo a alguns metros outra mulher. Saia justa, azul, camisa branca que lhe cobre os braços, morena, que olha para além da minha direção. Discretamente, também procuro olhar para trás, encontrar o que ela quer encontrar. E não vejo nada. Mas ela agora já não mais está ali, naquele lugar. Mudou-se para a outra mesa mais adiante e adiante olha. Outra vez olho, e nada encontro. Retorno, e ela, mais uma vez, não mais está lá. Ficou mais distante. Sentou-se. Olhou para o meu lado. Desviei o meu olhar. Quando, depois de um tempo que julguei até muito

curto, retorno para a posição normal da cabeça, lá estava ela, acompanhada de outra, e ambas conversam e ambas mastigam. Ao meu lado, a perna esquerda não para de balançar naquela estátua viva de mulher silenciosa.

Não sei quanto tempo ali fiquei. Bebi o café. O garçom veio, o garçom voltou com o troco, levou tudo, e me deixou sem ao menos um agradecimento pela miserável gorgeta. Sei que, repentinamente, meu olhar topou com aquele casal, aquele mesmo casal do banco de madeira, onde deixei a cena da lembrança de uma misteriosa lágrima em um rosto de mulher. Senti-me mais reconfortado. Bebiam alguma coisa e conversavam. Falavam sem a mesma tensão de antes na galeria. Talvez abordassem coisa séria, mas sem tanta seriedade assim. E as lágrimas? Talvez desabafo de um sentimento de alívio ou conforto. Pude fitá-los mais comodamente. E pelo tempo que permaneceram, nada, nada acrescentaram aos meus questionamentos íntimos. Sei que se levantaram. Ele, amavelmente, puxou a cadeira. Quando ela se levantou pude confirmar o quanto eram elegantes. Caminharam em direção à saída e, antes que saíssem, oh! que delícia, meu coração se exultou: ambos juntaram seus braços e, neste abraço mútuo, sumiram... sumiram. Levantei-me também e caminhei, caminhando passos mais leves e pensamentos soltos à brandura do vento da tarde. A perna esquerda deixei balançando, balançando, sem o sanduíche na mão, e o olhar ainda parado no cimo da mesa do bar.

Na manhã seguinte, levantei-me tarde. Certo é que acordara mais cedo. Contudo, deixei que o tempo escorresse escondido no sono que ainda podia me restar. Nada me definira. O quarto, o mesmo quarto. A sala, a cozinha, o banheiro, sempre os mesmos. A mesma rotineira vida sem viço. Em um canto da sala, a máquina de datilografia, empoeirada, sem uso, abandonada. Fitei-a por um longo tempo e, logo em seguida, abandonei a casa e entrei para a rua. Andei e nem sei por quanto tempo andei. Olhei por muitos lados, e nada vi. Escutei vozes, e muitas vozes, e todas deixei ao vento e ao sol daquele dia sossegado. Até que... ah! sim, lembrei-me do dia anterior. E a recordação pipocou em mim a ânsia inexplicável do retorno, da volta àquele bar, àquela mesa, àqueles vultos desconhecidos, misteriosos, humanos em suas vidas inexplicáveis.

As mesas e as cadeiras continuavam como sempre. Aqui e ali, personagens urbanos empolgavam-se com as próprias histórias, e outros silenciados na solidão de um copo, de uma xícara ou de um cigarro. Procurei a mesa, aquela mesa. Achei-a. Confesso que, encontrá-la, envolveu-me um sentimento de mais amparo. E a mulher da perna esquerda balançando, onde estará? Procurei e procurei

em vão. E a outra que não parava em lugar algum e acabou na companhia de outra e nem reparei mais quem era, nem meditei para descobrir seus mistérios? E aquele casal? Uma noite de amor, momentos de longas conversas, um abraço, outros abraços e a vida com uma lágrima, uma seriedade, encontros e reencontros renovados, sempre encontros e desencontros que se reatam, desatam e montam cada cadinho dos momentos...

- Garçom... um café... por favor.

Não era o mesmo garçom. Outro. O do dia anterior talvez descansasse ou, quem sabe, anda pelas mesas de outros, distante de onde estou, distante de mim. Naquela mesa onde a mulher da perna esquerda balançando estivera no dia anterior, um jornal oscilava ao sabor do vento. Olhei para um lado, olhei para o outro. Aguardei um pouco mais, esperando que ninguém ocupasse a mesa. Não, não é mesmo de ninguém. Alguém o comprou. Alguém o leu, bebeu um café, saiu e o deixou, abandonou. Levanto-me. Tomo-o em minhas mãos. Retorno à minha cadeira. Sorvo o resto do meu café. Abro-o. Leio-o sem prender-me a qualquer assunto. Em uma página, paro. Uma foto. Olho-a por um longo instante. Reconheço aquele rosto. É ele, é ele sim, é o rosto daquela mulher da lágrima escondida pelos óculos, da mão que procurou carícia em outra mão, do braço que abraçou o homem e, juntos, assim abraçados, caminharam para onde não sei. Ao lado da foto, a legenda: “Mulher se mata por não suportar a solidão”. Fecho rapidamente o jornal. Meus olhos paralisam o tempo.

Não sei por quanto tempo fiquei paralisado. Não sei por quanto tempo andei. Nem sei por onde andei. Sei apenas, e somente me lembro que, em um momento qualquer, diante da máquina de datilografia solitária, empoeirada, escrevi...

Mais depuis...

CARRO NOVO

Impaciência de dona Assunta tinha motivo de ser que o Zé Toco demorava naquela tarde clara em dia qualquer da semana, não interessa. Assuntava dona Assunta assuntos comuns do dia a dia do lar e mais agora a expectativa de carro novo que o marido Zé Toco cismou de conviver pós anos infindáveis com o carrinho velho, mas bom de estrada e utilidade para quebrar qualquer galho. E não era para menos porque Zé Toco podia estranhar novo carro e arriscar vida de criação nas viagens para o rancho pertinho da cidade. E assim estava quando...

... lá chegava com um amor de carrinho, cheirando novinho, sem o cheiro de estreme e pó do carro velho. Ainda com o plástico para todo lado, tanto até que podia faltar só nas rodas. Dona Assunta ligeira e faceira rodou chave na porta, andou com passos corridos para o carro, embrulhada no vestido antigo, que para ela ainda novinho, que foi do batizado do filho do compadre Zé Cabacinha, um pouco apertado porque, como justificava sempre, não engordara com o consumo de doce de abóbora, era o vestido que, de tanto tempo no guarda-roupa, simplesmente encolhera... deixemos assuntos físicos e de comilança que a dona Assunta, envaidecida, entrou no carro, sentou-se sobre o plástico, rodou cabeça para olhar o interior do veículo, percebeu a satisfação orgulhosa do marido, que também já resmungava como sempre que ela estava atrasada e – importante – que colocasse o cinto de segurança que o carro novo tinha, que o moço lá da agência falou bastante que não era para deixar de usar, que enfia aqui e, ó, tá presa, amarrada, segura, e vê se não fala muito para não atrapalhar o motorista que não está acostumado com direção e tanto equipamento. E devagar saiu o zerinho para aspirar pó e pedregulho na estrada do ranchinho do feliz casal.

Demoraram um pouco na viagem porque carro novo não é como o destemido e desbravado carro velho. Carro para na porta da casa no rancho... e agora? como é que tira o cinto de segurança? Diacho! O moço da agência de carro ensinou como coloca o cinto e, meu Deus do céu, como é que tira este troço? resmungaram ambos, irritaram-se ambos, praguejaram ambos que o carro velho era mais simples e nem precisava daquele incômodo que, por sinal, pressionava os seios da dona Assunta. E agora? como sair do carro, tomar providências no rancho e fechar a criação e, importantíssimo, cuidar da Cocota, galinha idosa e de estimação da dona Assunta, patroa que muito bem queria a senil Cocota. Presos ambos dentro do carro zero, providencialmente Zé Toco levou as mãos ao bolso da camisa, de lá tirou a palha, sacou o fumo e jeito não

havia que era usar o canivete de picar fumo e cortar o desgraçado do cinto de segurança. E cortou, e deixou dona Assunta presa dentro do carro, correu lá para dentro da casa, alvoroçou criação com correria para todo lado, retornou ofegante para o carro, mas não quis encarar, cruz credo! nem pensar! na raiva interior e intestina da dona Assunta que amaldiçoava o carro zero e já enaltecia o velho, de cor laranja apodrecida. Cocota estava bem, apesar de cega de um olho, comera um pouco de milho, informações que tranquilizaram um cadinho nossa dona Assunta.

Retornaram frustrados para a cidade. No meio do caminho, inconformado com o cinto de segurança que sufocava dona Assunta, e em tentativa inútil de resolver problema, Zé Toco ainda acabou por mexer numa alavanca ao lado do volante e botou o limpador do para-brisa a funcionar - incompreensível uso - porque chuva nem sinal, e única água que podia aparecer seria de lágrimas dos olhos pequenos da mulher raivosa. Na entrada da cidade, Zé Toco parou o carro quando viu o afilhado Zezinho, moleque arteiro e intrometido, e perguntou pelo compadre Cabacinha. Zezinho estranhou para-brisa, enfiou a mão, torceu instrumento perto do volante e o incômodo deixou de funcionar. Zé Toco criou coragem, falou para o moleque que o cinto de segurança da patroa tinha *engrimpado*. Zezinho abriu a porta do carro novo, deitou no colo do padrinho e, zap que zap com o dedinho, libertou, aliviou dona Assunta do humilhante cativo. Inté, que está tarde e Zé Toco ainda carece de ir à agência de carro para...

Dona Assunta desceu do carro e nem quis olhar para dentro. Zé Toco nem olhou para a patroa e roncou o carro novo para agência. Devolveu o carro, não gostou da cor, do barulho do motor, da tranqueira toda de comando... não, não serve, não quero de jeito maneira, devolve o carro velho. Negócio desfeito, carro velho devolvido, gente da roça é muito geniosa. E olhe lá, Zé Toco, que essa lata velha está sem combustível. Zé Toco sorriu no interior do peito, acariciou o volante como se acaricia mulher amada, girou a chave, resmungou baixinho que aquele carro velho... ah! andava com ele sem gasolina porque... porque se davam bem, paixão e carinho antigos, e nunca mais iria trocar a sua máquina por uma daquelas porcaras complicadas da agência.

DIZ QUE...

...quando chega a noite escura e no céu não tem lua e não tem estrelas, é preciso ter cuidado com o caminhar e, se possível, não sair de casa, que muita coisa ruim pode acontecer de arrepiar o coração. É verdade, pode até ser verdade, mas isso é lá nos campos e nos matos, na modorrice da cidade pequena, que aqui na cidade -mais maior- é só acender a luz colorida e espalhar som aqui e ali que a noite escura some e some tão sumidinha que leva consigo a escuridão de esconder a lua e as estrelas.

...mulher barriguda precisa cuidado para espantar os transtornos e que cada barriga carrega uma história, mas não história de inquilino, mas também da moradia, se virgem ou de papel passado, se feliz e esperançosa, se triste e sem beira no amanhã, mas isso é lá que dizem por lá, porque a vida de cada um, cada um carrega como pode e cada qual mora conforme deseja, que no diz-que-diz fala mais alto a consciência e o dia a dia que passa a cada dia.

...falando de barriga grande em mulher, tem a história da dona Maria e seo José que andaram e não encontraram pouso e acabaram se juntando aos animais. História tão antiga e às vezes mal contada que até hoje Marias e os Josés repetem a história. Se acreditam, outros não acreditam, e assim vicejam por aí desajustes até o fim dos dias.

...o coração deles se juntaram, tão juntinhos ficaram que se grudaram, que pouca vergonha! Tão perto das criancinhas, tão perto dos olhos dos velhinhos, que escândalo, minha gente! E de escândalo em escândalo vão escancarando as pernas, vão abrindo as vergonhas. Mas o que tem isso de mais? pergunta o mocinho, interroga a mocinha, nada de mais existe, só existe de menos nos olhos que olham, nas bocas que falam, que cada um sempre se juntou de acordo com a sua ocasião.

...a vida está difícil, a luta não está fácil. Tanta tristeza, tanta miséria, tanta dor, tanta desesperança, mas preocupar para quê? Se está difícil a caminhada, ela sempre foi árdua, e cada qual chora à sua maneira. Reclamar todo mundo reclama ou do muito ruim ou do muito bom. De

qualquer jeito, o jeito é ir em frente muitos, ficam para trás, e todos vamos para o buraco, embrulhados no sorriso ou no pranto.

... enfim, é preciso ficar calado, se falar, falar bem baixinho, que lá trás vem gente, ali olham para a gente e lá na frente... vejam só, diz que...

LENÇO ANTIGO

Noite de calor, daquelas escuridões que não oferecem muito suor e balançam roupas nos varais, levemente, quando ficam esquecidas, penduradas como grandes orvalhos que não despencam nunca. E ele não suava, pudera também que estava sentado displicente na poltrona, corpo largado, pernas brancas, ossudas, despontando no vazio e amedrontando o silêncio e a solidão da sala.

Lá de longe vinha música. Chegavam também risos e o corpo se sobressaltava com esparsos e horrorosos estrondos de foguete. E assim, como sempre se dava de acontecer de muitos tempos de, ele se embebedava de lembranças, de tempos remotos remontava, de até ali mesmo dormir, de sentir tristeza, de solidão, de confortar-se e de conformar-se com os dias pingados de sua existência.

Houve um tempo longe e um Natal. Lágrimas silenciosas se fizeram ouvir com o desespero da dor. E despedida rápida, sem sangue. E depois, sempre no pé ante pé da caminhada da vida, os versos a acompanhá-lo *“puedo escribir los versos más tristes esta noche. Escribir, por ejemplo: “La noche está estrellada, y tiritan, azules, los astros, a lo lejos”...*

“Me gustas cuando callas y estás como distante”... A campainha incomoda, o corpo vagueia, a porta se abre. A mulher lhe pede para comprar lenços bordados, comprar a alegria possível para crianças impossíveis e impossíveis de Natal, ou natais, de mais acalanto, canto e carinho. Fico com estes, para ajudar, leve todo o dinheiro que falta não me faz, não me traz presença, não enche o vazio da saudade. E fecha a porta, e caminha para a poltrona, e para no meio da sala, e exclama alto, e surpreso, desentendido, que um dos lenços é velho e é surrado e é dele, e tem o nome bordado em todos os lados, e que um dia enxugou lágrimas de mulher, arrancada dos seus braços, dos seus carinhos, dos seus sonhos, por mãos frias e... e...

Quem sabe, um mistério, a porta se abre, a rua rola sobre seus pés, os olhos buscam na escuridão a mulher, e lá vem ela, rápida, assustada, tensa, e na voz aflita lhe implora de volta um lenço bordado, única lembrança... única presença

de um amor impossível, distante no tempo, e os olhos fraquejam, liberam lágrimas cintilantes.

“La noche está estrellada, y tiritan azules, los astros, a lo lejos” e sob a luz forte da lâmpada se olham, miram-se com seus olhares densos e enfumaçados, murmura ele o nome, balbucia ela outro nome, ambas as faces se molham, abraçam-se comoventes, fortemente, no inesperado reencontro, e antes que a vida os leve... Por todos os lados, de todos os lares, cantigas de Natal envolvem amores...

Lá, na sala, uma folha de livro desprega, balança ao vento despreocupado, busca a janela e ganha o mundo e leva os versos *“ando pelo terreno que conhece os meus pés, toco a trepadeira que subiu pelos arcos escuros de granito e resvalo nas coisas, no ar, porque continua a minha sombra em outra parte ou sou a sombra de um teimoso ausente”*.

DUAS MULHERES

As mulheres se olhavam, eram duas, silenciosas, estátuas que pensavam e rememoravam o tempo passado. Lá fora, elas dentro da casa, o sol de primavera conversava com o vento que visita a cidade, o campo, as gentes, e brincam com os cabelos grandes de quem os têm. Os fantasmas da vida envolvem as mulheres depois que um fantasma se adiantou, embrulhou a mãe e a levou para a imensidão do escuro. E assim a história delas se fez.

Antes, bem antes, no dia anterior, um homem bem-vestido, elegante, sóbrio, perfumado também, bateu à porta da casa, recusou-se a entrar, e discreto e sem-graça e sem sorriso, comunicou para as duas mulheres que ele também se ia, deixava a casa ao lado da casa das duas, casas emendadas, xifópagas, para continuar a vida. Não quis adentrar nenhum cômodo, e bem o fez porque seria sacrilégio, seria deflorar o vazio da sala, dos quartos, da cozinha, do banheiro, de tudo sobre aquele telhado, que nunca viu um ser de carne, vestido de homem, voz de homem. O último homem que se fez presente naquela casa, dela saíra para a morada que dizem eterna e na conta do tempo se perde. E era o pai. O pai delas. O marido da mãe delas.

As duas mulheres silenciosas agora se movem pela casa, acompanhadas pela sombra invisível e megera da mãe. Em cada canto e em cada olhada, a imagem da mãe nos seus vestidos longos, escuros, escurecedores do semblante materno raivoso sempre, autoritário, sem tinos de sorriso em momento algum, sem pingos de carinho, e as mãos crispadas como ferrolho de feitor. E a vida passara para as duas mulheres na ausência de homens, de beijos, roçares de mãos. E a vida passara sem festas, sem a vivência dos sonhos e devaneios como outras mulheres, amigas, colegas. Era preciso manter a pureza, o recato mórbido, orar sempre que a imundície do pecado lá fora está, nos primeiros passos que se dá além do lar materno.

Não havia outro jeito depois de alguns dias. Era preciso manobrar a fechadura, abrir a porta e invadir o quarto misterioso e intocável e raramente visto da mãe. A cama, a cômoda com pequenos potes, a banqueta, o espelho. De um lado, um guarda-roupa tímido. Do outro lado, encostado na parede, outro guarda-roupa imenso, sombrio, monstro a assustar maldades. Também é preciso invadir seu mistério. As duas mulheres, trêmulas, como se a mãe as espreitasse e

vociferasse pragas, abriram-no lentamente. Vazio. Misteriosamente vazio. Somente no fundo, uma fechadura. Rodaram-na e uma porta se abriu. Abriu-se uma porta para outro cômodo, outro quarto na casa do vizinho sóbrio, elegante, perfumado, que se despedira no dia anterior. Ali, naquele outro quarto, o sorriso ausente, o carinho negado, as mãos crispadas e os vestidos escuros e longos se desvirtuavam no gozo do amor escondido. Ali, a vida pecava, prostituía-se e orgasmos e gemidos se reproduziam. As duas mulheres então tudo sentiam. Então choraram, e tanto choraram abraçadas que lágrimas pareciam de sangue com ódio. Choraram convulsivamente que seus corpos balançavam. Vida passada, perdida, manietada, triste, sem alvor, inútil. Existência irrecuperável.

No quintal, dia seguinte, uma diabólica fogueira consumia o guarda-roupa, a cama, o colchão, os potes, a cômoda, as poucas fotos, as roupas. Tudo. Tudo da mãe. E as duas mulheres, silenciosas diante da fogueira, arrasadas, sentiam-se como se fossem a fumaça, a fumaça da vida, que se desprende, sobe e desaparece.

OS FILHOS DO PAPAÍ NOEL

Na sala, o sofá, a poltrona, o som, a televisão... não, não se preocupem, não iremos ligá-la. Num canto, uma árvore de Natal tão cuidada que parece que o menino Jesus nasceu debaixo dela, agasalhado, confortável. Os donos da casa estão conversando sobre o sofá. São três seres: o papai e dois filhotezinhos de crianças, sentadas no colo do papai, algo tão estranho depois que as crianças crescem e ficam grandes. Conversam e o papai fala de Papai Noel para os filhinhos atenciosos. Conta as estorinhas do velhote, dos brinquedos, aquelas estórias da sua infância cada vez mais distante, as noites de Natal no tempo em que via sua mãe preparar um frango e dizer que era para o Papai Noel comer quando trouxesse os presentes.

- Puxa! Ele devia estar mesmo com fome! – exclamava, no dia seguinte, ao ver os ossos, só os ossos no prato. Ah! Como ele acreditava na conversa dos pais. Agora, o pai conta estórias que ouviu, e as conta embevecido, orgulhoso.

- Papai Noel carrega os brinquedos nas costas e viaja num carrinho puxado por animaizinhos chamados renas, espertos e delicados. Uma vez, as renas fugiram e então os anõezinhos da Branca de Neve fizeram um par de botas de sete léguas para o velhinho andar e...

- Quanto é sete léguas, papai? Pergunta a menina.

- É daqui até o Castelo da Alice no País das Maravilhas!...

E continua:

- Papai Noel passa pela chaminé e...

- Mas aqui em casa não tem chaminé!

- Bem, ele, nesse caso, passa por debaixo da porta ou pelo buraco da fechadura...

- E como ele faz pra passar?

- Ora, ele tem... ele tem um pó mágico dentro de um vidrinho dourado, que esparrama pelo corpo, e o faz passar em qualquer lugar. Aí, então, ele deixa nos sapatos os brinquedos que as crianças pediram, e assim faz em todas as casas do mundo.

As duas crianças, com os olhos brilhantes e esbugalhados, parecem mastigar na imaginação as palavras ouvidas e sonham com encantadores presentes. E o papai... O papai está satisfeito com as inocentes mentirinhas contadas para tão inocentes criaturinhas. E pensa baixinho, silente:

- Ah! Como podem acreditar nisso tudo... é, mas quando eu era criança também acreditei... sempre acreditei!

Papai Noel, o bom velhinho, vai trazer um monte de brinquedos e doces – essa é a ideia que vagueia na harmonia sonhadora da sala. Nisso, o Zezinho, que é o caçula, puxa o braço do papai para arrancá-lo da contemplação imaginada, e lhe diz, contando nos dedos:

- Ó pai, no Natal, eu quero que você *traz* pra mim de presente: uma bicicleta, um celular, um Play Station...

NOITES DE SANTO ANTÔNIO

Vou contar pra você, meu compadre, de uma noite de Santo Antônio, de uma fogueira ardente para aquecer corpo imóvel. Vi labaredas que lançavam línguas de fogo tremelentes, fagulhas que subiam e sumiam, fugindo do crepitar do lenho. E eu ali, parado, ruminando teias da vida, ensimesmado com a corrida do tempo, quando surgiu ao meu lado um vestido de chita rendado, duas tranças com fitas vermelhas e um chapéu de palha delicado e formoso. Mais formoso ainda era o rosto da moça que me olhou de soslaio e cutucou meu sentimento. De ânimo novo e ouriçado, persegui toda noite aquelas tranças como cão perdigueiro farejando codorna, entornando quentão e pedrinhas de beijo-quente.

Enrustido no meu mistério, escrevi correio elegante "para a morena mais linda, milagre de Santo Antônio". E lá no alto-falante, pedi pro moço, fala aí bem macio que "alguém oferece a alguém com muito amor e carinho". Não sei, compadre, se ela ouviu e se Santo Antônio escutou. Sei que a noite foi finda e só ficou a quietude da friagem no meu coração.

E de tempo passado, Santo Antônio retornou com sua festança, a fogueira crepitante, muita pipoca e quentão. E foi ali, compadre, que dois olhos me olhavam e uma boca de batom me sorria e como feitiço caminhou minhas pernas pra bem perto do vestido de chita, o tão mesmo vestido que até pude ler o correio elegante e ouvir a oferta macia da música. Meu nome é Zé Firmino para bem servir, bonito nome disse ela, nome firme e decidido. Sou a Maria do Toin, homem calejado e temente o meu pai. Maria... olhei para ela e da garganta borbulhou no dito de nome de santa, muito respeito e devoção.

E assim andamos muito, muitos olhares e não muita prosa. Até que na barraquinha, peguei a espingardinha, mirei direitinho e acertei a rolha na bonequinha de pano. É pra você, lembrança de hoje, lembrança de Santo Antônio.

Muitos Santos Antônios se passaram, meu compadre, fogueiras cremaram e no reboliço das gentes nunca mais vi a mocinha das tranças. Coração

enferrujou, vinagre banhava minha boca e tristeza encrespou dentro de mim. E foi numa noite de Santo Antônio, distante da fogueira, cabisbaixo e desolado, que um correio elegante me disse que "alguém oferece a alguém com muito amor e carinho, da morena mais linda, milagre de Santo Antônio". Maria do Toin ressurgia, afoguetou meu coração e de seus lábios saíram histórias dos tropeços da vida, das lágrimas de saudade e de um amor que nunca findou.

Então, compadre, desde então, não mais vi a fogueira do santo. Hoje, sento na cadeira da sala, arregajo o acordeão e deixo que meu canto suba ao céu como labareda do meu coração. Bebo quentão e os beijos-quentes saboreio na boca da Maria do Toin, que ri gostoso, sem trança e sem vestido de chita. E, juntos, juntinhos, levamos nossa vidinha, com a fogueira do nosso bem querer. E lá no oratório do quartinho, Santo Antônio sempre imóvel, toma conta da bonequinha de pano, que Deus sempre a abençoe, a nós todos, amém.

ZIZINHA DO PAPO

O doutor caminhava passos de pressa com nos ombros a vara de pescar e nas costas o embornal magro e vazio da falta de peixe. Da porta do casebre o Firmino sorriu seu sorriso banguela, ingênuo, e pobrememente humilde, e convidou o doutor para uma caneca d'água fresquinha para compensar a desventura da pesca sem peixe e sem isca no final da tardinha de domingo. O homem aceitou a água e a solicitude do camponês no que viu, e sempre via, naquela figura magra, prestativa e explorada, seus ideais e suas lutas de quando juventude, de quando na faculdade, que o tempo e o diploma deixaram distantes e enfurnaram no esquecimento.

Água friinha, saída da jarra que saiu da mina, e o doutor honrando com sua presença os pés no chão de barro e atento no fogão de lenha, na chaleira, que a patroa do Firmino ameaçava um café, talvez ralo, talvez até mesmo nem tivesse para uma canecada. Melhor agradecer a gentileza, e disse que a pressa era apressada porque o padre depois poderia cobrar ausência na missa do dia, e mais ainda a patroa dele beijaria de aborrecimento, faltosa com os deveres cristãos e demais santos. E ele culpado não queria carregar tanto aborrecimento. No que justificava, Firmino lembrou os seis barrigudinhos catarrentos amontoados no canto como filhotes de passarinho, todos, lembra ele, sorri a patroa, trazidos ao mundo de Deus pelas mãos santas e milagrosas do doutor, um doutor muito bom, especial de bom. E aproveitou a relembração para puxar a cortina-porta do quarto e mostrar lá dentro, escondida e silenciosa, a Zizinha sua sobrinha, sem casa, sem homem e sem sustento, que veio vindo lá dos lados de lonjura porque a outra irmã, graças a Deus, arranjou marido de pouca prosa e queredor de solidão sozinho com a patroa dele. Doutor viu a Zizinha quietinha, muda, e não se surpreendeu com reação de espanto que ele, doutor, já vira bem visto, e muitas vezes, o bócio, a bem dizer e bem claro, um gordo e estufado papo a encher pescoço de mulher. Nome dela, a gente chama de Zizinha do Papo, sorrindo banguela explicou tio Firmino. Antes dos dois passos para fora do casebre, o doutor arriscou esperança de cirurgia e sumiço do papo que a ciência e a medicina fazem bem, sem dor e com sabedoria. Obrigado pela água, inté doutor. E o domingo continuou para terminar na noite.

Dias passados, não muito, Firmino, a patroa e a Zizinha do Papo adentraram o consultório e depois os três e mais o doutor, agora quatro, sem delongas e não deixar para amanhã, tocaram Zizinha do Papo no hospital de onde ela, depois, alguns depois após, saiu de lá, mais leve e de menos o papo que nem vira como saiu e para onde levaram. E repouso bem na cama que complicação pode ser certa.

E assim, agora os três, seguiram no ranger do carro de boi, que era na verdade dois bois.

É preciso bênção de Deus e ajoelamento nos pés de santos agradecer sumiço do papo da Zizinha. Firmino, patroa e molequinhos, limpinhos todos, de novo no carro de boi, bois, no rumo da igreja. Sozinha, nem tanto que o Zezinho ficou para cuidar da desvalida. Tediamente silenciosos, Zezinho melhor fez de ir ao quarto, tomar nas mãos o embornal da merenda e lá no quintal contar pedrinhas dentro dele. E depois voltar, e delicado pendurar o embornal no pescoço da adoentada. Sentada, necessidades apertando mais embaixo, Zizinha que levantou e bamboleou para a frente uma vez e até duas tentativas. Zezinho cismou cisma de criança, melhor então tirar pedrinhas. Zizinha depois das tiradas, emborcou foi para trás. Quem sabe repor estoque contrabalanceia o balanço que a falta do papo desaprumou. E no tira pedrinha e volta pedrinha, o saco de pedrinhas endireitou o pescoço da Zizinha que, com vagar, caminhou e cuidou dos alívios das necessidades.

De volta das rezas, bênçãos e agradecimentos santificados, encontraram-se todos na paz dos humildes que aceitam bem melhor um embornal de pedrinhas que um saco de carne no pescoço sem maneira de esconder e arredio a disfarces. Zizinha do Embornal agora até sorri bastante, muito melhor que melhor, Deus é grande. Lá fora, como sempre o dia amanhece, e o carro de boi, de dois bois, continua a rotina da vida.

A SANTA SALVA

Foi daí que Zé Pança abriu *devagarmente* os olhos e percebeu a criatura ao seu lado e estufou o olhar de surpresa, de pergunta, ara! que diabo faz este padre ao meu lado? Certo que estava numa cama na enfermaria da Santa Casa. Tudo por causa de uma teimosa diarreia desesperante, que seu amigo Zé Toco assuntou bastante, e remédio foi despejar o Zé Pança na carroça e chicote na mula que senão o homem chegaria fedendo nas mãos das misericordiosas freiras e das prendadas enfermeiras.

E então, todo vexame vergonhoso e constrangedor do tira roupa, banho de mãos percorrendo seu corpo liso como criancinha, bota camisolão e, pior, aquela agulha enfiada no braço, abrindo caminho para o pinga-pinga da água branquinha que custou a entender que tinha de soro o nome. Mas... *perai*, ó padre, pensou Zé Pança com seu silêncio indefeso, que tem a ver o esvaziamento cá de baixo com esta solenidade silenciosa na leitura de um livrinho que chamam de breviário... breviário... breviário...

Tai, matou a questão o moribundo diarreico, estou nas últimas! Mas como? Perguntou para si mesmo, já sentindo a alma, em forma de vaporzinho, a escoar do seu corpo e a balançar a mãozinha transparente como a dizer-lhe que miséria e sofrimento, com mais aquele odor, não há alma neste mundo que aguenta.

Zé Pança desesperou-se intimamente e cadê esperança para puxar o vaporzinho da alma em debandada? E o padre ao seu lado, absorto na leitura e no chamamento de outras almas bondosas para bem receber aquele frangalho de homem, mutilado nas tripas e sempre vigoroso no pecado. No torpor do inacreditável, Zé Pança esparramou uma cruz apressada, e gaguejava que não estava deixando este mundo maravilhoso, delicioso, de farras e uma ou outra orgia.

Padre compenetrado no diálogo com anjinhos ao derredor nem bulhufas deu e só respondeu com suspiro que bem podia ser ouvido como descansa em paz pecador de uma figa! Ah! Seu padre também de uma figa! despachando alma errada, saudável, pronta para futuros pecados porque... padre fechou o breviário e do bolso sacou uma pequena imagem que foi repousar na mesinha de cabeceira entre as duas criaturas, companhia triunfal para o reino celestial... um, dois, três, volver, e lá se foi o ministro de Deus! Da parte baixa do corpo, passou para a cabeça uma diarreia mental, tentativa de descobrir quando começou a morrer lentamente. Podia

ser a voracidade por torresmo num desafio na venda do compadre Firmino quando misturou salame, pé de porco, mamão em penca, leite e, sabe lá Deus, quantos copos de pinga do alambique do sô João Marques... ou as morenas, moçoilas, raparigas a perder de vista, isto é, a perder de madrugada nas gandaias deste mundão perdido! Não, isso não, isso não mata!

Ao lado, na mesinha, a bonança da imagem de uma santa com o manto a cobrir a cabeça e o terço desenhado, descendo das mãos unidas. Não, ó santinha! ainda não é minha vez! Me salva! Leva outro... outro... e a cabeça do Zé Pança pendeu para o lado a pedir socorro e amparo no vizinho deitado, agonizante, imóvel. E no silêncio sepulcral, Zé Pança com algum esforço catou a imagem da santa e a escondeu debaixo do seu travesseiro. De manhãzinha, abriu os olhos com a movimentação na vizinhança e viu e se viu vivo da silva enquanto o companheiro ao lado era prestimosamente carregado para os retoques finais neste mundo.

Quando Zé Toco chegou para transportar o enfraquecido doente ao sagrado lar e pecaminosa vida, admirou-se do fervor do amigo que, carinhosamente, apanhou a imagem da santa, beijou-a, acariciou-a, e informou ao mundo e aos descrentes: ela me salvou! Levou outro! Assim dito e assim feito, embolsou a imagem porque, sabe-se lá, ela pode ter serventia em outras decaídas e caídas em estranhas enfermarias.

SABIÁ NO NINHO

Olha ele, lá, sentadinho no banco como faz toda tarde quando o sol pede repouso e a natureza transmuda sons. Olha ele, lá, silencioso, cabisbaixo, distante de pensamento, a matutar, a cismar, sabe-se, Deus do céu, o que vai na cabeça do homem. De tempos pra cá, aquieta-se naquele canto, depois do banho na bacia, muda de roupa, apura canivete, alisa palha e com vagar vai picando o fumo, que maceta na mão em concha, esparrama na dobradiça da palha, enrola, enrola, e como se gaita fosse, discorre a língua na borda, dobra a ponta, apalpa e sempre mesmo gesto de levar à orelha o cigarro de palha e depositar como se tentasse ouvir segredos.

Olha ele lá. Fumaça toma o ar, o dedo maceta a ponta em fogo, fixamente os olhos ali, e depois interrompe o gesto, imóvel, e espreita o vaso de xaxim com a trepadeira que debruça e parece suicidar-se de ponta para o chão.

- Vem, homem, vem pra dentro.

Nem responde. Lá de dentro dele, saboreia solidão de ouvir o sabiá, que canta ora mais longe, ora mais perto, serenata do quase escurecer para a sabiá imóvel no ninho, com seus dois olhinhos infantis, pequeninhos, redondinhos, desprotegidos. E a história assim se conta, contando muitas luas atrás, em um dia qualquer, que olhos negligentes apalparam a estátua no ninho de xaxim. E ali, por dias e dias, dias incontados e por isso não calculados, morou a pequena ave, não tão pequena assim porque de pé na borda do vaso, minha nossa! grande é mesmo. Um dia se apercebeu do corre-corre, do voa-voa, no leva-e-traz nos bicos do casal em bicos para encher, encher, como comem os danadinhos recém-nascidos. E dias mais, viu despencar do alto duas imberbes e inconsequentes criaturinhas, que tentou acudir e mais desespero levou e na noite que se seguiu... voaram para o céu, entraram na goela do bicho, da ave traiçoeira? Não sabe, nunca soube.

De novo, longe canta o sabiá seu canto longo e triste. E cá, ele cisma silencioso seu pesar que o tempo passa e como em muitas luas, noites e dias, desaparecem os bicos e as plumagens e só lhe fica a esperança do retorno do cantar, do mistério no ninho da sabiá. E sofre. A fumaça que ganha o ar é como fornalha a arder ante a impotência de chegar-se a eles e sussurrar tão baixinho que nem ele mesmo ouviria:

- Fica, fica sabiá, pra sempre, fica. Não acrescente meu tormento no vazio deste ninho. Trago-lhe frutas no ponto, madurinhas, facinhas de bicar. Revolvo a terra úmida para seu alimento facilitar. Cuido com desvelo quando voa para vigiar em derredor e se puder até canto cantiga de ninar que aprendi dos meus para seus filhotes embalar, assossegá e entreter. Faça deste espaço sua casa, deste ninho o aconchego seguro, e cansado de voar, volte para este abrigo que protejo. E seu cantar tão triste, melancólico, é som dolente para meu coração. E nas noites escuras, no terror das tempestades, deixarei sempre aqui minhas mãos para proteção. Fica, fica sabiá.

- Vem, homem, vem pra dentro.

Deixa o banquinho no terreiro para que seu espírito sentinela acompanhe na noite, e dorme depois ignorante e inquieto de saber se a sabiá lhe deu adeus ou até breve. Ali, natureza não compreende o coração do homem.

ALERGIA

Chorava dona Assunta, coitadinha, desesperada, desconsolada, e diante dela doutor Albertinho controlava a paciência que o consultório a cada dia não suportava mais. E vem lá nos olhos vermelhos daquela mulher já vivida, ainda torneada com as batalhas caseiras e gritos de mãe, uma lágrima que descola de olhos úmidos. E abaixa a cabeça a mulher e sussurra que vai morrer, não aguenta mais aquele constante coça-coça pelo corpo, é aqui, é ali, é... tem vergonha pudica de especificar o lugar. E na parada repentina da denominação física, doutor Albertinho no seu silêncio paciente de médico murmura com seus botões que tudo no corpo humano já tocou, pousou a mão, o dedo, os olhos... bem, paremos por aqui também.

Assim era a vida da dona Assunta ultimamente, que o prezado leitor talvez queira saber, e saberá se insistir na curiosidade de conhecer o drama da distinta senhora que, diga-se de passagem, especializou-se em fazer pão de ló, rosca caseira e doce de goiaba. Infelizmente, não sabia definir o quando e o jeito que tudo começara, dizia apenas que foi surpreendida com os dedos roçando os braços, as pernas, as coxas, as... vá lá, a bunda que o maridão arrepiou e deu bronca e, certa ocasião, imagina, doutor, uma filha até perdeu o apetite diante da succulenta feijoada.

O resignado doutor de tudo sabia que não era a primeira vez que a Assunta despencava na sua frente com a aflição e ele, experiente e experimentado homem das dores e doenças alheias, já tinha elaborado questionário de vestibular para a distinta e sapecado no papel timbrado uma enfiada de exames, e tantos, que o laboratório do filho do prefeito tinha a dona Assunta como cliente especial, atendimento personalizado e, se possível fosse, honrosa e honrada com cartão especial.

O drama desta mulher não é para riso, não. Apelou primeiro para chás caseiros e enveredou por tudo quanto é plantinha que se dizia milagrosa. E veio banho de salmoura na baciona, também de arruda, também de babosa, de argila especial da olaria e chegou no estrume de gado, bezerrinho tenro. Nem dona Ritinha, conceituada especialista em cobreiro, benzeção e orações misteriosas, conseguiu dar cabo na coceira. Nem a beberagem que, dizem, tinha mistura de morcego, passarinho e mel, derrubou o distúrbio e, neste caso, até que valeu

mesmo o conteúdo da garrafa que dona Assunta sorveu inteirinho com muito gosto e constantes estalos de língua. Ah, e quantas promessas e orações, e quantos santos implorados e depois excomungados. E esse matraquear sempre no consultório do indefeso médico que não suportava mais, e melhor arrumar desculpa expulsiva e assim fez e assim sentenciou que solução última seria que a desdita trocasse de marido. Passar bem que tem mais gente aguardando consulta.

O tempo passou, e todos sabemos que passa. E um dia qualquer, depois de muitos e esquecidos dias, doutor Albertinho apalpava uma linguiça no açougue quando um grito de alegria espoucou e abraços festivos e gratos enlaçaram sua figura franzina. Sarei, doutor. Tô sarada daquela coceira maldita, acabou de há muito tempo aquela alergia que me matava. Claro que o doutor sorriu vitorioso e antes que perguntasse o como e de que jeito, dona Assunta toda sorridente, bradou que usou a derradeira receita e trocou de marido - santa, bendita receita, doutor. E antes mesmo de gritar para o açougueiro a providência de um pernil bem gorduroso, festejou a vitória contra a alergia e arrematou que ele, o ex-marido, pelo que sabia, já passara por duas mulheres... duas mulheres! Viu só, querido doutor Albertinho!

ATENDIMENTO EM DOMICÍLIO

No frio do inverno, de uma tarde de sexta-feira, com o vento assoprando o rosto delicado e jovem da médica recém-formada, que começa o acontecido, e prepare seu coração que a médica conduz seu carro pela estrada poeirenta, envolvido pela extensão do cafezal. Nos solavancos do carro e na meditação dos balanços da vida, a jovem médica por fim pisou no freio, desceu do empoeirado veículo, e rumou para a modesta casinha bem lá adiante, bem pertinho de uma frondosa mangueira.

Da humilde porta, sorriu sorriso de boa chegada. No jaleco se apresentou como esperança para os males dar um jeito e iniciou prosa com os ocupantes, humilde casal que a vida já presenteara com rugas, olhos embaçados e tempo, talvez, de quietude naquele lugar. Retraimento do homem, silêncio da mulher. A boca do jaleco ciscava perguntas de como vai a saúde, quem tem o quê, nada que incomoda, e se possível com respostas rápidas que a tarde já começa a espreguiçar e o retorno à cidade na noite não é bom. Na noite, fantasmas e sombras se abraçam e podem insistir carona no carro.

Fala o homem de uma dor na cacunda, que vesprou dias atrás. Somente só isso. Fala, fala, conta pra moça o que assucedeu, insiste a mulher-esposa, com as mãos enrugadas, juntadas no regaço, olhar tenso e sem piscar. O homem duvidoso ampara os olhos na mulher-companheira por alguns instantes e ouve o incentivo final que a moça é de confiança. Pode contar. E ele começa a falar e engata de início recomendação que ninguém mais pode saber do seu malefício. A médica curiosa, e aflita também, se ajeita na almofada da cadeira e dispõe os ouvidos.

Começa ele a descrever uma tarde agonizante de um dia, de um isturdia atrás, de frio e vento arrepiante. Vinha pela estrada que serpenteia o cafezal, depois da panha do café, e no céu de escuridão nem via as estrelas que o chapéu de palha não deixava, e ele de cabeça baixa, apertando o partó no pescoço, cá juntinho do queixo, e assim voltava pra casa. Foi quando, dona, alguma coisa entrou por dentro de mim, assustado fiquei e no escuréu senti que estava sendo seguido. Lá longe e por todo lado, a

cachorrada latia alto e desesperada. Então, de medo e começo de desespero, fiz o que podia, apertei o pé na estrada e dispejei reza e orações de almas aflitas. E mais que depressa andava, mais apercebia que *ele* se aproximava. Só podia ser *ele*, dona, só podia ser *ele*. Aí então, com mais medo e desespero, fiz assim, ó, virei o rosto pra trás pra ver e, então, dona, *ele* me deu uma rabada tão forte que me jogou lá no meio do cafezal. Quando cheguei em casa a dor na cacunda apareceu..., mas não é dor de dor, não. É dor de cá de dentro, da rabada, porque *ele*, o lobisome, quando aparece em tempo fora da quaresma é porque é pecado muito, é maldade, é sério, é perigoso.

A jovem médica depois de alguns apalpos e escassas recomendações, melhor achou tomar rumo de volta que o caso não era sério e dever já cumprido. Tomou o rumo da estrada, ouviu o lamento do vento na mangueira e carinho no rosto, fechou o jaleco cá em cima, no pescoço. De cabeça baixa, conduziu os pés e se sentiu seguida. Lá longe, cães latiam. A poucos passos do carro e algo pressentia, que a seguia. Aí então, insegura, tensa e o coração a bater mais e mais, resolveu virar a cabeça para trás e... ploft! desmaiou.

SONHOS d'ÁGUA

Que faz tão distante nuvem negra, que se achega do alto, sorradeira, escura, a assustar passarinhos e animais, corre-corre de alvoroço nos galhos balançantes, folhas arrastadas a tão longe. E se aproxima, e escurece a vida vivente, e assusta, e arrepiam corações de medo, e depois descamba do céu em torrente de inundar mundo, lembranças místicas e tementes do dilúvio bíblico.

Na terra encharcada, corredeiras carregam restos da natureza, até que a claridade absorva os excessos da molhança, e pescador pesca sonhos na quietude do remanso. E vê a sereia que sai de dentro do rio, cabelos longos, negros, pastosos da lama, olhos oblíquos, sem pálpebras, arrasta-se até aos pés do pescador... não pode, pescador, que sereia vive no mar – dizem. Sei, sei, responde voz do inconsciente, mas diz a história sem tempo e sem data que assim se narra:

- um marinheiro apaixonado, um dia, tão carente da amada, saiu no barco para chorar saudade nas ondas do mar. E lá longe, onde as ondas crescem assombrosas, uma sereia frágil enrolou-se numa onda e dentro do barco debateu-se, contorceu-se, desmaiou enfim. Marinheiro assustado, e surpreso tanto, abraçou linda imagem de mulher e peixe, e assim ficaram entrelaçados por tempo nem tão infinito, nem tanto de contar dias e noites. Vagaram nas ondas do mar, adentraram ambos os dois por águas turvas e doces que desbravam sertões. Rios de muitas terras, rios de poucos mares. Abraçados, abraçadinhos, enamorados e apaixonados, silenciosos, fincaram morada no fundo dos rios por muito tempo até que o marinheiro se perdeu ao chorar novamente pela amada que ficou no cais.

A sereia do rio, dizem parente, ou prima, sabe-se lá, da mãe-d'água, talvez apenas parceiras de lendas e causos imaginários, aproxima-se do pescador, admira-o, quer enlaçá-lo e carregar para si, e juntos viverem nas correntezas do rio. No entanto, surubi safado, assustado, enrola-se na linha enrolada do pescador sonolento, saracoteia na água, transforma o silêncio numa barafunda de sons, e acorda o dorminhoco, assusta a sereia que escorrega para o rio e assombra olhos de pescador que viu qualquer coisa

absurda entrando na água, e o peixe então... ah! peixe *mais maior* impossível que, como pode! safou-se do anzol...

- acho que a sereia se condeu do surubi e o carregou como o marinheiro carente da amada...

Não importa, seu moço, seus peixes, suas sereias, contos e recontos de pescadores, a isca qualquer que for no anzol, varas, carretilhas, comidas, bebidas, farturas que a água ensandece. Quero, neste momento, nesta brisa do verão, enlaçado à amada, debaixo do bambuzal, rodopiando na mente histórias de amor, sonhos e impossibilidades, contemplar ao longe aquela balsa que lentamente atravessa o lago, ajuntamento de tantos rios, um vai e vem silencioso que encanta o coração, e talvez até, umedeça constante cabelos de uma sereia frágil, talvez até da mãe-d'água, e...

PEDRO, O PEDRO MARTELO

Dona Elisa abriu a janela do quarto e o sol da manhã recostou-se na cama de casal sobre o lençol quadriculado, feito de pedaços de pano. Deslizou a chinela de algodão sobre o piso de tijolo e, saindo do quarto, entrou na cozinha. Ainda teria que escolher a lenha sob o fogão, ajeitá-la debaixo da trempa, espalhar alguns gravetos, papel velho, o fósforo, até que as chamas aquecessem a chaleira e o cheiro do café passeasse pela casa e fosse invadir o sono preguiçoso das filhas.

Enilda acordou com o aroma, incerta se levantava, se continuava encolhida com os restolhos do sono da manhã. Preguiçosamente, mexeu-se para fora enquanto as outras irmãs, eram três, contorciam-se, cada uma em seu leito, para desgrudar para um novo dia. Tomar café, comer bolo de fubá que a mãe sempre faz, todas arrumando os cômodos, varrendo os tijolos do piso, salpicando-os com água para a poeira não incomodar, arrumar cozinha, terminar um ou outro arremate de alguma costura de véspera e ainda estudar. Enilda varria o quintal e ouviu a mãe falar que estava saindo, entregar vestido da dona Nair, e que ficassem dentro de casa até que voltasse, que a Efigênia lavasse o arroz, a Carolina estendesse a roupa no varal. Também a mãe falou alto, com os pés alcançando o beiral da porta da rua, para a Didi passar o vestido da dona Cota, e, finalmente, mais outro recado para a Carolina: tomar conta dela, a Enilda, que ainda tem os exercícios da escola por fazer. E calou-se a voz da mãe que rumo tomou para a rua, de terra, o mato expandindo até onde os pés não macetam.

A claridade da manhã sossegava a cantoria da madrugada e o silêncio pairava pela várzea onde poucas habitações pintavam a natureza naquele lugar distante da cidade. Com o vestido embrulhado em um papel que entrara na casa envolvendo outra encomenda, dona Elisa caminhou pelo trilho que conduz à rua, andou alguns metros mais, um pouco mais, para atravessar a pinguela do ribeirão “Mata-Cavalo” e prosseguir pela rua do Quinzinho. Podia adiantar os passos se tomasse a direção contrária no sentido da ponte de concreto do rio “Formiga”. Mas isso ela não fazia. Há muito tempo encompridava a caminhada. Não que gostasse de andar, porque a cadeira diante da máquina de costura a escravizava durante grande parte do dia,

também à noite, altas horas da noite e partes da manhã. A escravidão da sobrevivência exigia-lhe que se curvasse com a agulha nos dedos. O futuro incerto das filhas a obrigava a contar os dias contando os poucos mil-réis que pingavam ao barulho da máquina de costura com as pernas no vai-e-vem do pedal. O movimento do carretel pulando no torso da máquina, a linha trombeteando até à agulha, a agulha furando o pano que desliza obediente ao comando das suas mãos, e é música que ouve e somente ela porque rádio ali não pode ter guarida. Dona Elisa atravessou a pinguela e fez o caminho de volta do outro lado do “Mata-Cavalo”. No entanto, mais lá na frente, ainda era forçada a passar próximo à ponte de concreto e ouvir o murmúrio misterioso e traiçoeiro do rio. Sempre as águas daquele rio molhavam seus olhos... Luiz gargalhava sobre as pedras na sinfonia das vozes dos dois amigos, enquanto na mão direita rodava a vara de pescar e afundava a linha nas águas lamacentas do domingo nublado. As águas do rio desciam aos trambolhões, empurrando as espumas desesperadas, batiam nas pedras, espirravam para o alto, misturavam-se, despencavam informes, corriam prensadas, esmagadas, urravam pelo espaço, raivosas com o roldão do massacre que as impelia para frente, mais para frente, rápidas, avolumadas, destroçadas e destroçantes. Um grito tentou transpor o alarido das águas. Sufocado, debateu. As mãos rodaram aleatórias, o corpo submergiu, as águas engoliram o volume audacioso, reviraram-no, enrolaram-no e, famintas, ferinas, insensíveis, frias, friamente, tragaram o corpo, engoliram-no e só mais tarde e só mais longe, vomitaram-no na margem inocente de um rio que se acalmara depois da fúria do tempo... - Dona Elisa, pelo amor de Deus, dona Elisa... não chore... o siô Luiz morreu... morreu afogado... Deus tenha piedade da senhora...

A lembrança, amarga lembrança, somente sumia quando alguém a tirava do silêncio do andar, um cumprimento mais demorado. Ou também o metralhar constante da máquina de costura. Por isso, não gostava de sair à rua, principalmente só. Sempre aquela ponte, aquele rio esperando-a. Por isso, precisava costurar, costurar. Por isso, as mãos que ficaram em casa precisavam das suas mãos. Cada vez mais as suas mãos cortam pano, medem mais e mais, ponteiam, caseiam, alinhavam, sobe a agulha, desce agulha, troca carretel, o matraquear da máquina de costura distrai a lembrança, diminui o tempo de pensar.

A casa conseguida com o pouco que restou da venda de um

terreno e amigos prestimosos vai ficando para trás. Dona Elisa avista o casarão da dona Nair.

2

A boneca de pano, feita pela mãe em um natal de reza e silêncio, está esquecida no gavetão da cômoda. Também não faz falta. Também nunca fez. A boneca era o único presente que podia possuir. No mais, um outro vestido, quase sempre reaproveitado de alguém, de moças conhecidas, sempre moças conhecidas, que a mãe ganhava nas entregas ou no recebimento de roupas para fazer. Sempre conhecidas porque as poucas ruas da cidade apequenavam as relações, interligavam famílias, e todos, um pouco mais, um pouco menos, viam-se, olhavam-se, comentavam, futricavam, escandalizavam-se e se elogiavam mutuamente. Enilda cuidava para que o ferro quente não soprasse para fora as brasas que esquentavam suas vísceras e queimassem aquele vestido. No ir e vir do ferro em brasa, os pensamentos iam e vinham. Os sonhos se iniciavam, ampliavam e, depois, repousavam no tempo presente com o futuro incerto, escuro, indecifrável. Não sabia nem mesmo se continuaria os estudos. A sobrevivência tem que continuar, teimar em ir em frente.

- Dona Elisa está? Ganhei uns doces de abóbora da Ziloca e vim trazer um pouco pras meninas...

Pedro Retratista morava ali perto. Um mato rasteiro saía de sua casa e encostava na cerca de bambu da casa da dona Elisa. O quintal de ambos era todo natureza, limitado pelas medições oficiais e não demarcadas pela civilização. Nem precisava. Era um tempo de limitações e onde, quase sempre, a palavra e o compromisso se cumpriam com um fio de barba.

Pedro Retratista era solteiro. Diziam.

Pedro Retratista sempre com o seu terno, ora branco para visitas e conversas descompromissadas e longas. Ora cinza, para a função do retrato. Ora preto, para a seriedade e respeito da solenidade religiosa e, claro, para velórios e enterros. Sério, responsável e sempre ali perto da dona Elisa e suas filhas. Sempre um agrado, um convite.

- Qualquer dia vou tirar uma foto de vocês. Com este vestido que você está usando vai ficar uma tetéia...

Enilda sempre queria tirar uma foto e sonhava poses e imaginava vestidos. Mas... sempre a mãe advertindo para não tirar proveito da educação alheia, não abusar da bondade das pessoas. Gostava de ver aquele homem tão solícito, educado e elegante, convidando-as para uma fotografia. Muitas vezes, acompanhava os longos diálogos quase sempre na porta da casa. Sabia que o Pedro não era daquela cidade. Viera de outra, Campos Altos, talvez? Ah! sim, solteiro...

- Sabe, dona Elisa, eu tinha uma namorada lá na minha terra... mas não deu certo... fiquei muito chateado e resolvi tentar a vida neste lugar. Esta cidade é muita boa, povo bom... nem penso mais em voltar.

- Como vai a Neide do Doutor Elói?

- Muito correita... muito bonita e educada...

- Faço gosto...

Pedro Retratista sorri leve, satisfeito.

Dona Elisa agradava daquele homem reverente. Sujeito bom, respeitável. Pena que sua família não vinha à cidade e ele sempre solitário... A solidão do vizinho às vezes fazia brotar curiosidade e pequenas nesgas de desconfiança, porém tudo se dissipava na sobriedade do vestir e falar.

- Não abram a boca sobre isso, meninas! É até pecado! Nós não podemos fazer ideias ruins dos amigos...

Enilda ouvindo. E sempre passando a roupa, arrumando a casa e estudando. Até quando ainda não sabia. Dona Elisa comentava qualquer coisa no comércio, um trabalho qualquer. Nas entrelinhas, percebia que a mãe sofria, e se remoía intimamente diante da realidade. As quatro irmãs acompanhavam o calvário da vida, do sustento, das incertezas. Nos diálogos entre elas, plasmava sempre a ideia de um outro dia mais tranquilo, quem sabe um noivado ou... era difícil até mesmo projetar o dia seguinte.

- Enilda... vem cá. O Tônico Barbosa, lá da casa dos “Três Irmãos”, perguntou se você podia trabalhar lá... não no balcão, mas lá dentro, cuidando dos livros de compra... escrevendo os preços dos tecidos nas etiquetas...

A voz embarga, os olhos umedecem. Logo em seguida, a voz se afirma. Escondidas lágrimas começam a esconder a necessidade. O estudo interrompido, forçado pela sobrevivência, uma batalha que exige de

todas o agrupamento e a reverência no matraquear da máquina costurando, a tesoura serpenteando tecidos, corta aqui, cortando ali, sobe a linha e desce a linha no alinhavar das dobras do pano. Os pequenos olhos da menina avaliam suas mãos de menos naquele embate, os dias perdidos debruçados nos livros. Veem a sua presença, escutam a sua voz... tudo distante nas horas dos dias longe da casa, no outro lado da cidade...

- Eu sei, mãe...

Naquela noite, a máquina de costura perturbou o silêncio até mais tarde. Naquela noite, os olhos da Enilda buscavam na escuridão a luz do entendimento e as palpitações no peito ansiavam pelo dia que demorava a chegar. Nas outras três camas, o mistério do silêncio também encobria os corpos femininos.

3

Natal. Noite de Natal.

Nuvens impediam a estrela de Belém de brilhar sobre a pequena cidade. Nas casas, os presépios enfeitavam as salas enquanto as crianças aguardavam o sono para acordar com os presentes do papai-noel. As orações se misturavam nas residências e nos ofícios da igreja.

Pedro Retratista ficava tento para que seu terno branco de linho não amarrotasse. Ao seu lado, Neide o fitava com semblante de bem querer. A luz fraca da lâmpada pouco refletia o cabelo escuro e gosmento de brilhantina do Pedro. Na boca de ambos, doces preenchiam os longos momentos de silêncio e olhares lânguidos. Mas já era tarde, tarde da noite.

Pedro Retratista tinha vontade de tomar aquelas mãos, as mãos de Neide, segurá-las fortemente. Até mesmo beijá-la nas faces brancas, esmaecidas com o pó-de-arroz. Porém o ardor tinha que ser controlado, manietado, amarrado diante do pudor e do respeito. Neide também desejava ser enlaçada por aqueles braços que amava. Ardia pelo desejo de sentir a emoção do beijo, o aperto do corpo no corpo de um homem. Era preciso conter os ímpetos da paixão.

- Feliz natal!

- Feliz natal!

Pedro retratista se afastou lentamente enquanto Neide o

olhava e acariciava o anel que lhe dera.

A rua estava deserta. A iluminação dos postes sumia com a escuridão das nuvens que pareciam querer esmagar as construções, a vida. Pedro caminhava, tentava evitar as poças d'água e a lama que atapetavam as ruas. Percebeu que a água da chuva escapava do seu guarda-chuva e agredia a barra da calça, invadindo seus pés, umedecidos com a lama. Não. Não queria ir para casa. Sentia necessidade de caminhar. As paredes do seu quarto o asfixiariam naquela noite de paz e comemoração solene. A solidão ampliava seu entristecer. Caminhou até à pequena praça, contornou-a. Defronte da igreja, persignou-se, fitando a porta fechada e, lá no alto, o madeiro engolfado pela escuridão. Continuou andando até sair da Praça, seguindo pela rua do Doutor Umberto Verila. Depois, ao término da rua, virou à direita, deixando para trás os míseros casebres, escuros e fechados. Alguns passos mais, percebeu que, se continuasse em frente, chegaria até a casa da dona Zefa, a última casa, distante, solitária, tão solitária que a luz da civilização se recusa a aproximar-se. No entanto, desejava adiar cada vez mais o rumo para a sua moradia. Abaixou o guarda-chuva para proteger-se e, na escuridão, tentava vislumbrar se algum olhar o espreitava, se algum fantasma humano acompanhava o seu deslocamento para o casarão.

Um ponto de luz dependurado no travamento do telhado lhe indicou a escada da varanda. Subiu os poucos degraus. Pareceu-lhe que a confraternização em Cristo afastara os infratores da carne, do gozo, da orgia. O prostíbulo se recolhia também ao mistério da fé. Fechou o guarda-chuva. Notou que, do outro lado da varanda, um vulto de aproximava. Os braços, antes cruzados ao longo dos seios, caíram lentamente para os lados e as mãos se apoiavam na cintura. Viu o movimento suave, insinuante e tentador de um corpo de mulher. Que se aproximou mais. Que o inebriou com perfume excessivo. Que levantou os braços e o enlaçou no pescoço.

Diante daquela mulher provocante, vestido amordaçando o corpo, Pedro Retratista fitou aquele rosto e suas pernas estremeçeram.

-Zizinha!!!

Ela o fitava friamente. Olhos negros e grandes. Descendo pelo nariz afilado, as singelas curvas das narinas se moviam suavemente com o sopro da vida. Os lábios, finos e coloridos, desenhavam um pequeno sorriso que se deslocava de um lado para o outro e era interrompido no canto onde o

contorno dos lábios é barrado pelo encontro da pele de um rosto recoberto de sensualidade e amargor.

- Quer matar a saudade deste corpo que você provou e abandonou?

- Que faz aqui?

- Vivo a minha vida...

Pedro Retratista, atônito, sentiu desabar a sua frente o quadro de um tempo da vida. A Zizinha, sim a Zizinha, a filha do Coronel Custódio. A Zizinha que namorou, a primeira que beijou, a primeira que amou. A Zizinha que se entregou a ele, que lhe abriu as pernas por amor, que depois desprezou, odiou. A Zizinha de quem ele quis o carinho, os beijos ardentes e violentos, o corpo suave e ondulante, e de quem repugnou o filho que iria nascer daquela paixão.

- Acabei de chegar e aqui não tem ninguém.

- Então...

A voz da mulher esvoaçava nos seus ouvidos, zunia nos seus pensamentos solta e embaralhada. Tentava apreender cada vocábulo, cada frase que ia de encontro ao seu entendimento, e um mundo estranho, e que não poderia ter sido assim, filtrava-se em uma visão de infelicidade, dor e desprezo. Um tempo passado que ela agora desfiava, destrinchava diante dele e formava um painel onde a vergonha pelo ato de amor corrompia a fraternidade e a união de um grupo familiar. A inocência viva de uma criatura que lançou seu grito de vida em um tempo em que a mulher tinha que parir primeiro para a sociedade, e, só depois, abraçar o fruto que é expelido na dor, no desconforto, no sofrimento. A fuga de ambos, tentando escapar de uma nova realidade, acrescentando à consciência os fantasmas do esconderijo, ele; as caminhadas para a humilhação, ela. Amaldiçoados, e quanto! Postavam-se, um diante do outro, naquele momento, naquela noite, sob a luz diluída que esboçava seus vultos, e a chuva despencando como lágrimas na escuridão do silêncio. Uma gosma comprida e dilacerante descia pela garganta do homem e envolvia todo o seu estômago.

Pedro Retratista compreendeu que os meandros da vida tinham-no enlaçado. Sentia-se prisioneiro da própria sina, escravizado por aquela mulher. Mas não podia ficar ali. Eles não podiam ser vistos juntos. Ao redor deles, a chuva daquela noite de Natal cantarolava a mesma nota

melódica em um cenário de desgraça, vergonha e desfaçatez. Por um momento, veio-lhe uma ideia absurda: tirar aquela mulher dali e levá-la para sua casa. E rápido, bem rápido, antes que alguém os visse. Antes que alguém o reconhecesse. A imagem de Neide, a doce Neide, de olhar ingênuo e virgem, cobriu rapidamente sua visão. Era preciso sair daquele local. Urgia livrar-se daquele encontro. Zizinha precisava ser convencida em afastar-se dele. Compreender que seus mundos estavam distantes e seus caminhos eram outros e outros deveriam ser. E mais ainda entender que a sua presença, naquela pequena cidade, seria a ruína e a vergonha dele. Ela seguira a própria trilha. Ele seguira a sua. Que ambos assim continuassem no mundo.

- Vamos para a minha casa...

Zizinha sorriu docemente. Levemente, pendeu a cabeça. Pedro Retratista abriu o guarda-chuva. Puxou o braço da mulher, pegou sua mão, apertou-a. Juntos, desceram a escada. Depois, ele a envolveu pela cintura. Confortou-se com aquele corpo macio e perfumado que tantas aventuras lhe dera. Apertou-a mais ainda. Grudou nela ao sabor da chuva que aumentara.

O negrume do guarda-chuva desapareceu na escuridão da noite.

4

Enilda se sentia bem na loja “Três Irmãos”. Passava o tempo etiquetando preços e códigos nos panos e nas roupas. Com linha e agulha prendia as etiquetas nas peças, numerosas peças de pano. Também escrevia com sua letra redonda e clara, letra de mulher, de adolescente, nos livros, e até grandes livros de controle das mercadorias. Passava a maior parte do tempo dentro do escritório. Quando o serviço diminuía tomava o rumo do balcão para pequenas tarefas, uma conversa ou outra com os fregueses. Não recebia muito pelo trabalho que a ocupava o dia todo. Porém, era uma reserva sempre útil no dia do pagamento. Em dia certo, sem atraso. Os Barbosa, além de educados e corretos, eram pontuais em todos os compromissos. Também gostava da loja porque, ali, sentia-se mais livre em novas companhias e em conversas diferentes daquelas que tinha com as irmãs, com a mãe. E elas, mãe e irmãs, sempre a lhe perguntar pelos acontecimentos e acontecidos. E,

também, as pessoas, as gentes que circulavam pela loja, que ela via perambulando no transcorrer modorrento na vida da pequena cidade.

Raras vezes dona Elisa não deixava de acompanhar a filha para a loja, oportunidade que aproveitava para não permitir que a filha fosse tentada a algum desvio. Dona Elisa, quando acompanhava Enilda, parecia dizer a todos do seu orgulho maternal, avivar na memória de todos que mais três filhas estavam dentro da casa, batalhando o sustento. Queria dizer bem claro que a viuvez e as aperturas não lhe tiraram o respeito, a responsabilidade. Por isso, estava ali, sempre que possível, conduzindo a caçula Enilda, levando-a e, sempre que as circunstâncias permitiam, retornava em sua companhia quando a noite ameaçava engolir a tarde.

Enquanto se deslocava pela cidade, entregando as costuras ou buscando-as nas residências da freguesia, dona Elisa carregava dentro de si a preocupação da vida, da viuvez. Às vezes, sobressaltava-se com as incertezas e as filhas sozinhas naquela casa distante, humilde. Nestes momentos, era capaz de não perceber uma outra saudação. Seu semblante petrificava em seriedade e seu porte esbelto e rígido denotava-lhe uma arrogância que ela não tinha. Sentia-se calma quando se lembrava do seu vizinho, o Pedro Retrartista, solícito, e cuja presença nas imediações do casebre a auxiliava a enxotar os fantasmas da insegurança e do medo. Sabia que nem sempre o Pedro Retrartista passava o dia em casa. Mas, à noite, ele se fazia presente e ela podia vislumbrar a luz por entre as gretas das janelas. Nem nas noites em que Pedro Retrartista saía para seus encontros com a Neide, nem assim, ele retornava tarde para o seu casulo.

De Pedro Retrartista também dona Elisa se sentia reconhecida, e isso silenciosamente, quando ouvia, vindo lá do outro lado do imenso quintal, o som do rádio que ele dera de ouvir todas as noites. Um som alto que lhe chegava aos ouvidos e de suas filhas como sopro de vida, de esperança, de presença e calor humano. Dormia com os fantasmas das indecisões, o corpo exausto, a solidão a ocupar o longo espaço da cama, o diálogo constante consigo mesma, as preocupações com quatro vidas que não atinava como iriam viver. Rezava, então, rezava com o terço enrolado na sua mão salpicada de pontadas da agulha. E recebia o sol das manhãs como se o mundo, a vida, comesçassem justamente naquele momento.

Era sábado. Neide esperou o Pedro Retratista na porta da casa, como sempre fazia, elegante, perfumada. Ao vê-lo na distância, a ansiedade aumentou. Teve vontade de ir ao seu encontro. Não o fez porque... bem, porque não ficava bem moça prendada ir ao encontro do namorado. Aguardou sua chegada, torcendo os delicados dedos da mão.

- Pedro... hoje, temos uma festa pra ir... lá na casa do Umberto Verila...

- Onde?

- Na casa da dona Nair. A Leda, que estuda em Belo Horizonte, chegou ontem e hoje vão fazer uma festa. Vamos?

Pedro Retratista olhava a alegria e a ansiedade naquele conjunto todo de mulher. Abaixou os olhos.

- Vamos, Pedro, vamos!

Ele não queria magoar, não desejava frustrar os sonhos da inocente mulher. Concordou. As expansões de alegria da amada aumentaram sua tristeza contida.

Para Neide, aquela noite ocupara todo o seu dia, todo seu pensamento. A casa bonita e agradável dos Verila, a Leda com tantas novidades da capital para contar. Também as irmãs e as atenções da dona Nair. Também porque era oportunidade de caminhar livremente por algumas ruas com o Pedro Retratista ao seu lado. Orgulhava-se dele. Modesto, elegante, respeitado. Percebia-o ultimamente menos expansivo e com um discreto semblante triste. Notava que as palavras não fluíam tão constantes dos seus lábios. Neide tentava compreender seu amado. Avaliava nos seus devaneios que o tempo, um tempo já tão longo, talvez estivesse pesando sobre os ombros daquele homem que a escolhera, e que ela desejava para si. Quem sabe se aproximava o momento em que ele, ao lado dela, diante do pai, formalizaria o compromisso da união. Vendo-o tão distante e muitas vezes retraído, Neide ampliava o carinho e o amor, e mais o admirava, envolvido que deveria estar nas responsabilidades do gesto e do compromisso.

Os janelões da grande casa escancaravam para a noite a escuridão estrelada, a aragem branda, o possível da precária iluminação elétrica da cidade. Dona Nair se locomovia por todos os lados. Recebia

alguém na porta, conversava com outro na sala, voltava à cozinha para verificar as bandejas. Na sala, ampla, que abrigava um piano, elegantemente vestido, Umberto Verila aguçava a curiosidade dos homens, todos atenciosos nas notícias do Rio de Janeiro, os seus negócios com café e as conversas que vacilavam entre as simpatias por Getúlio Vargas e as propostas integralistas. Em outra sala, as mulheres desfiavam o dia a dia, sempre o mesmo, diariamente, para todas elas. E os olhares percorrendo as novidades da elegância, os ouvidos apanhando somenos das frivolidades e os planos familiares. As moças, e eram muitas, buscavam ávidas a companhia da Leda com seus comentários do internato em Belo Horizonte. Rapazes ressabiados e contidos se agrupavam na varanda ou em algum canto disponível do casarão.

Dona Elisa chegara mais cedo, rodeada das quatro filhas. Era fácil perceber que ali estava quando se notava Carolina, Efigênia, Maria José e Enilda juntas, sempre juntas. Pareciam até que se locomoviam presas à figura e aos pensamentos da mãe que permanecia na cozinha, prestativa nos auxílios à dona Nair. Neide brilhava os olhos de felicidade, e aproveitava aquele momento para furtivamente encostar-se em Pedro Retratista, roçar seu braço e pender sua cabeça no ombro do homem amado. O alvoroço das moças obrigou Neide a juntar-se ao bando, lá no quarto, de onde risinhos pueris se silenciavam por instantes diante das bandejas de alimento.

Pedro Retratista retirou-se silencioso quando o cantor e compositor Benedito Lacerda, constante hóspede e bem-vindo seresteiro, assomou no meio da festa, alegre com a reunião e a hospedagem generosa do amigo Umberto. Do outro lado da varanda, cabisbaixo, ficou por um longo tempo.

- Ô Pedro, vem cá... o Benedito vai cantar para nós...
- Daqui a pouco, senhor Umberto... daqui a pouco...
- Êêê... homem apaixonado, cabresto curto...

Pedro Retratista olhava o céu estrelado, enquanto as vozes corriam pela casa e se aglomeravam em volta do Benedito Lacerda e seu violão.

- “Com o prefeito que é o senhor Carlos Camarão/ fui fazer uma excursão/ um passeio colossal/ Quinze de junho, ano de quarenta e um/ veio um pio de anu no meio do capinzal/ Seu Benedito, Benedito, toca o carro devagar que o farol tá escuro e nós queremos cochilar...”

O repente tirava palmas e aplausos de um coro uníssono de alegria, e o Pedro continuava imóvel em seu lugar.

- “Foi festa chique, foi festa frajola/ a igreja e uma escola pra benzer e inaugurar...”

Depois das palmas, o cantor completa:

- “... O senhor Elói Viana foi conosco até lá.”

Riam largamente, satisfeitamente, o Carlos Camarão, o Elói.

Pedro Retratista recusou o suco de laranja, de maracujá... todos os sucos. Também o delicioso licor de uva, especialidade trazida do Rio, de uma casa importadora. Cerveja? Também não. Desligado do mundo dos homens, seus ouvidos perdiam os versos que o Benedito criava no momento e avolumavam o ego de cada homenageado. Neide percebeu a ausência do namorado. Procurou-o e, ao vê-lo assim acabrunhado, também entristeceu. Por um longo tempo permaneceram silenciosos. Até que Pedro, olhando-a com as pálpebras abaixadas, pediu-lhe que se retirassem e mais não quis falar. Insistiu Neide. Inútil. Deixou-o ali por alguns instantes. Agradeceu aos anfitriões a noite tão maravilhosa, despediu-se de uns, justificou que o Pedro... que o Pedro não se sentia bem. Pedro Retratista amparou-a no braço, desceram a pequena escada da varanda, silenciosos, deixando a alegria, a descontração. Lá de dentro, Neide ainda pôde ouvir, caminhando, o Benedito violando e cantando: “A Enilda é sorridente/ é uma menina prosa/ é a melhor funcionária/ lá da casa dos Barbosa...”

Despediram-se silenciosamente. Neide sentia que lágrimas ameaçavam brotar em seus olhos quando Pedro Retratista pegou na sua mão, apertou-a, e, polidamente, trouxe-a até o seu rosto como se fosse beijá-la. Ele levantou os olhos, em seguida, abaixou-os, desceu as mãos e se afastou. Neide o viu distanciando-se, e as lágrimas desmancharam a maquiagem de uma noite de sonho.

Pedro Retratista seguiu adiante. Contornou a praça e parou defronte a porta da igreja, fechada. Não se persignou. Levantou mais a cabeça e viu a cruz lá no alto, rodeada de estrelas no céu claramente azul. Do outro lado da rua, percebeu a casa paroquial. Aproximou-se. Com o dedo indicador encolhido, bateu duas vezes na porta. Pouco depois, repetiu o gesto. A porta da casa paroquial se abriu.

- Boa noite, senhor Pedro... o que deseja?
- Preciso confessar, padre Jerônimo...
- Mas, filho, aqui? A esta hora?
- Padre... o meu pecado...

A porta se fechou atrás do Pedro Retratista.

6

Dona Elisa saiu cedo da cama. Sentia-se cansada das atividades da noite anterior. Mas os compromissos na máquina de costura a esperavam. O aroma do café quentinho não buliu com as filhas naquela manhã de domingo. Julgou melhor deixar que elas dormissem até mais tarde, desfrutando talvez em sonho os momentos vividos na casa do Umberto Verila. Apanhou a roupa e se pôs a costurar enquanto o sol subia, diminuindo a intensa claridade do pequeno cômodo. Apesar de atenta ao trabalho, Dona Elisa notou reboição perto da sua casa. A curiosidade não a moveu. Até que o burburinho e o caminhar mais ativado de gente a fez aproximar-se da janela e vislumbrar um mutirão de pessoas em volta da casa do Pedro Retratista.

- Tem uma mulher enterrada no quintal do Pedro...

Dona Elisa jogou o pano em cima da máquina e saiu lépida para a porta da rua. Encaminhou para o lado do aglomerado e, em seguida, retornou lacrimejante, trêmula, desacreditando...

- Parece que o Pedro Retratista matou uma mulher...

Seus soluços abafados acordaram as filhas. Assustadas, preocupadas, perceberam pela janela da sala que algo estranho acontecia. Trocaram as roupas, apressadas. Carolina, Maria José e Efigênia foram para o quintal enquanto Enilda ocupou a janela da sala. Não se contentou. Subiu em uma cadeira. Queria ver mais e encarapitou no peitoril. Dali, distinguiu o terno branco do Pedro Retratista, os policiais armados mantendo a roda volumosa de curiosos aberta e distante. Lá, o Elói do Cartório, o Tônico Barbosa, o Aristeu delegado e mais e mais gente respeitada.

Com o braço estendido, Pedro Retratista apontava para uma pedra.

- Está aqui...

Tonico Barbosa percorreu o olhar da pedra para aquele homem distinto, vestido de branco, e não acreditava nas surpresas daquela manhã de domingo. Contemplando aquele cidadão de aparência insuspeita, surgiam na sua memória as imagens do Pedro Retratista solicitando conversa muito particular. Trancados em seu escritório, o vulto com aspecto combalido e olhos vermelhos sentou-se na cadeira, abaixou a cabeça e pronunciou a frase que, jamais, pensara em ouvir: “Sou um assassino”. E as lágrimas, abundantes lágrimas, escorriam pelo rosto coberto com as mãos. Aquele homem que tanto sua casa abrigara, estava na sua frente, confessando, pedindo-lhe ajuda. Entre soluços dizia que contara para o Padre Jerônimo, porém o segredo da confissão era indevassável. Que ele procurasse alguém, contasse a verdade e que fosse denunciado.

- Por amor em Cristo... me denuncia!

Tonico Barbosa ficara por alguns instantes imóvel, gelado, sem ação e reação. Diante daquele trapo humano conseguiu apenas chamar o empregado da loja e a voz trêmula despencou, ordenando que chamasse o delegado, que viesse urgente, urgente. Depois, os dois homens, um diante do outro. Um chorando, chorando. O outro, arrasado, confuso e o coração batendo forte, num esforço titânico para não molhar as faces. Depois, depois... o transtorno. Agora... nunca, nunca mesmo, imaginara que, um dia, pudesse fitar um homem morto na sua alma...

- Afasta a pedra... só você!

Pedro Retratista curvou-se ante a ordem do delegado e empurrou silencioso aquela pedra onde, muitas vezes, se sentara para observar rolinhas, tico-tico, sabiás...

- Pega o enxadão e começa a cavar!

Pegou o enxadão, o seu enxadão, segurou-o firmemente. Levantou-o e o deixou ferir o solo. Pedro Retratista sentiu a terra se espalhar e, fitando-a, viu o rosto da mulher naquela noite. Sentiu, como sentira, o calor do seu corpo grudado ao seu, varando a noite, abraçados, fugindo da chuva.

A lâmina desce violenta pela segunda vez. Tivera dificuldade para abrir a porta no escuro da noite, a mão molhada segurando a chave. Na outra, o guarda-chuva. Ela entrou. Ele acendeu a luz. Ela olhou para ele, transpirando desejo. Sedutora. Desceu a alça do vestido, depois a outra e os seios despontaram no sutiã. Ela caminhou lentamente em sua direção e,

roçando o farto colo, beijou-o suavemente na boca. Em seguida, virou-se, localizou a porta do quarto, o quarto dele. Tomou aquele rumo, balançando, desafiadora, os suaves contornos do corpo. E ele, a princípio estático, recuou. Um passo. Outro. Mais outro.

A terceira queda do enxadão rasga a terra. Não. Não queria aquela mulher. Não desejava o seu corpo, não queria ouvir os gemidos do prazer. Não... Zizinha não era a mulher que preencheria sua vida. Abandonara-a uma vez. Sim, errara ao deixar-se envolver. Errara ao abandoná-la antes que um grito espoucasse do seu ventre para a vida. Não a queria porque seu corpo trazia cicatrizes vergonhosas de outras mãos. Não a queria porque amava... adorava Neide.

O enxadão desce violentamente mais uma vez. Viu-a sobre a cama a sua espera, oferecida, despidoradamente oferecida. Afastou-se mais. Na cozinha, apoiando as mãos sobre a mesa, distinguiu um martelo na balbúrdia da prateleira. Pegou-o. Não mais coordenava os pensamentos. A certeza lhe dizia que aquela mulher lançaria, mais uma vez, a sua vida na vergonha, no descrédito, na humilhação. Ele não tinha alternativa. Caminhou lentamente sob a luz raquítica da sala, entrou no quarto, aproximou-se daquele corpo, apalpou-lhe as nádegas, subiu a mão até o ombro. Ela contorceu suavemente, convidativa. A mão percorreu o pescoço, apertou seus longos cabelos. A outra mão levantou a arma, e quando os cabelos ficaram firmes, o braço desceu e um barulho oco, violento, umedeceu seus dedos. Novamente, o martelo subiu e odiosamente estrondou, e mais uma vez ainda subiu e arrasou o que atingira.

A terra se avolumava sobre os seus sapatos pretos, luzidios. Depois, o desespero, o arrependimento, o choro convulsivo. A chuva caía impiedosa e ele se curvava sobre a terra, cavando o abismo da própria destruição. Um corpo esgotado arrasta um outro, pesado, frio, horrendo. O barro cobre a desgraça e a água lava as marcas da tragédia.

Do seu rosto e de todo o corpo escorria o suor da expiação, empapava sua camisa, o paletó, e respingava no solo inocente.

- Agora usa a enxada para puxar a terra!

Obedeceu mecanicamente a ordem do delegado.

A terra obedecia ao arrastão do metal. Ah! como seus dias se tornaram sombrios e as noites tormentosas. O vulto destroçado de Zizinha o

acompanhava o tempo todo. Imagem que o envolvia, fazia-o revirar na cama, e que ele via bem visto no escuro. Os alimentos pareciam trapos de carne, e a água lhe descia pela garganta como a rubra gosma vermelha que escorrera em suas mãos. A todo instante, ouvia o estrondo estraçalhando covardemente a ingenuidade desprotegida. O rádio tentando, inutilmente, silenciar aquele barulho na consciência. Alto, bem alto a música, e o volume oco daquela noite se agigantava e o desesperava. Escondia-se no próprio silêncio, vivia nas entranhas da morte.

Enilda viu a figura humilhada colocar a enxada no chão, curvar-se, remexer a terra, e um fragmento de osso pousou sobre a pedra. Desceu abruptamente do peitoril, correu para o quarto e chorou, chorou indefinidamente.

7

Dona Elisa sentia-se esmorecer. A filhas crescidas, criadas, desocupadas, ocupando a casa. A máquina de costura implorando mais e mais companhia e as encomendas rareando. Chamou as filhas. Conversaram. Havia promessa de um parente, emprego para uma ou outra na cidade próxima, disse. Falaram muito e não puderam conter lágrimas. Quem sabe, mais para a frente, Deus ajuda o retorno...

Dias depois, um caminhão juntava o pouco de proveito... a máquina de costura. A decidida mulher na cabina, as filhas na boléia, silenciosas, tristes. Ganharam a estrada, e endurecia uma ou outra lágrima na poeira da viagem. Era preciso buscar novos ganhos, colocação para as filhas onde fosse possível. Na pequena cidade do rio “Formiga” o tempo escoava e não cresciam as oportunidades. Para trás, as lembranças da terra natal, as amigas, as despedidas chorosas, lamentosas. Para trás, ficava a humilde casa para outro humilde. O tempo passara, e bastante, desde que a casa do outro lado terreno se trancara no abandono e se tornara morada de fantasmas.

Cada vez mais distante ficava um tempo. Em cada uma se alojava a esperança de, algum dia, novamente pisar o chão que ouvira seus primeiros gritos, o andar vacilante, alimentou bocas, povoou sonhos, envolveu amizades. Lentamente, dissipava uma parte da vivência. E mais nada.

Lágrimas brotaram nos olhos cansados da dona Elisa. O Umberto Verila falecera, repentinamente. Os dias seguintes amanheciam com a sua ânsia de abraçar e confortar a Nair, a solícita Nair dos muitos e muitos vestidos encomendados, das roupas para uso das filhas, presentes, guloseimas e do socorro nos momentos difíceis para alimentar as bocas na casa perto da pinguela do “Mata-Cavalo”. Tinha que ver a infeliz dona Nair, abraçá-la, confortá-la. Unir, possivelmente, lágrimas de tristeza e solidão.

- Suas irmãs estão trabalhando. Só você, Enilda, pode me acompanhar. O Genaro ofereceu a viagem no carro para lá, amanhã...

Mãe e filha olhavam a poeira da estrada mais uma vez e tornavam à terra natal para reencontro com a tristeza. Os corações aceleraram quando o carro do Genaro encontrou as primeiras casas, invadiu as primeiras ruas, e estacionou defronte do casarão de tantos favores e tanto sustento. Mãe e filha desceram. Percorreram com os olhos aquelas ruas antes tão delas, agora tão diferentes, tão modificadas e suas gentes desconhecidas. Ninguém para uma saudação, um abraço, aperto de mão. Sentiram-se estranhas no pequeno mundo que, um dia, foi delas, só para elas. Subiram a escada. Ganharam a varanda. Bateram na porta. Dona Nair, aos prantos, juntou-se em um abraço longo aos prantos também sofridos. Choraram lembranças. Soluços se multiplicavam mais que as palavras. Notícias esparsas dos filhos, das filhas. O lamento do abandono, distante um tempo que não mais existe com o passar do tempo. Depois, um rápido café e novos choros na despedida. Apressadas, saíram para alcançar o trem de ferro que a hora já é até passada.

Na estação, o trem expelia fumaça e guinchos como se, envelhecido, não conseguisse se sustentar. Enilda reconheceu na plataforma a Dulce, a dulcíssima Dulce, de confidências e amizade na loja “Três Irmãos”. Abraçaram-se. Alegraram-se as duas naquela terra que tanto foi delas.

- Meu filho... meu e do Pedro Martelo...

- Não sabia... que bom... Deus abençoe...

Dulce interrompe a conversa. Chama.

- Pedro Martelo... a dona Elisa e a Enilda. Lembra?

Pedro Martelo se aproximou, olhou as duas fixamente e abaixou a cabeça. Dona Elisa tentou falar, gaguejou. Enilda sentiu que suas

pernas amoleciam. Veio-lhe à memória a imagem daquele terno branco, o enxadão, o osso sobre a pedra... O trem está de partida. Não há mais tempo para palavras.

- Adeus!... Adeus!...

O trem de ferro arrasta pesadamente a sua carcaça pelos trilhos, e leva no amargor do silêncio de mãe e filha a lembrança, a recordação do Pedro Retratista.

Pedro Martelo - os fantasmas envelheceram também com o tempo.

As casas da cidade sumiam na fumaça da locomotiva e as duas mulheres silenciosas, pensativas. Enilda olha a paisagem que corre através da janela e, no seu íntimo, parece antever que jamais retornará para a sua terra natal.

Jamais.